

ELENICE CHRISTINA MAURÍLIO DA SILVA

**GORDA, PRETA E PERIFÉRICA: UMA ANÁLISE DISCURSIVO- CRÍTICA DO
ATIVISMO DE ELLEN VALIAS NO INSTAGRAM**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós- Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Maria Carmen Aires Gomes.

**VIÇOSA- MINAS GERAIS
2023**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

S586g
2023

Silva, Elenice Christina Maurílio da, 1996-
Gorda, preta e periférica: uma análise discursivo-crítica do
ativismo de Ellen Valias no Instagram / Elenice Christina
Maurílio da Silva. – Viçosa, MG, 2023.

1 dissertação eletrônica (98 f.): il. (algumas color.).

Inclui apêndices.

Orientador: Maria Carmen Aires Gomes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Letras, 2023.

Referências bibliográficas: f. 93-98.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2023.772>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Análise crítica do discurso. 2. Gordofobia.
3. Discriminação estética. 4. Interseccionalidade (Sociologia).
I. Gomes, Maria Carmen Aires, 1971-. II. Universidade Federal
de Viçosa. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação
em Letras. III. Título.

CDD 22. ed. 401.41

ELENICE CHRISTINA MAURÍLIO DA SILVA

**GORDA, PRETA E PERIFÉRICA: UMA ANÁLISE DISCURSIVO- CRÍTICA DO
ATIVISMO DE ELLEN VALIAS NO INSTAGRAM**

Dissertação apresentada à Universidade Federal
de Viçosa, como parte das exigências do Programa
de Pós- Graduação em Letras, para obtenção do
título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 25 de maio de 2023

Assentimento:

Documento assinado digitalmente
 **ELENICE CHRISTINA MAURILIO DA SILVA**
Data: 18/12/2023 19:58:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Elenice Christina Maurílio da Silva
Autora

Documento assinado digitalmente
 **MARIA CARMEN AIRES GOMES**
Data: 19/12/2023 16:54:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Maria Carmen Aires Gomes
Orientadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Aparecida e Lenilson, que me apoiaram incondicionalmente ao longo de toda a minha trajetória acadêmica. Agradeço especialmente minha mãe, que segurou minha mão e não permitiu que eu desistisse. Obrigada por acreditar no meu potencial quando até eu mesma não conseguia enxergar!

Sou extremamente grata a professoras, professores, funcionárias e funcionários do Departamento de Letras, que mesmo em meio à pandemia e todas as dificuldades, se fizeram presentes e pacientes. O meu muito obrigada!

Agradeço também à minha orientadora Maria Carmen Aires Gomes pelas dicas, trocas e acolhimento sempre que necessário. Aos colegas do grupo de pesquisa AFECTO, que ao longo das reuniões e debates sempre contribuíram para que a pesquisa fosse um lugar de troca, apoio e coletividade. Agradeço especialmente a Jú e a Xanda, mulheres gordas que me inspiram enquanto intelectuais e que se fizeram presentes ao longo de todo processo.

Aos colegas de mestrado, graduação e disciplinas, que fizeram parte das reflexões, aflições, escrita, que se mostraram sempre abertos ao diálogo e à escuta. À minha prima Tamires e meu companheiro Filipe, que com alegria e calma me fortaleceram nos momentos difíceis da escrita.

Agradeço, por fim, a Princesa, Neguinha e Yoshi, que contribuíram diariamente para que minha existência fosse mais feliz.

“E eu digo: você tem o direito de ser gorda”.
(Virgie Tovar)

RESUMO

SILVA, Elenice Christina Maurílio da, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, maio de 2023.
Gorda, Preta e Periférica: uma análise discursivo-crítica do ativismo de Ellen Valias no Instagram. Orientadora: Maria Carmen Aires Gomes.

A presente investigação objetivou analisar de maneira discursiva-crítica como Ellen Valias, uma mulher gorda, preta, periférica produz discursos que combatem a gordofobia através de publicações realizadas na rede social Instagram. A gordofobia é uma forma de discriminação em relação a pessoas gordas que se manifesta em diferentes espaços e relações, como por exemplo, nas relações afetivas, no mercado de trabalho, nas instituições de saúde e de educação, na indústria da moda, através dos meios de comunicação, dentre outros. Além disso, pode-se desenvolver através de violência tanto física quanto verbal, podendo gerar exclusão e marginalização de pessoas gordas, bem como causar consequências à saúde física e mental (Jimenez-Jimenez, 2020a, 2020b). Um dos objetivos da pesquisa é identificar a maneira como Ellen Valias avalia por meio do *afeto*, do *julgamento* e da *apreciação* (White, 2004) as práticas e atos de gordofobia que se desenrolam no âmbito social. Para além disso, buscou-se analisar como esse corpo interseccionado por eixos de poder de opressão, segundo a matriz de dominação hegemônica (Collins, 2019), produz discursos combativos, ativistas, de reexistência e resistência. A gordofobia é um problema semiótico parcialmente discursivo que está presente na vida em sociedade, nesta pesquisa foi examinado através da abordagem teórico-metodológica da Análise de Discurso Crítica de vertente britânica (Fairclough, 2001 [1992]), em diálogo com estudos que têm como objeto os corpos gordos femininos (Silva, 2015; Carvalho, 2018; Rangel, 2018; Tovar, 2018; Arruda, 2019; Arruda; Miklos, 2020, Jimenez-Jimenez, 2020a; 2020b; Pionorio; Pontes, 2020), assim como teorias que abordam as questões interseccionais e do feminismo negro (Gonzalez, 1984; Collins, 2016, 2017, 2019; Ribeiro, 2017; Bueno, 2019; Carneiro, 2019; Diaz-Benitez, 2020; Nascimento, 2020). O estudo de cunho documental voltou-se para textos/documentos produzidos e divulgados no período de 11 de março de 2020 a 10 de setembro do mesmo ano, totalizando um total de 97 textos. Eles, por sua vez, foram transcritos, salvos em *txt*, e rodados no *software* AntConc, para análise textual e linguística. As recorrências encontradas no *software* direcionaram a análise para as três principais temáticas desenvolvidas por Ellen Valias em seu perfil do Instagram, sendo elas: Prática de Atividades Físicas, Gordofobia e Racismo. A partir disso, 6 publicações foram selecionadas para fim de visualização e análise das mesmas a partir das categorias empregadas na pesquisa. Constatou-se que Ellen Valias tenta através de seu ativismo produzir práticas

discursivas e sociais re/desarticulatórias de lutas hegemônicas, no processo que busca a desnaturalização da gordofobia, do racismo nas práticas de atividades físicas, assim como nas relações de trabalho, nas relações desenvolvidas em espaços escolares, dentre outras. Reivindica o seu lugar enquanto agente crítica que se coloca como responsável pela produção de uma nova narrativa sobre os corpos gordos, identificando e avaliando tais corpos como capazes, belos, saudáveis, bem como merecedores de respeito e acessibilidade.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica. Corpos Gordos. Gordofobia. Interseccionalidade.

ABSTRACT

SILVA, Elenice Christina Maurílio da, M. Sc., Federal University of Viçosa, May, 2023. **Fat, Black and Periphereic: a critical discursive analysis of Ellen Valias activism on Instagram.** Adviser: Maria Carmen Aires Gomes.

This research aimed to analyze, in a discursive-critical way, how Ellen Valias, a fat, black, and periphereic woman, produces discourses that combat fatphobia through publications on the social media platform Instagram. Fatphobia is a form of discrimination towards fat people that manifests in different spaces and relationships, such as in romantic relationships, the job market, health and education institutions, the fashion industry, through media, among others. Additionally, it can be developed through both physical and verbal violence, leading to exclusion and marginalization of fat people, as well as causing physical and mental health consequences (Jimenez-Jimenez, 2020a, 2020b). One of the research objectives is to identify how Ellen Valias evaluates, through affection, judgment, and appreciation (White, 2004), the practices and acts of fatphobia that take place in the social context. Furthermore, it seeks to analyze how this body, intersected by axes of power oppression, according to the matrix of hegemonic domination (Collins, 2019), produces combative, activist, reexistence, and resistance discourses. Fatphobia is a partially discursive semiotic problem that is present in social life. This research examined it through the theoretical-methodological approach of Critical Discourse Analysis of the British school (Fairclough, 2001 [1992]), in dialogue with studies that focus on fat female bodies (Silva, 2015; Carvalho, 2018; Rangel, 2018; Tovar, 2018; Arruda, 2019; Arruda; Miklos, 2020, Jimenez-Jimenez, 2020a; 2020b; Pionorio; Pontes, 2020), as well as theories that address intersectional issues and Black feminism (Gonzalez, 1984; Collins, 2016, 2017, 2019; Ribeiro, 2017; Bueno, 2019; Carneiro, 2019; Diaz-Benitez, 2020; Nascimento, 2020). The documentary study focused on texts/documents produced and disseminated from March 11, 2020, to September 10 of the same year, totaling 97 texts. They were transcribed, saved in txt, and analyzed through the AntConc software for textual and linguistic analysis. The recurrences found in the software directed the analysis to the three main themes developed by Ellen Valias on her Instagram profile, namely: Physical Activity Practice, Fatphobia, and Racism. From this, six publications were selected for visualization and analysis based on the categories employed in the research. It was found that Ellen Valias attempts, through her activism, to produce discursive and social re/disarticulatory practices of hegemonic struggles in the process of denaturalizing fatphobia and racism in physical activity practices, as well as in work relationships, relationships developed in school spaces, among others. She claims her place as a critical agent responsible for producing a new narrative about fat bodies,

identifying and evaluating such bodies as capable, beautiful, healthy, as well as deserving of respect and accessibility.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Fat Bodies. Fatphobia. Intersectionality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Concepção tridimensional do discurso	25
Figura 2: Print do perfil de Ellen Valias.....	52
Figura 3: Print de planilha de dados coletados nas publicações de Ellen Valias	54
Figura 4: Categorias analíticas do Modelo Tridimensional.....	56
Figura 5: Capa do Ebook de Ellen Valias.....	62
Figura 6: Print de publicação feita no perfil de Ellen Valias.....	65
Figura 7: “Word List/ Lista de palavras” dos textos transcritos.....	68
Figura 8: Representação da relação entre os temas predominantes das publicações	70
Figura 9: Algumas hashtags utilizadas por Ellen Valias	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Textos selecionados para análise de excertos.....	55
Quadro 2: Recorrências de palavras que vão ao encontro aos nossos objetivos de pesquisa...	69

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PNS	Pesquisa Nacional de Saúde
ADC	Análise de Discurso Crítica
ADTO	Análise de Discurso Textualmente Orientada
OMS	Organização Mundial da Saúde
AFECTO	Abordagens Faircloughianas para Estudos sobre Corpo/Discurso Textualmente Orientados
TSD	Teoria Social do Discurso
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
ADCI	Análise de Discurso Crítica Interseccional
PQ	Pesquisa Qualitativa

SUMÁRIO

APONTAMENTOS INICIAIS.....	12
CAPÍTULO 1	20
1. PERSPECTIVAS TEÓRICAS QUE NORTEIAM A PESQUISA.....	20
1.1. O surgimento da Análise de Discurso Crítica e alguns aspectos iniciais	20
1.1.1. A Teoria Social do Discurso	22
1.1.2. A Análise de Discurso Crítica e algumas pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Letras.....	29
1. 2. Os corpos gordos como objeto de análise: da morte social ao ativismo.....	32
1.3. Os estudos interseccionais e o pensamento feminista negro	39
CAPÍTULO 2.....	48
2. PERCURSOS METODOLÓGICOS	48
2.1. A natureza da pesquisa.....	48
2.2 Definição, coleta e sistematização do <i>corpus</i> de pesquisa.....	51
2.3 Quadro analítico e categorias de análise da pesquisa	56
CAPÍTULO 3.....	61
3. GORDA, PRETA, PERIFÉRICA: A RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIA DO SER E ESTAR NO MUNDO	61
3.1. Prática de Atividades Físicas	71
3.2. Gordofobia	76
3.3. Racismo	80
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
5. REFERÊNCIAS	93

APONTAMENTOS INICIAIS

Conjuntura Sociopolítica do Brasil e construção da pesquisa

Esta pesquisa inicia-se justamente quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara mundialmente a pandemia de COVID-19, em março de 2020, que influenciou diretamente em diferentes esferas da vida em sociedade. Os países em contexto global se viram obrigados a lidar com a crise sanitária, em meio a uma esfera de incertezas, o que fez com que cada país construísse à sua maneira as suas estratégias de enfrentamento em relação ao vírus.

No caso do Brasil, como destacado por Suzana Silveira, Renan Rossi e Gabriel De Vuono (2020), as contaminações chegaram em um contexto particular, pois além da recente crise sanitária o país já vinha enfrentando uma crise “política, estrutural, econômica e social” (Silveira; Rossi; De Vuono, 2020, p. 2). Deste modo, a pandemia ganhou configurações diferentes no território brasileiro.

Tal configuração se deu principalmente pelo período da pandemia de COVID-19 ser marcado pelo descaso com a prevenção, com o isolamento, e principalmente, ao negar e ignorar as recomendações científicas sobre o vírus e seus possíveis danos à saúde. A partir disso observou-se “resultados alarmantes com altos números de infectados e mortes” (Lucho De Araujo; Eichler, 2022, p. 175) pelo vírus. Em relação a tal aspecto, devemos apontar três elementos que contribuíram diretamente para o alto índice de mortes no Brasil, este que ultrapassou a marca de 600 mil pessoas.

O primeiro é a irresponsabilidade governamental, principalmente do presidente da República, que através da deslegitimação das recomendações médicas e científicas, não só brasileiras, mas a nível mundial, banalizou a contaminação da população, bem como os desdobramentos que surgiram a partir da pandemia no início de 2020, como por exemplo o aumento do desemprego, a fome, o aumento da violência doméstica contra mulheres¹, como também uma maior desigualdade social.

O segundo, por sua vez, está diretamente ligado ao primeiro, que é apontado por Lucho De Araujo e Eichler (2022) como os impactos que se desenvolveram a partir da produção e circulação das chamadas *fake news*. Assim, tais notícias funcionavam como uma importante ferramenta para a expansão da desinformação, bem como para o ataque às contribuições e

¹ Para maiores informações sobre o aumento dos casos de violência doméstica contra mulheres, recomenda-se a leitura da dissertação de autoria de Cintia de Freitas Rodrigues Loureiro de título “Violência doméstica contra mulheres e pandemia de covid 19: uma análise discursiva multimodal com dados do Instagram”.

avanços da ciência, como por exemplo os “ataques à eficácia das vacinas tornaram o cenário ainda mais conturbado e distante da realidade científica” (Lucho De Araujo; Eichler, 2022, p. 184).

Já o terceiro refere-se à população que mais foi afetada pelo vírus, as populações periféricas. Como apontado por Gaia (2020), tal aspecto se apresenta como uma questão que reproduz ainda mais os problemas sociais existentes no Brasil, em que mais uma vez as populações das “margens” sofreram pelo abandono e pelo descaso do Estado. A impossibilidade de trabalhar, em função do aumento do desemprego e do isolamento social obrigatório, e também o deslocamento de casa para o trabalho em que o transporte público era o mais viável. São questões que afetaram diretamente a população mais vulnerável e periférica.

O autor destaca então que para se pensar a questão da periferia é necessário abordar primeiro a marginalização e exclusão social que os moradores e moradoras de tais localidades, e que, em contexto de crise, neste caso, uma crise sanitária, os mais afetados por ela é a camada mais pobre da população. Alguns trabalhadores e trabalhadoras que anteriormente saíam de suas casas para desenvolver suas atividades, sendo elas formais ou informais, passaram a ter dificuldades para se manter. Em muitos casos, a crise econômica, os altos preços e a questão da contaminação eram argumentos utilizados por alguns grupos de contratantes de serviços. Já nas funções desempenhadas informalmente, a impossibilidade de trabalhar nas ruas, nos serviços não essenciais, inviabilizaram a obtenção de renda de muitas famílias (Gaia, 2020).

A pandemia de COVID-19 ganhou características específicas devido ao contexto social, econômico, cultural e político do país, evidenciando ainda mais os problemas sociais que já acometiam o Brasil, bem como auxiliou na intensificação de tais problemáticas. A partir disso fazemos alguns questionamentos: Como essa conjuntura sociopolítica e cultural interfere no contexto de nossa pesquisa? Como se inicia uma pesquisa que tem como objeto o combate à gordofobia por uma mulher preta gorda periférica que usa as redes sociais - *Instagram*- para atuar de forma crítica e decolonial, sendo que essa mulher faz parte dessa população periférica afetada diretamente pelo contexto pandêmico? Como desenvolver este tipo de pesquisa em um contexto de isolamento e distanciamento sociais sendo uma pesquisadora gorda branca periférica?

Contexto de produção da pesquisa

Neste contexto pandêmico não só as atividades trabalhistas informais, como também a educação, a pesquisa, dentre outras tantas ações, tiveram que se reformular/reinventar para se adaptar à nova realidade imposta pelo COVID-19. Nesta seção, problematizamos como a

pandemia afetou os contextos educacionais e acadêmicos e que influenciaram diretamente na produção dessa dissertação.

Em relação à educação, em função da necessidade de isolamento social para conter a proliferação do vírus, bem como a contaminação coletiva, diversas instituições de Ensino Superior, assim como da Educação Básica, tiveram que oferecer a modalidade *online* de seus cursos; foi o que ocorreu com o Programa de Pós-Graduação em Letras, o qual nossa pesquisa se vincula. Não só as aulas foram oferecidas em formato remoto, mas também as reuniões de orientação e dos grupos de estudos.

Diante disso, as relações entre os estudantes e professores/professoras, assim como as estabelecidas com os colegas de programa, foram mediadas pelas telas de celulares e computadores, dentre outros aparelhos tecnológicos, aspecto que pode ter influenciado diretamente na maneira com que a socialização foi estabelecida por tais pessoas.

O contexto pandêmico, tão inusitado, diferente e, muitas vezes, cruel, transformou não só as maneiras de interagir com as pessoas, com os espaços das cidades e das casas, mas também a forma como desenvolvemos inúmeras atividades cotidianas (Silveira; Rossi; De Vuono, 2020). A casa passou a ser o local de desenvolvimento de atividades, que anteriormente não eram ali realizadas, “para além do propósito habitacional, a residência converte-se no local em que o trabalhador desempenha suas atividades laborais e realiza as atividades mais elementares da vida humana” (Silveira; Rossi; De Vuono, 2020, p. 4).

Assim, a casa, como destacado anteriormente, passou a ser o local de produção desta pesquisa, da leitura dos textos que serviram para respaldar as discussões teóricas aqui abordadas, da realização de reuniões para a discussão dos caminhos a serem percorridos na pesquisa, da coleta de dados, das decisões metodológicas, bem como de grande parte da escrita do projeto, do texto de qualificação, e agora, do texto final para a defesa. Não foi, e não está sendo fácil, ainda mais quando se compartilha a casa com outras pessoas. Talvez o isolamento e distanciamento social no contexto da pandemia não tenha afetado muito as atividades de pesquisa (reuniões de orientações, aulas, estudos em grupo, etc) em programas de pós-graduação das grandes cidades, mas no meu caso que faço um mestrado em uma cidade de interior em que a universidade oferece estrutura para realizar tais atividades, em que o deslocamento espacial não é um problema cotidiano, senti que isso afetou o desenvolvimento da pesquisa e as interações provenientes dela.

Para além das questões já mencionadas, saliento que um importante aspecto dentro do desenvolvimento da pesquisa em um contexto de isolamento e distanciamento sociais é em relação à minha identidade de mulher gorda, branca, periférica e pesquisadora. Em que tais

intersecções influenciaram diretamente no processo de escolha do objeto de estudo, das perspectivas a serem abordadas ao longo da pesquisa, bem como da questão da afetação, já que, em partes, me identifico com o meu objeto. Desse modo, investigar o discurso contra a gordofobia a partir de estudos sociais e discursivos por vezes se apresentou como um encontro com diferentes questões pessoais, o que em partes representou e ainda representa um grande movimento reflexivo e também de dificuldade.

Contexto de produção das publicações de Ellen Valias

A produção das publicações de Ellen Valias também é perpassada pelos desdobramentos sociais, políticos, culturais e de saúde da pandemia de COVID-19. Para Nascimento (2020), um país marcado pela diferença, como é o caso do Brasil, situações como a pandemia de COVID servem para evidenciar várias assimetrias, em que “essas assimetrias sociais estão mais evidentes, embora ainda invisíveis para algumas pessoas, que insistem em um falso discurso humanista que preconiza a irrestrita igualdade entre nossos corpos” (Nascimento, 2020, p. 3).

Ellen, mulher preta, gorda e periférica, como já foi dito, também foi afetada pelas mazelas trazidas e evidenciadas pela política de isolamento e distanciamento social; motivo pelo qual a casa dela foi usada para a produção de seu ativismo. Diante do contexto pandêmico, faz o movimento de evidenciar que “a necropolítica que executa corporalidades que divergem da cis/hetero/branco/magro/normatividade está em pleno exercício durante a pandemia de COVID-19, mas também está para além desta” (Nascimento, 2020, p. 18-19). Ou seja, demonstra que a pandemia não fez com que as pessoas que se distanciavam do padrão de “normalidade” sofressem menos por isso, ao contrário, poderiam ter sua condição agravada por tal conjuntura.

Ela, ao trazer como cenário para seus vídeos e fotos, o lugar em que mora, fez de suas publicações a ferramenta para evidenciar aspectos que perpassam sua existência enquanto mulher gorda, preta e periférica. Usa seu lar para apontar e denunciar a articulação entre gordofobia e racismo em diferentes situações cotidianas, também nas práticas de atividades físicas.

O corpo gordo preto e periférico de Ellen Valias não é tratado de maneira igual a um corpo magro, branco e de classe média, ainda mais por ele ter em si, pelo menos três eixos de opressão (Collins, 2019). Em meio a uma crise sanitária, seu corpo foi alvo, de maneira ainda mais acentuada, ao apresentar todas as características que compõem o grupo que mais sofreu

com “prejuízos de saúde, trabalhistas e econômicos causados pelo vírus pesam muito mais sobre mulheres, negros e pobres” (Florindo, 2021, p. 30).

Assim, em um contexto em que o cuidado com a saúde ganha ainda mais visibilidade, bem como os discursos médicos, o corpo gordo, que é cotidianamente patologizado, torna-se o alvo de críticas e preocupações em relação ao risco de contaminação por COVID-19, e sobretudo a morte decorrente dela, já que “as caracterizações sociais de uma pessoa gorda levam à conclusão imediata de saúde debilitada e assim, entram para os grupos de risco sem investigações mais rigorosas, uma vez que está posto a condição de vida inadequada desse corpo” (Florindo, 2021, p. 37).

Deste modo, ao estar inserido neste contexto, somado à supervalorização e defesa da magreza, que é respaldada a partir do uso da saúde como argumento, o corpo gordo de Ellen Valias, assim como de outras pessoas, mais uma vez, é alvo de piadas e repulsa. Desenvolve-se assim a vinculação cômica de tais corpos à ideia de feio, e também, ridicularização em relação ao processo de engordar ao longo do período pandêmico, feita a partir da produção e divulgação de memes. Além disso, já que eles não se encaixam nos parâmetros estabelecidos por uma gama de instituições, sua repulsa é perpassada pelo lucro, pela prescrição de medicamentos, cirurgias e produtos que possuem como finalidade a sua transformação (Silva; Assis; Penas, 2021).

Em contrapartida, é também neste cenário que ativistas como Ellen Valias se utilizam de suas redes para contestar “o discurso hegemônico da magreza como sendo sinônimo de beleza e saúde” (Silva; Assis; Penas, 2021, p. 45). Em que há principalmente o combate à culpabilização e patologização dos corpos gordos, assim como a denúncia de atos gordofóbicos, falta de acessibilidade em diferentes espaços que oferecem serviços de saúde, e também, a falta de políticas públicas que tenham como finalidade a garantia de direitos para pessoas gordas.

Assim, Ellen Valias denuncia inúmeras situações violentas as quais perpassam a existência de pessoas gordas, como por exemplo: não passar na catraca do ônibus, não conseguir fechar o cinto de segurança do carro de aplicativo, ir a lojas e não ter roupas que caibam no seu corpo, se preocupar com o tamanho das cadeiras de diferentes espaços e estabelecimentos, ir à academia e se sentir vigiada por terceiros, ter medo de comer em público, sentir receio de ir a consultas médicas por medo de violência médica/ inexistência de equipamentos adequados para o atendimento de pessoas gordas.

Tais circunstâncias extremamente violentas podem perpassar a experiência de 57% de mulheres da população brasileira com faixa etária entre 25 e 39 anos², como apontado pela Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) realizada em 2019, assim como podem ser responsáveis por gerar prejuízos irreparáveis à vida de pessoas gordas através da gordofobia.

A gordofobia, ao se apresentar como um problema existente já na infância de pessoas gordas, podendo ser compreendida como uma forma de discriminação em relação aos corpos gordos, é responsável por desenvolver um processo de marginalização, tendo assim como consequência a exclusão social e a falta de acessibilidade (Jimenez- Jimenez, 2020a). Ela pode afetar a saúde física e mental de pessoas gordas, por meio das violências verbais e físicas, da discriminação em relação à ocupação de cargos no mercado de trabalho, dentre outras dimensões da vida.

Assim, ao questionar inicialmente as violências vividas por mulheres gordas, volto-me ao que Norman Fairclough (2001 [1992]) aponta como sendo uma tarefa da Análise de Discurso Crítica (ADC), esta que está diretamente ligada à necessidade de compreensão do discurso enquanto um elemento que constitui e é constituído nos processos que se desdobram no mundo social, em que ele, ao se caracterizar como um instrumento de ação de diferentes agentes sobre a realidade, assim como capaz de o representar, é imprescindível para a construção de identidades, relações, assim como para mudança sociais. Por conseguinte, desempenha um papel fundamental dentro de diferentes aspectos sociais e culturais.

Ao considerar a gordofobia como uma questão presente na vida em sociedade, devemos considerá-la um fenômeno social parcialmente discursivo, este que deve ser analisado através das possibilidades que a ADC possui, pois ela, assim como sua construção, está intimamente ligada ao discurso e ao processo de representação e significação do mundo.

Tendo como objetivo da pesquisa analisar a maneira pela qual Ellen Valias³ constrói discursivamente o combate à gordofobia na rede social *Instagram*⁴, investigaremos diferentes publicações através do Sistema de Avaliatividade de Peter White (2004), a partir do subsistema de afeto, julgamento e apreciação, em diálogo com as categorias de vocabulário, intertextualidade, hegemonia (Fairclough, 2001 [1992]), e modos de operação ideológica

² É importante destacar que tal pesquisa foi desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2019 e contou com uma amostragem de 108 mil domicílios. A notícia foi divulgada no site do governo brasileiro no dia 21 de agosto de 2020.

Pesquisa do IBGE mostra aumento da obesidade entre adultos. Governo do Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/10/pesquisa-do-ibge-mostra-aumento-da-obesidade-entre-adultos>> . Acesso em: 21 out. 2021.

³ Link de acesso para perfil de Ellen Valias - <https://www.instagram.com/atleta_de_peso/?hl=pt-br> .

⁴ Rede social utilizada para o compartilhamento de vídeos e fotos e que tem como data de lançamento o ano de 2010. Link da página: <<https://www.instagram.com/accounts/login/?hl=pt-br>> .

(Thompson, 2002), de modo a identificar os elementos linguístico-discursivos utilizados por Ellen Valias para construir sua imagem enquanto mulher gorda preta ativista.

Além disso, ao trabalhar com o perfil de uma mulher preta, gorda maior e periférica, entendemos a necessidade de nos voltarmos para uma perspectiva interseccional por acreditar que o lugar social ocupado por ela, nas práticas discursivas digitais são perpassadas por questões que dizem respeito à compleição física, gênero, classe, raça, dentre outros eixos de opressão (Collins, 2019).

Salienta-se ainda que desenvolver pesquisas que trabalham com temáticas envolvendo corpos gordos, discurso e internet, se fazem necessárias na medida em que trazem para discussão a importância não só deste espaço como lugar de interações entre diferentes pessoas, mas também como ferramenta utilizada por grupos para ação política, ativista, reivindicação e divulgação de novas narrativas e discussões, que são, muitas vezes, silenciadas em diferentes espaços (Baronas; Costa; Fabiano, 2022; Costa, 2022).

Portanto, a internet auxilia não só na visibilidade de pautas que buscam uma ressignificação de corpos que não atendem a um suposto padrão, como os corpos gordos femininos, mas também permite que mulheres gordas de todo o país se conectem e criem uma rede de compartilhamento e disseminação de estratégias de combate à gordofobia, favorecendo assim para o surgimento de movimentos que se posicionam de maneira contrária à discursos hegemônicos que representam pessoas gordas através de construções discursivas naturalizadas e estigmatizantes, como por exemplo os discursos midiático e médico (Carvalho, 2018; Arruda; Miklos, 2020).

Diante disso, destacamos que a presente pesquisa se insere nas discussões que são desenvolvidas no grupo de pesquisa AFECTO- Abordagens Faircloughianas para Estudos sobre Corpo/Discurso Textualmente Orientados, com a coordenação da Profa. Dra. Maria Carmen Aires Gomes. O grupo propõe reflexões acerca dos discursos produzidos por diferentes instituições e agentes, em que estes, ao se relacionarem com distintos eixos identitários, são capazes de construir, manter ou transformar representações e significados sobre o mundo. Igualmente, procura evidenciar através de uma perspectiva crítica as relações assimétricas que perpassam a produção, divulgação e também consumo de diferentes textos aos quais temos acesso.

Mediante o exposto, é pertinente destacar que nosso trabalho discursivo-crítico, ao se incorporar aos estudos de cunho qualitativo e documental, tendo como materialidades textos produzidos por Ellen Valias em seu perfil da rede social *Instagram*, estes que foram coletados em um intervalo de sete meses (março a setembro de 2020), e que serão analisados a partir do

modelo tridimensional do discurso desenvolvido pelo linguista Norman Fairclough (2001[1992]), pode ser caracterizado como sendo transdisciplinar, pois busca em diferentes estudos sociais e linguísticos aporte teórico que tratam do corpo como objeto de análise, bem como das interseccionalidades que neles se fazem presentes. Além disso, a referida pesquisa se insere em uma luta hegemônica que busca representar tais corporalidades, em que aqui, partindo de um movimento que busca o combate à gordofobia, realizamos um movimento inverso àquele que ainda compreende o corpo gordo a partir de estigmatizações.

No primeiro capítulo, apresentamos as bases teóricas que nos auxiliam a compreender e analisar o nosso objeto de estudo. Destacamos assim o surgimento da Análise de Discurso Crítica, bem como alguns aspectos iniciais que são fundamentais para sua apreensão. Posteriormente dedicamo-nos à Teoria Social do Discurso proposta por Norman Fairclough, assim como evidenciamos os estudos que nos auxiliaram a pensar os corpos. Por último, voltamo-nos aos estudos interseccionais e também ao pensamento feminista negro, que nos auxiliaram a refletir de maneira decolonial e interseccional o nosso objeto de pesquisa.

No segundo capítulo, por sua vez, destacamos os percursos metodológicos que foram utilizados no decorrer da pesquisa. Apontamos a natureza da pesquisa e os aspectos que consideramos importante para sua constituição, bem como evidenciamos os critérios usados para a definição, coleta e sistematização de nosso *corpus* de pesquisa. Posteriormente, ressaltamos as categorias que nos auxiliaram no processo de compreensão da construção discursiva de Ellen Valias em seu ativismo.

No terceiro e último capítulo, apresentamos e analisamos a maneira discursivo-crítica que Ellen Valias desenvolve seu ativismo gordo. Para isso, articulamos a prática textual, discursiva e social da ativista em sua rede social. Destacamos as recorrências linguísticas, temáticas, bem como os sentidos potenciais que foram identificados ao longo da dissertação. Por fim, desenvolvemos uma análise social que se baseia nas publicações selecionadas no perfil de Ellen Valias, assim como as possibilidades de ação que elas oferecem para a construção de uma prática sociodiscursiva de reexistência e resistência dos corpos gordos.

CAPÍTULO 1

1. PERSPECTIVAS TEÓRICAS QUE NORTEIAM A PESQUISA

No presente capítulo destacamos as bases teóricas que nos auxiliam a pensar e analisar nosso objeto de estudo. Em um primeiro momento apresentamos a Análise de Discurso Crítica e seus fundamentos, bem como a Teoria Social do Discurso proposta pelo linguista Norman Fairclough. Posteriormente nos dedicamos a evidenciar os estudos sobre corpos, dando enfoque aos corpos gordos femininos. Em seguida, voltamo-nos aos estudos interseccionais e ao pensamento feminista negro, que nos auxiliam a pensar de maneira decolonial e interseccional nosso objeto de estudo.

1.1. O surgimento da Análise de Discurso Crítica e alguns aspectos iniciais

A referida pesquisa parte de contribuições teóricas e metodológicas da Análise de Discurso Crítica (ADC) de vertente britânica, tendo como base os estudos de Norman Fairclough (2001 [1992]), assim como de outras pesquisas desenvolvidas no Brasil que também partem de tal abordagem. Como destacado por Resende e Ramalho (2006), o termo Análise de Discurso Crítica foi cunhado pelo linguista britânico e divulgado em um artigo que foi publicado no ano de 1985.

A ADC teve sua consolidação enquanto uma disciplina no início dos anos de 1990, quando reunidos em um simpósio, autores como Norman Fairclough, Teun van Dijk, Theo van Leeuwen, Ruth Wodak e Gunter Kress, debateram acerca do uso de teorias e também métodos que pudessem tratar do discurso a partir de uma perspectiva crítica (Resende; Ramalho, 2006), estabelecendo assim um diálogo para vias de institucionalização desta abordagem como disciplina. O caráter crítico se origina a partir do movimento que busca “desvelar conexões entre os textos e os fatores que os permeiam, como contexto histórico e social de produção e compreensão textual” (Melo, 2011, p. 1335), evidenciando assim aspectos que inicialmente não são tão aparentes na construção e composição dos textos.

Apesar de trabalhar com o modelo proposto por Norman Fairclough (2001 [1992]), reconhecemos a existência de outras abordagens teóricas que adotem uma perspectiva crítica nos estudos discursivos, mas que nesta dissertação não se apresentam como aporte teórico. A escolha da referida abordagem se dá por uma questão que envolve os objetivos de pesquisa, um posicionamento enquanto pesquisadora, as teorias que oferecem subsídio para um diálogo entre questões sociais e linguísticas, a fim de realizar uma melhor compreensão e abordagem de nosso

objeto, bem como de nossa inserção no Grupo de Pesquisa AFECTO (Abordagens Faircloughianas para Estudos sobre Corpo/Discurso Textualmente Orientados).

Assim, a ADC propõe uma investigação crítica que busca trazer para o plano central a linguagem em uso, os efeitos sociais que podem derivar da materialização da mesma nos textos, além de seus desdobramentos no contexto social, cultural e político. A linguagem desempenha um papel importante na investigação dos fenômenos sociais, bem como de seus desdobramentos, Fairclough (2001 [1992]) aponta que sua abordagem se apresenta como uma importante ferramenta para que haja uma junção da análise linguística à teoria social, sendo fundamental para descortinar as relações de poder, as disputas, bem como os processos articulatórios que constituem os diferentes discursos, ou seja, as diferentes formas de explicar os objetos do conhecimento.

Nesta abordagem a relação entre discurso e sociedade estabelece-se de maneira dialética, ou seja, ambos se constituem como condição e também efeito um do outro (Fairclough, 2001 [1992]). Assim, ao analisar as influências parcialmente discursivas em eventos sociais, Norman Fairclough sinaliza a importância de que outras Ciências Sociais se interessem pela linguagem, assim como do uso da análise linguística como método dentro de pesquisas que almejam examinar as mudanças sociais, para assim averiguar as maneiras pelas quais “mudanças no uso linguístico estão ligadas a processos sociais e culturais mais amplos” (Fairclough, 2001 [1992], p. 19).

O método dialético-relacional discursivo investiga as possibilidades de mudanças que se originam a partir da ação de diferentes agentes e instituições, assim como a manutenção e reprodução de aspectos, que podem ser pautados por interesses tanto individuais quanto coletivos. Procura através da articulação de diferentes teorias sociais, linguísticas, assim como da operacionalização de categorias, a adoção de uma abordagem **transdisciplinar**⁵.

O método dialético-relacional parte do estabelecimento de uma agenda de pesquisas que problematizam o papel da linguagem nos processos de transformação, manutenção e reprodução de questões sociais, culturais e econômicas que se deram nas últimas décadas, assim como busca oferecer diferentes ferramentas que se baseiam em análises linguísticas, podendo ser utilizadas para a investigação de temas que se inserem em estudos de cunho social, estas “que almejam contribuir para a superação de relações de dominação” (Resende; Ramalho, 2006, p. 24). Assim sendo, busca um equilíbrio entre “forma e função nos estudos da linguagem. Isso

⁵ O caráter transdisciplinar da ADC se origina na operacionalização de diferentes elementos e conceitos advindos de disciplinas do campo linguístico e das teorias sociais.

porque é temerário reduzir a linguagem a seu papel de ferramenta social, bem como reduzi-la ao caráter formal, imanente do sistema linguístico” (Resende; Ramalho, 2006, p. 14).

Como destacado por Melo (2011), esta abordagem discursivo-crítica se distingue de outras vertentes da análise de discurso por possuir objetivos que são delineados a partir de traços e aspectos políticos, em que os analistas críticos do discurso direcionam suas investigações para a “reprodução do sexismo e do racismo, da legitimação do poder, da manipulação do consentimento e do papel da política e da mídia na produção discursiva da relação de dominação entre grupos” (Melo, 2011, p. 1338). Ou seja, levanta questões a partir de acontecimentos e aspectos que se apresentam no contexto social, questões estas que buscam a problematização e desnaturalização de elementos que são utilizados para manter (mas também transformar) relações e estruturas de poder.

No próximo tópico apresentamos a Teoria Social do Discurso (TSD) e a concepção de e discurso dentro do quadro teórico proposto por Fairclough (2001 [1992]) em seu livro *Discurso e Mudança Social*⁶.

1.1.1. A Teoria Social do Discurso

Fairclough (2001 [1992]), ao propor a Teoria Social do Discurso, objetiva “reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem, na forma de um quadro teórico” (p. 89), em que tal quadro serve para realizar pesquisas científicas sociais, estas que por sua vez, focam em estudos da mudança social.

Assim, para analisar e compreender a linguagem através de seu aspecto multifuncional, Norman Fairclough recorre a estudos de “Antonio Gramsci, Louis Althusser, Michel Foucault, Jürgen Habermas e Anthony Giddens” (Fairclough, 2001 [1992], p. 19), e também aos métodos da análise textual advinda da Linguística Sistêmico Funcional de Michael Halliday (1978)⁷. Para Melo (2011) tal perspectiva considera o texto como unidade semântica, bem como o ponto de partida para a realização de uma análise linguística que se preocupe com a maneira pela qual os falantes se utilizam da linguagem para atingir seus objetivos, sem que tal análise deixe de considerar o contexto social que influencia nas escolhas linguísticas que estes adotam. Assim, ao trazer para a análise “a noção de contexto, isto é, os elementos externos à linguagem que interferem na composição e sentido da mesma, dentre eles a cultura, a história e a ideologia”

⁶ Versão traduzida com coordenação de Izabel Magalhães e publicada pela Editora UNB em 2001.

⁷ HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic*. Londres: Edward Arnold, 1978.

(Melo, 2011, p. 1339), a LSF se apresenta como uma importante ferramenta para auxiliar em uma melhor compreensão daquilo que a materialidade linguística apresenta.

Ao buscar conferir uma maior visibilidade à linguagem, o teórico destaca as relações existentes entre ela e as estruturas sociais, a não neutralidade da linguagem, assim como sua influência em fenômenos sociais e seu papel dentro das transformações nas relações de poder, relações estas que são marcadas por assimetrias entre seus componentes, sejam eles agentes ou instituições (Fairclough, 2001 [1992]).

Em relação a não neutralidade da linguagem, Melo (2011) aponta que os estudos discursivos críticos ao se voltarem para a relação entre linguagem e estruturas sociais buscam desvelar as opacidades existentes no interior desta relação. Em que existe a necessidade de que um olhar crítico seja direcionado a aspectos contidos nos textos, estes que anteriormente não eram problematizados a partir de teorias e métodos adequados. Ou seja, trazer para o plano do visível os elementos que são produzidos, reproduzidos, transformados e questionados dentro dos textos.

Norman Fairclough considera o discurso como “o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais” (Fairclough, 2001 [1992], p. 90). Ao caracterizar o discurso como forma de ação, o autor reconhece a possibilidade que diferentes agentes têm de “agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação” (Fairclough, 2001 [1992], p. 91).

Discute ainda a relação **dialética** entre discurso e a estrutura social, em que há o constrangimento e restrição do primeiro, a depender das estruturas que são exteriores a ele, contudo, ao mesmo tempo o discurso se apresenta como “socialmente constitutivo” (Fairclough, 2001 [1992], p. 91). Uma vez que o discurso é considerado como uma prática não só do agir das pessoas, mas também de representação e significação do mundo, o pesquisador destaca que “o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes” (Fairclough, 2001, p. 91).

Ao analisar aquilo que se apresenta como realidade, mas também o papel desempenhado pelo discurso neste processo, Fairclough (2001 [1992]) ressalta que a partir de seu potencial constituinte, o discurso desenvolve três aspectos, sendo eles: a construção de identidades, de relações sociais e também de sistemas de conhecimento e crença. Resgatando as funções da língua tal como desenvolvidas na LSF, Fairclough assume que

A **função identitária** relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso, a **função relacional** a como as relações sociais entre participantes do discurso são representadas e negociadas, a **função ideacional** aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações (Fairclough, 2001 [1992], p. 92, grifos nossos).

Fairclough (2001 [1992]), ao discorrer sobre a prática discursiva, afirma que ela possui uma dupla faceta. Primeiramente aponta o caráter constitutivo da mesma, em que ela é capaz de reproduzir a sociedade, ou seja, as relações sociais, as identidades, bem como os sistemas de conhecimento e crença. E, posteriormente, enfatiza que a prática discursiva também é capaz de transformar a sociedade, em que é evidenciado o caráter criativo da mesma. Existe assim a possibilidade de mudança que se origina parcialmente no discurso, já que ele se encontra restringido e moldado por elementos das estruturas sociais, assim como “no interior de relações e lutas de poder particulares” (Fairclough, 2001, p. 93). Como exemplo podemos citar nossa pesquisa, em que há a tentativa de mudança em relação à representação e compreensão dos corpos gordos a partir da prática discursiva de uma mulher gorda e preta no Instagram.

O linguista britânico ao falar do discurso como um modo de prática política e também ideológica, destaca que ele, enquanto prática política, é capaz de estabelecer, manter e também transformar as relações de poder que existem dentro de diferentes grupos (Fairclough, 2001 [1992]). Por conseguinte, ao se apresentar como prática ideológica, o discurso “constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder” (Fairclough, 2001 [1992], p. 94). Assim, o autor destaca que o discurso enquanto prática política se torna um local e também um marco que delimita o desenvolvimento da luta por poder. Pois o discurso enquanto uma forma de ação e representação sobre o mundo, possui em sua essência a característica de poder ser investido política e ideologicamente de diferentes maneiras.

É no investimento que é feito por diferentes agentes em relação aos discursos, este que é perpassado por suas identidades, inserção em grupos e instituições, e que também possui uma finalidade, é que algumas convenções, saberes, crenças são trazidos para o campo de disputa. A disputa se inicia na assimetria, na contradição entre diferentes perspectivas, maneiras de compreender e representar o mundo. E é através dela que surge a possibilidade de mudança social, as rearticulações nas ordens do discurso, a construção e reconstrução de alguns aspectos sociais.

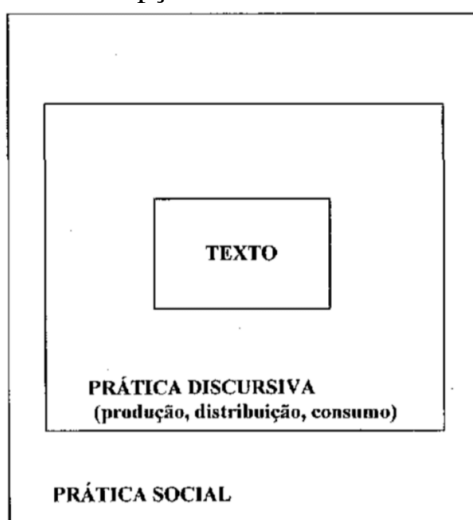
Mediante o exposto, enfatizando mais uma vez o propósito de Fairclough (2001 [1992]) em trazer para o plano principal de sua análise o “papel mais central conferido à linguagem nos

fenômenos sociais” (p. 20), mas também para a evidência da existência de relações assimétricas, disputas por poder, bem como de uma não transparência da linguagem, é que ele vai propor um modelo que é chamado de **tridimensional** que considera o discurso - como texto, como prática discursiva e prática social:

(...) a tradição de análise textual e lingüística detalhada na Lingüística, a tradição social em relação às estruturas sociais e a tradição macrosociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais e a tradição interpretativa ou microsociológica de considerar a prática social como alguma coisa que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimento de senso comum partilhados (Fairclough, 2001, p. 100).

Ainda que o modelo tridimensional proposto por Fairclough (2001 [1992]) tenha desdobramentos tanto teóricos quanto metodológicos, aqui, estamos olhando para o quadro a partir de seu caráter teórico. Na figura abaixo (Figura 1), é apresentada a concepção tridimensional de discurso.

Figura 1: Concepção tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (2001 [1992], p. 101)

Assim, ao buscar compreender a maneira pela qual diferentes membros dos grupos e comunidades sociais “produzem seus mundos ‘ordenados’ ou ‘explicáveis’” (Fairclough, 2001 [1992]), o autor objetiva desenvolver uma análise que seja capaz de equilibrar as possibilidades de mudanças proveniente de indivíduos (**ação**) e os constrangimentos a que estes são submetidos (**estrutura**). Em que o **discurso como texto** pode apresentar marcas

sociolinguísticas de quem, como, e a partir de quais convenções e saberes se construiu tal materialidade. O **discurso como prática discursiva** está relacionado à maneira com que tal discurso é produzido, distribuído e consumido. E por último, o **discurso como prática social** está relacionado ao seu potencial enquanto elemento que ocorre “em meio às ações e interações sociais situadas em uma determinada conjuntura ideológica e hegemônica” (Ribeiro, 2020, p. 25).

Em relação a última dimensão do discurso, Fairclough (2001 [1992]), ao considerá-lo como prática social, discute a relação entre ideologia, poder, e também, “o conceito de discurso em uma concepção de poder como hegemonia e em uma concepção da evolução das relações de poder como luta hegemônica” (Fairclough, 2001 [1992], p. 116). Para isso, destaca que recorre às contribuições clássicas do marxismo desenvolvidas no século XX, principalmente aos estudos de Gramsci e Althusser.

Para tanto, é necessário em um primeiro momento trazer a concepção de ideologia que é utilizada por Fairclough (2001 [1992]), para assim evidenciar a relação da mesma com o discurso. O autor entende assim que

as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (Fairclough, 2001 [1992], p. 117).

Resende e Ramalho (2006) apontam para a possibilidade que determinados discursos sejam observados como ideológicos, ou seja, “um discurso particular (e, aqui, ‘discursos’ refere-se ao conceito mais concreto) pode incluir presunções acerca do que existe, do que é possível, necessário, desejável” (Resende; Ramalho, 2006, p. 48). As autoras evidenciam que tais presunções podem ser consideradas como ideológicas, na medida em que elas se conectam a relações que se caracterizam como relações de dominação. Ao discutirem as relações de poder que se desenvolvem no social, Resende e Ramalho (2006) destacam que tais relações podem ser mantidas por “significados tomados como tácitos, pois a busca pela hegemonia é a busca pela universalização de perspectivas particulares” (Ramalho; Resende, 2006, p. 48).

A identificação do caráter ideológico de uma representação só é feita a partir da análise dos efeitos causais que esta pode ocasionar em diferentes áreas da vida social, ou seja, a partir da investigação “de como as legitimações decorrentes dessa representação contribuem na sustentação ou na transformação de relações de dominação” (Ramalho; Resende, 2006, p. 48).

Em vista disso, Fairclough (2001 [1992]) salienta mais uma vez a necessidade de se pensar dialeticamente sua abordagem, bem como os conceitos e aspectos que a constituem. Assim, a ideologia também deve ser observada dialeticamente, sendo vinculada tanto a eventos discursivos quanto às estruturas sociais. Localiza assim a ideologia tanto nas “estruturas (isto é, ordens de discurso) que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras” (Fairclough, 2001 [1992], p. 119). Desenvolve assim uma abordagem que busque o equilíbrio entre ação (liberdade dos sujeitos) e estrutura (normas e convenções).

O conceito de ideologia, advém das contribuições de John B. Thompson (2002) e ganha a partir dele uma conotação negativa. Na abordagem crítica, a ideologia é caracterizada como elemento de natureza hegemônica “no sentido de que ela necessariamente serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes” (Ramalho, 2005, p. 285).

Para Thompson (2002), a ideologia opera de cinco modos: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação.

A primeira delas, a *legitimação*, segundo Thompson (2002)⁸, diz respeito ao estabelecimento e sustentação de relações de dominação, em que elas são representadas como legítimas, sendo assim concebidas como justas e também dignas de apoio. A segunda por sua vez, considerada como o segundo “*modus operandi* da ideologia” (Thompson, 2002, p. 83), é a *dissimulação*. Ela está associada ao modo pelo qual as relações de dominação podem se estabelecer e também se sustentar pelos artifícios da ocultação, da negação, ou até mesmo do obscurecimento. Em que são “representadas de uma maneira que desvia nossa atenção, ou passa por cima de relações e processos existentes” (Thompson, 2002, p. 83).

A terceira, a *unificação*, é referente à construção, em seu aspecto simbólico, de uma “forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva” (Thompson, 2002, p. 84), em que tal identidade seja construída independente das diferenças que possam os separar. Já a quarta, a *fragmentação*, diz respeito às relações de dominação que podem ser desenvolvidas a partir da segmentação de indivíduos e grupos que “possam ser capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes, ou dirigindo forças de oposição potencial em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso e ameaçador” (Thompson, 2002, p. 87).

⁸ THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

O último dentre os modos pelos quais a ideologia pode operar é o da *reificação*. Ela, por sua vez, faz referência às relações de dominação que podem ser tanto estabelecidas quanto sustentadas através da retratação de uma situação, seja ela transitória ou histórica, “como se essa situação fosse permanente, natural e atemporal” (Thompson, 2002, p. 87).

Assim, como apontado por Resende e Ramalho (2006), as contribuições de Thompson sobre o conceito de ideologia, são fundamentais dentro da ADC na medida em que ela, enquanto perspectiva teórico-metodológica, constrói um arcabouço teórico que seja capaz de analisar as construções simbólicas ideológicas presentes no discurso.

Em decorrência de tais apontamentos, podemos estabelecer um diálogo entre as categorias de discurso e poder. Aqui devemos considerar o poder em termos de hegemonia, em que ela, ao ser concebida como o “poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável” (Fairclough, 2001 [1992], p. 122), utiliza-se do discurso como meio para assegurar, ou pelo menos tentar, seu equilíbrio relativo. A hegemonia vai assim recorrer a meios ideológicos para poder adquirir tal consenso.

Não há apenas uma maneira de compreender e representar o mundo, assim como não existe uma única forma de poder, é interessante destacar que Fairclough (2001 [1992]) ao trabalhar com o conceito de hegemonia, enfatiza que tal aspecto é constantemente perpassado por lutas, em que elas, ao se desenvolverem principalmente em “pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas” (p. 122), trazem para o plano social a possibilidade de mudança.

A concepção do relativo consenso parte da ideia do poder que se funda no aspecto dialético, este que considera o mundo como um espaço em que se desenvolvem inúmeros processos de “articulação e modificação ininterrupta. Uma articulação oriunda da agência do sujeito (na ação) pode reestruturar, transformar ou destituir o poder hegemônico vigente (na estrutura)” (Ramalho, 2005, p. 285). Além disso, tal perspectiva considera a potencialidade da ação discursiva dos agentes, em que eles se apresentam tanto moldados pelas práticas discursivas, quanto capazes de reestruturá-las. Ou seja, “a dialética entre estrutura e ação permite ver o discurso como ação capaz de construir o social - o conhecimento, as relações sociais e as identidades - ser constituído por ele” (Ramalho, 2005, p. 286).

Fairclough (2001 [1992]) propõe assim uma investigação que se construa no diálogo entre análise linguística e teorias sociais. Assim sendo, o sujeito a partir de suas possibilidades,

é capaz de produzir “mudanças sociais por meio da linguagem, por meio de práticas discursivas situadas e engajadas nas soluções para diferentes demandas sociais. É nesse âmbito que se instauram as lutas hegemônicas, as quais se realizam na disputa ideológica investida de poder” (Ribeiro, 2020, p. 26).

Assim, após a apresentação de questões importantes que constituem a proposta da Análise de Discurso Crítica abordada por Fairclough (2001 [1992]), na próxima seção nos dedicamos a apresentar algumas pesquisas desenvolvidas no Brasil e que partiram de contribuições teóricas e metodológicas de tal abordagem. Elas, por sua vez, se apresentam como significativas para a construção de nossa dissertação.

1.1.2. A Análise de Discurso Crítica e algumas pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Letras

Um primeiro aspecto que devemos apontar nesta seção é que voltamo-nos a pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa, mais especificamente à investigações desenvolvidas na área de Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa dos Estudos do Texto e do Discurso. Tais pesquisas se inserem no campo dos estudos discursivos críticos, e que trabalham com os modelos teórico-metodológicos de (2001 [1992], 1999, 2003)⁹. Além disso, contaram com a orientação da professora Maria Carmen Aires Gomes e representam uma forma coletiva de se fazer pesquisa.

Um segundo aspecto a ser destacado é que para além da vinculação a um programa de pós-graduação, da abordagem teórico-metodológica e da orientação, tais pesquisas de mestrado possuem como elemento comum o trabalho com corpos, as representações que deles se fazem, os discursos que eles podem construir. Os corpos gordos, os corpos trans, os corpos transvestigêneres, assim como suas relações e significados, ganham destaque e se tornam objeto de estudo.

Assim, ao trazer para o campo dos estudos discursivos críticos os corpos, Silva (2015), Carvalho (2018), Lima (2019) e Ribeiro (2020), investigam criticamente os discursos que são produzidos destes/por estes corpos, analisando como as práticas midiáticas, as práticas discursivas, práticas sociais são construídas, reproduzidas, questionadas e rearticuladas em meio às lutas que se estabelecem no meio social.

⁹ FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de M. I. Magalhães. Brasília:UNB, 2001.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London, New York: Routledge, 2003.

Lucimar Silva (2015), em “Representações do corpo feminino na moda *plus size* no Brasil: um olhar multimodal em capas de revistas na versão *online*”, traz para a discussão a ditadura da moda, as exigências que são feitas aos corpos femininos, bem como a problemática que se cria na determinação de um padrão de beleza a ser seguido. Como destacado pela pesquisadora, o estabelecimento de uma norma em relação à beleza configura-se como um problema social que pode gerar inúmeros constrangimentos e desrespeito àqueles corpos que não se encaixam em tal parâmetro (Silva, 2015), a partir da percepção que os meios de comunicação possuem um papel central na divulgação deste ideal, bem como de discursos que legitimam a vinculação da saúde à magreza, assim como a ideia de felicidade e sucesso.

Silva (2015) destacou ainda a chegada da moda *plus size* ao Brasil em meio a este contexto social, assim como tais produtos se inseriram e circularam em diferentes meios de comunicação. Desse modo, a pesquisa buscou através dos estudos da Análise do Discurso Textualmente Orientada, propor “uma explanação crítica dos discursos e potenciais efeitos ideológicos construídos sobre o corpo feminino na moda *plus size* em capas online de revistas” (Silva, 2015, p. x). Por fim, Silva (2015) chegou à constatação de que duas eram as maneiras de representar e identificar o corpo feminino dentro deste campo da moda. Uma que se estabelecia pela vinculação e divulgação de uma imagem positiva que se construía a partir de um posicionamento emancipatório, este que defendia o rompimento de inúmeros preconceitos em relação ao corpo feminino, e a outra, que se apresentava como condizente à noção mercadológica que se pautava no padrão estabelecido e defendia a necessidade de se ter um corpo magro.

A segunda pesquisa que nos dedicamos a abordar é a desenvolvida por Alexandra Carvalho (2018). Intitulada de “Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas”, a investigação buscou analisar discursivamente as representações e identidades que diferentes mulheres gordas faziam de si, a partir de relatos feitos em práticas midiáticas digitais (Carvalho, 2018). Diante disso, a pesquisadora destacou que em tais relatos houve o aparecimento de sentidos negativos que são atribuídos aos corpos de mulheres gordas por meio de diferentes instituições, mas também outras possibilidades de compreensão sobre seus corpos.

Carvalho (2018) indicou ainda em sua pesquisa a preocupação em compreender como as identidades e representações dos corpos gordos femininos se modificavam quando estes eram interseccionados à raça, ao gênero, bem como à sexualidade e também à geração. Além disso, observou que a militância gorda exerce um movimento que se apresenta contrária à homogeneização, universalização, patologização e discriminação, estabelecendo assim uma

ação que ressignifica as representações e identidades negativas construídas a partir de tais corporalidades.

Em “A Rainha da Lapa e o padre: uma análise discursivo-crítica das representações sociodiscursivas de Luana Muniz nas práticas midiáticas digitais brasileiras”, Marcelo Lima (2019) investiga criticamente a divulgação da imagem de Luana Muniz, as representações dos corpos e discursos transvestigêneres em práticas midiáticas digitais desenvolvidas no Brasil (Lima, 2019).

O pesquisador procurou problematizar a maneira pela qual diferentes práticas midiáticas representaram a travesti Luana Muniz, assim como seu encontro com o padre Fábio de Melo, o discurso do mesmo, e os efeitos que se originaram a partir de tal posicionamento (Lima, 2019). Como apontado pelo autor, tal investigação se apresenta como importante pois problematiza o discurso e sua constituição enquanto um espaço de disputa, em que Luana Muniz, a partir de seu corpo político, de sua existência e reexistência, foi capaz de romper com normas e crenças que cristalizavam o campo do Gênero.

Samuel Ribeiro (2020), em “Análise discursivo-crítica dos Relatos de Homens Trans em práticas socioescolares de Viçosa-MG”, analisou os relatos construídos por quatro estudantes de escolas públicas sobre suas identidades enquanto homens trans. Ribeiro (2020) destacou seu interesse em investigar os discursos advindos de profissionais da educação que perpassavam as discussões sobre sexualidade, gênero, e também transgeneridade, a fim de examinar as representações e identificações que estes faziam.

Através de uma análise discursiva-antropológica-crítica (Ribeiro, 2020), o autor enfatizou que foi possível perceber que nas relações estabelecidas por tais estudantes trans eram perpassadas pela insegurança em relação às suas vidas, por violências simbólicas e também físicas, mas, que por outro lado, reconhecia-se a existência de relações de acolhimento dos mesmos.

Em suma, as pesquisas brevemente descritas neste tópico serviram não só para mostrar as possibilidades que são apresentadas pelo método relacional-dialético, mas também como suporte para outras tantas pesquisas que foram desenvolvidas a partir de membros do grupo AFECTO, podendo aqui incluir a presente dissertação. Elas, a partir de um olhar crítico para as relações existentes na vida social, buscam examinar, compreender e revelar aspectos que são utilizados/ articulados em relações assimétricas tendo os corpos como um dos elementos necessários para a análise de discursos que foquem tais questões.

Os corpos como elementos discursivos, políticos e heterogêneos, ganham destaque a partir de suas representações, de suas práticas, assim como das disputas e significados que o

permeiam. Tornam-se objetos de análise na medida em que são utilizados para romper com estereótipos, discursos negativos, racistas, gordofóbicos e discriminatórios no geral. Adentra para a luta hegemônica a partir de suas interseccionalidades, e principalmente, dá a seus agentes a possibilidade de questionar e construir narrativas sobre eles.

No próximo tópico abordamos estudos que trazem para a centralidade da discussão os corpos, mais especificamente os corpos gordos, a partir de uma perspectiva que parte de sua morte social e vai ao encontro das possibilidades do ativismo gordo.

1. 2. Os corpos gordos como objeto de análise: da morte social ao ativismo

Neste tópico da pesquisa apresentamos a perspectiva a qual partimos para compreender e abordar o corpo enquanto objeto de análise. Deste modo, o consideramos como elemento histórico, político, identitário e discursivo. Mais adiante explicaremos o porquê da adoção de tal concepção.

Como apontado por Barbosa, Matos e Costa (2011), ao direcionarmos os olhares para o corpo, é inconcebível analisar tal elemento sem trazê-lo para a história da civilização. As autoras destacam que ele, ao ser inserido na sociedade, se constitui como objeto que é constantemente investido pela cultura, seja por meio de determinações, atributos, restrições e padrões. Tais padrões são estabelecidos em relação à beleza, à sexualidade, aos usos dados aos corpos, assim como à saúde. Com o tempo, no decorrer da história, não só os padrões, mas também as maneiras de significar e conceber os corpos foram mudando. Em vista disso, as autoras apontam que tais transformações “foram oriundas das mudanças no discurso” (Barbosa; Matos; Costa, 2011, p. 24).

Barbosa, Matos e Costa (2011) evidenciam em um primeiro momento a idealização do corpo na Grécia antiga, em que ele, ainda muito presente em diferentes culturas e sociedades, se constituía como elemento para a glorificação, e representava a imagem do cidadão¹⁰. Os corpos eram assim “trabalhados e construídos, como objectos de admiração que começavam a ser ‘esculpidos’ e modelados nos ginásios, fundamentais nas *polis* gregas, e que acabavam por ser mostrados, muitas vezes, nos Jogos Olímpicos” (Barbosa; Matos; Costa, 2011. p. 25). Para além do exibicionismo, os corpos, como evidenciado pelas autoras, eram também instrumentos

¹⁰ O conceito de cidadão na Grécia antiga utilizado pelas autoras faz referência aos homens livres, excluindo assim mulheres e escravos.

para o desenvolvimento dos combates, usados assim para transpor os obstáculos que se apresentavam cotidianamente.

No entanto, tal apreensão sofreu alterações com o passar do tempo, em que, a partir de uma visão religiosa, eles deixaram de ser objetos em que se manifestavam a beleza, a capacidade atlética, assim como a saúde, e passaram a ser compreendidos como objetos em que existia a expressão do pecado, aquilo que deveria ser negado, reprimido (Barbosa; Matos; Costa, 2011). O cristianismo instaurou o silêncio ao corpo, o controle do material, em que o pecado devia ser evitado, punido. As autoras ressaltam assim a divisão entre corpo e alma, em que o primeiro representava o campo dos prazeres, o instrumento que aprisionava a alma, sendo assim o lugar do vexame, aquilo que deveria ser escondido. Já a alma era tida como algo puro, superior, que deveria ser destacada em relação ao primeiro elemento, pois “o bem-estar da alma deveria prevalecer acima dos desejos e prazeres da carne” (Barbosa; Matos; Costa, 2011, p. 26).

Ao falarem da Idade Média, Barbosa, Matos e Costa (2011) apontam para o corpo enquanto um instrumento utilizado para a consolidação de relações sociais. A partir da identificação da sociedade como essencialmente agrária, elas salientam que o corpo era elemento demarcador das funções sociais as quais as pessoas realizavam. Além disso, havia ainda as marcas do cristianismo sobre os corpos, influenciando assim “as noções e vivências de corpo na época” (Barbosa; Matos; Costa, 2011, p. 26). As autoras identificaram uma maior rigidez no contexto social a partir da junção entre a Monarquia e a Igreja, em que tal união refletia nas questões de ordem moral e também de percepção sobre os corpos. Deste modo, a punição aos corpos, as técnicas coercitivas utilizadas sobre eles, as execuções, dentre outras formas de castigá-los, marcaram a Idade Média, assim como evidenciaram o poderio da Igreja -enquanto instituição produtora de discursos e detentora de poder- em relação aos aspectos sociais, econômicos e políticos da época.

Em relação à Era Moderna, Barbosa, Matos e Costa (2011) destacam que a partir de algumas mudanças as ações humanas passaram a ser guiadas também pelos métodos científicos, em que a razão ganhou evidência. As autoras apontam ainda para uma forma de redescobrimento do corpo, o interesse por aspectos que os compunham, aparece assim como elemento a ser analisado, estudado e experimentado. A dicotomia entre corpo e alma persistia, essa, que ainda considerando o corpo como elemento inferior, colocava agora em evidência a razão, em que “o filósofo Descartes parece ter instalado definitivamente a divisão corpo-mente; o homem era constituído por duas substâncias: uma pensante, a alma, a razão, e a outra material, o corpo, como algo completamente distinto da alma” (Barbosa; Matos; Costa, 2011, p. 28).

Com o decorrer do tempo, a partir de aperfeiçoamentos no âmbito da produção agrícola, do aumento na produtividade, assim como de uma expansão comercial, essas que associadas à mudanças sociais auxiliaram na emergência do sistema capitalista (Barbosa; Matos; Costa, 2011). Assim, a partir do advento de tal sistema de produção, bem como do aparecimento de novas possibilidades e demandas, as autoras evidenciam que o corpo passou a se constituir como uma espécie de “máquina” responsável pela produção em massa, pelo acúmulo de capital, bem como regido por normas e disciplinas que tinham como finalidade a continuação do trabalho, uma melhor gestão do tempo, para assim garantir a manutenção da produção.

Já o corpo na pós-modernidade, como indicado pelas autoras, torna-se objeto de investimento individual. A crescente divulgação de um padrão estético, bem como de um aumento na oferta de produtos e serviços que têm como meta o alcance de tal padrão, são interesses de uma indústria do consumo. Assim, “modelos corporais são evidenciados como indicativo de beleza, num jogo de sedução e imagens. Veicula-se a representação da beleza estética associada a determinados ideais de saúde, magreza e atitude” (Barbosa; Matos; Costa, 2011, p. 29), em que a mídia, assim como os meios de comunicação utilizados por ela, funcionam como suporte para a divulgação do modelo de “corpo perfeito” e inalcançável (Arruda, 2019).

Deste modo, o corpo se estabelece como o maior consumidor das indústrias da beleza e também da saúde, em que os discursos médicos, tecnológicos, publicitários, dentre outros, ao normalizarem os corpos, adentram o campo dos significados, da cultura, assim como da percepção e representação que as pessoas constroem/possuem sobre si (Barbosa; Matos; Costa, 2011).

Mediante o exposto, podemos considerar o corpo como elemento histórico, pois ele, assim como os significados a ele atribuídos, sofreram diferentes transformações de acordo com o tempo e o espaço os quais estavam/estão inseridos. Em função disso, surgiram diversas maneiras de conhecê-lo e também tratá-lo. Partindo também de uma perspectiva histórica, Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2001) aponta que o corpo revela um caráter transitório, que possibilita variadas análises a partir dos contextos e grupos aos quais se insere, abrindo espaço para novos sentidos. A autora destaca que “há sempre novas maneiras de conhecer o corpo, assim como possibilidades inéditas de estranhá-lo” (Sant’anna, 2001, p. 3).

Por conseguinte, partimos de uma apreensão simbólica do corpo, situando-o em uma perspectiva que o analisa como elemento da cultura e também produzido a partir de fatores sociais e discursivos, como destacado por Silvana Vilodre Goellner (2008). Desenvolvemos o movimento de trazê-lo para o campo do social, das relações e, conseqüentemente, dos

significados e dos discursos. Um movimento que “rompe, de certa forma, com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado” (Goellner, 2008, p. 28).

À luz da perspectiva social e cultural, é importante destacar o caráter político do corpo. Político porque é perpassado por relações de poder, estas que procuram não só o controle de seus usos, mas também das maneiras as quais estes serão representados e abordados, constituindo-se assim como um elemento que é tanto alvo quanto objeto de poder (Foucault, 2004; Silva, 2015).

Outro aspecto o qual revela-se de extrema importância sobre tal objeto é sua característica identitária, no jogo social das relações, as identidades são construídas também através dos corpos, de forma que

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por eles falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. (Goellner, 2008, p. 29).

Parte dessas reinvenções e redescobertas sobre o corpo ocorrem por meio dos aspectos semióticos da linguagem, ou seja, tem assim “o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades, instituir, por exemplo, o que é considerado um corpo belo, jovem e saudável” (Goellner, 2008, p. 29). O conceito de linguagem é entendido aqui como uma atividade humana, maneira pela qual os agentes se inserem nas práticas sociais, assim como compreendem, explicam, representam e agem sobre o mundo. Tal perspectiva vai ao encontro da abordada por Fairclough (2001[1992]), ao desenvolver uma análise crítica do discurso, parte do pressuposto de que a linguagem é elemento essencial para se pensar uma análise social, assim como as mudanças que se desenvolvem no bojo da sociedade.

Esse movimento, então, que estabelece o corpo como objeto de análise, é indispensável na medida em que traz ao contexto social novas possibilidades de reflexão acerca de fatores que influenciam na concepção, construção, identificação e representação de certos indivíduos através de seus corpos (Louro, 2000).

Os corpos gordos ganham uma nova perspectiva nas análises sobre o corpo. Suas formas, características, evocam diferentes maneiras de compreendê-lo. Maria Luisa Jimenez-Jimenez (2020a) destaca que, em uma estrutura hegemônica de pensamento, os corpos gordos são entendidos como desprovidos de beleza, de saúde, de dignidade, como anormais e sem

valor. Tais aspectos fazem parte de uma estigmatização destes corpos, a gordofobia: definida como “estrutural e cultural, transmitida em muitos e diversos espaços e contextos na sociedade contemporânea. O prejulgamento acontece por meio de desvalorização, humilhação, inferiorização, ofensa e restrição dos corpos gordos de modo geral” (Jimenez-Jimenez, 2020b, p. 147). A gordofobia se constitui como um impedimento cultural, social e político à acessibilidade de pessoas gordas, seja ela no âmbito público ou privado. Se apresentando assim como um mecanismo que pode ter como consequência a morte tanto física quanto social dos corpos gordos.

Jimenez-Jimenez (2020a) salienta que, ao negar acessibilidade a algumas pessoas, tanto as práticas quanto os atos de fala gordofóbicos são responsáveis pela marginalização e, conseqüentemente, estigmatização e exclusão deste grupo. Negar acesso a determinados espaços é também lhes negar direitos, é impor a ideia da necessidade de se enquadrar em um “ideal” previamente estabelecido, é desqualificar a existência dos mais diversos corpos, ou seja, representa uma tentativa de padronização de diferentes pessoas, desconsiderando assim suas características pessoais.

Para Naomi Wolf (1992), Silva (2015), Carvalho (2018), Arruda (2019) e Jimenez-Jimenez (2020a; 2020b), os corpos femininos são aqueles que mais geram lucros para uma indústria da “beleza”. Assim, a ideia de se alcançar um ideal é inserida nesta discussão como sendo uma ferramenta de “controle social” (Wolf, 1992, p. 13), esta que é utilizada para conter diferentes conquistas advindas de reivindicações dos movimentos feministas.

Uma vez que há a imposição de um padrão de beleza que se mostra inatingível, constantemente reiterado por discursos hegemônicos (Silva, 2015; Carvalho, 2018; Rangel, 2018), há também a responsabilização individual e, conseqüentemente, “a construção do corpo gordo feminino como socialmente inaceitável, e, portanto, desviante das feminilidades” (Carvalho, 2018, p. 37), em que, como apontado anteriormente, funciona em certo grau como aspecto que regula os corpos das mulheres.

Carvalho (2018), ao apontar para a existência de dois eixos discursivos, abordados nos *fat studies*, que são responsáveis pela criação de representações de pessoas gordas que se pautam na gordofobia, vai destacá-los como: a problemática da saúde e a aceitação social. A primeira, segundo a pesquisadora, parte de uma naturalização entre corpo gordo e saúde e está no campo do “paradigma médico sobre a gordura” (p. 35), em que ao analisarem tal elemento como um problema a ser combatido, compreendem o corpo gordo como sendo o “alvo a ser reabilitado e curado, representação está ligada à forma biomédica de conceber a doença, desvinculada, pois, de fatores sociais” (Carvalho, 2018, p. 35).

Assim, a partir do estabelecimento de uma relação entre corpos gordos e a gordura, e consequentemente, à doença, principalmente a partir de práticas discursivas médicas que são tidas como aquelas que devem ser seguidas, constrói-se a ideia de uma verdade, esta, que ao se desenvolver “sobre a gordura é a visão da biomedicina sobre ela, fazendo com que as discussões públicas da saúde e as opiniões de outras esferas sociais sejam parcialmente representadas por essa verdade” (Carvalho, 2018, p. 36).

Deste modo, os discursos que alcançaram relativa estabilidade no contexto social, e que fazem a distinção entre corpos saudáveis (corpos magros) e corpos doentes (aqueles que não se encaixam no padrão estabelecido, incluindo aqui os corpos gordos), fazem não só discursivamente, mas também socialmente, a patologização daqueles que se afastam do modelo “ideal” estipulado. A concepção biomédica se caracteriza assim como uma das grandes responsáveis pelas representações negativas às quais os corpos gordos são associados (Carvalho, 2018; Jimenez-Jimenez, 2020a).

Como enfatizado por Carvalho (2018), a medicalização é um processo pelo qual a medicina enquanto uma área do saber “expande sua visão de mundo sobre a realidade” (p. 36). Em que tal processo, presente em diferentes discursos que se desenvolvem no social, se voltam principalmente para os corpos gordos femininos. A pesquisadora evidencia o movimento que torna a gordura como um problema médico, em que ela, enquanto uma questão a ser resolvida, deve ser controlada, regulada e também gerenciada enquanto uma doença que acomete a população (Carvalho, 2018). Assim sendo, a partir da medicalização da gordura, há o surgimento da “ideia de que intervenções e tratamentos médicos são a única forma legítima para a cura, revelando as estruturas sociais que enfatizam o corpo gordo como inaceitável” (Carvalho, 2018, p. 36).

Para a autora, a questão da gordura ultrapassa o campo médico e adentra ao da moral a partir do movimento que considera a saúde como não só um projeto, mas um objetivo a ser alcançado individualmente. Por conseguinte, “a saúde é vista, então, como em termos de um imperativo moral de autocontrole, responsabilidade individual e de boas escolhas” (Carvalho, 2018, p. 36). Em vista disso, a partir da imposição da saúde como regra, Carvalho (2018) salienta que a perda de peso torna-se a solução oferecida para alcançar tal objetivo.

A autora destaca um segundo eixo dos discursos hegemônicos sobre pessoas gordas, a aceitação social. Ao ser colocada em destaque evidencia a maneira pela qual as pessoas gordas são tratadas ao viver em sociedade, em que a partir da ideia da perda de peso, bem como do controle e regulação da gordura, seria possível uma aceitação destes corpos por parte da população. Assim, como demonstrado por Carvalho (2018), os corpos gordos femininos

tornam-se os principais alvos “das visões ideológicas excludentes e isso faz com que o corpo seja, ao mesmo tempo, normatizado e idealizado estabelecendo concepções estereotipadas sobre o corpo das mulheres” (Carvalho, 2018, p. 37).

A autora evidencia ainda que ao desenvolverem o movimento que busca construir os corpos gordos femininos como inaceitáveis, cria-se uma tecnologia de poder, esta, que busca regular e também controlar os corpos femininos, sejam eles gordos, magros, pretos, brancos, com deficiência ou não (Carvalho, 2018).

Tais concepções estereotipadas se encontram parcialmente enraizadas no social e são por vezes reforçadas a partir da ação dos meios hegemônicos de comunicação (Arruda, 2019; Arruda; Miklos, 2020). Quando falamos parcialmente estamos nos remetendo novamente ao caráter inacabado dos processos, das relações, assim como das transformações que se desenvolvem na vida social (Fairclough, 2001 [1992]).

No entanto, devemos destacar que tal tecnologia de poder não afeta de maneira uniforme os corpos gordos, isso porque, a partir de suas interseccionalidades, alguns corpos têm uma maior possibilidade de serem estigmatizados, excluídos, assim como de um maior desrespeito aos seus direitos. Podemos aqui, por exemplo, evidenciar o caso de mulheres gordas e pretas no contexto brasileiro, estas, que para além dos estigmas impostos pela gordofobia, ainda são alvo do racismo. Assim, não podemos pensar no nosso objeto de estudo apenas pela categoria corpo gordo. Para além disso devemos trazer aqui o debate racial, assim como a existência de uma matriz de dominação (Collins, 2019).

O conceito de matriz de dominação está relacionado ao estabelecimento de uma “organização social geral dentro da qual as opressões interseccionais se originam, se desenvolvem e estão inseridas” (Collins, 2019, p. 368). Deste modo, não podemos pensar o corpo de Ellen Valias apenas como um construtor e reprodutor de discursos contrários à gordofobia, devemos compreendê-lo também como elemento político utilizado por ela para se posicionar e questionar o racismo, o classismo, dentre outras formas de exclusão.

Ellen Valias, mulher, gorda, preta, periférica, não espera passivamente os conselhos de mulheres brancas de classe média para agir (Collins, 2019) em relação à gordofobia, ao racismo e à falta de acessibilidade que perpassam sua existência. Ao contrário disso, observa-se, na tentativa de morte social de seu corpo gordo, preto, periférico, a possibilidade e necessidade de desenvolver seu ativismo dentro e fora da internet. Ellen Valias mostra que “os agentes não são simplesmente condicionados pelas estruturas sociais presentes nos sistemas de opressão, nos padrões e normas internalizados” (Rangel, 2018, p. 59). Ou seja, coloca-se como agente crítica que busca o combate de percepções que desqualificam os corpos gordos femininos.

No contexto brasileiro a movimentação e articulação de outras mulheres gordas que buscam não só na internet, mas também na rua, em pesquisas, nas rodas de conversas e palestras, uma inserção de suas narrativas no bojo da luta hegemônica, é latente. Através de seus corpos em intersecção, ferramentas e recursos, constroem novos discursos e representações sobre seus corpos gordos femininos. Ellen Valias, Bielo Pereira, Luana Carvalho, Juliana Santana, Rízia Cerqueira, Dani Lima, Giovanna Massera, Anne Caroline, Layla Brígido, Raíssa Galvão, Juliana Sankofa, Alexandra Bitencourt de Carvalho e Malu Jimenez, são alguns dos nomes que compõem o ativismo gordo no Brasil, estas que, a partir de suas interseccionalidades, heterogeneidade de posicionamentos políticos, reivindicam o poder de falar sobre seus corpos.

Deste modo, o ativismo de Ellen Valias é analisado à luz de uma perspectiva interseccional, em que são considerados gênero, tamanho e raça. Tal posicionamento no *Instagram* é ainda estudado em função de um outro recorte: a classe. Assim, o destaque em relação à perspectiva aqui abordada se dá pela necessidade de compreender que o ativismo de Ellen Valias é perpassado por eixos de poder de opressão (Collins, 2019), como será debatido no próximo tópico da pesquisa.

1.3. Os estudos interseccionais e o pensamento feminista negro

No presente tópico destacamos a importância de investigar o ativismo de Ellen Valias a partir de contribuições dos estudos interseccionais e também do pensamento feminista negro, para compreender como a sua experiência enquanto mulher preta e gorda vai influenciar na maneira como constrói seu discurso.

Assim, não há como analisar o discurso ativista de Ellen Valias sem considerar os eixos de poder de opressão (Collins, 2019) que perpassam suas vivências e experiências, assim como sua possibilidade de ação enquanto agente crítica. Ela, mulher gorda, preta, periférica, não pode ter sua produção no *Instagram* observada a partir de questões e teorias que se constroem apenas das experiências de pessoas gordas brancas. No campo do ativismo gordo, é necessário ainda trazer a raça como pauta urgente, pois, “para entendermos as dinâmicas sociais presentes em nossas sociedades, é impossível deixar de lado a ‘raça’ como um marcador social” (Macedo, 2022, p. 255).

Para analisar criticamente os discursos combativos, ativistas, de reexistência e resistência que são produzidos por esse corpo racializado, consideramos não só o tamanho, mas também a raça, o gênero e a classe social de Ellen Valias. Nossa tese é que tais características identitárias podem influenciar o uso dos recursos linguístico-discursivos pela ativista para

combater a gordofobia, ou seja, ela desenvolve um ativismo distinto de outras mulheres que ocupam posições sociais que não são semelhantes às suas.

Deste modo, ao caracterizar os discursos ativistas de Ellen Valias como sendo de reexistência e resistência, fazemos o movimento de os compreender como elementos que auxiliam na “desestabilização do que se pode ser considerado como discursos cristalizados” (Souza, 2009, p. 32). Em que a resistência se configura como uma estratégia de não sucumbir aos discursos hegemônicos que são vinculados aos corpos gordos, estes que buscam uma deslegitimação e estigmatização de tais corporalidades. E, por sua vez, a reexistência representa o movimento de contestação, questionamento, e também da proposição de uma “reinvenção de práticas” (Souza, 2009, p. 34)¹¹ para a representação dos corpos gordos e negros.

Como indicado pela intelectual negra Patrícia Hill Collins ao falar dos paradigmas interseccionais e da vivência de mulheres negras estadunidenses, “as opressões interseccionais moldam as experiências de outros grupos” (Collins, 2019, p. 368). Ou seja, a partir de diferentes identidades sociais, e das opressões que delas podem se desenvolver, é que Ellen Valias vai atuar contra os discursos e práticas discursivas naturalizadas e reificadas sobre o seu e outros corpos gordos.

O conceito de interseccionalidade foi cunhado pela jurista norte-americana Kimberlé Crenshaw. O termo teve sua sistematização no final da década de 80 e parte de uma abordagem teórica que busca evidenciar os diferentes marcadores sociais que perpassam as identidades de mulheres, principalmente as negras, bem como as maneiras pelas quais tais aspectos se articulam e influenciam nos processos de construção da subjetividade, no acesso ou não a políticas públicas, ao mercado de trabalho, em questões relacionadas à violência, dentre outras (Crenshaw, 2002; Gomes; Carvalho, 2020). Deste modo, Crenshaw compreende a interseccionalidade como algo que “trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a operação de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (Crenshaw, 2002, p. 173).

A Antropóloga María Elvira Díaz Benítez destaca que, apesar de serem agrupadas em uma única categoria, as ideias que se desenvolvem sobre interseccionalidade “não são novas nem respondem a uma única linha ou escola de pensamento” (Díaz Benítez, 2020, n.p). A interseccionalidade “surtiu do desconforto feminista com a centralidade que tinha sido

¹¹ O conceito de reexistência foi aqui descrito e trabalhado com base no trabalho desenvolvido pela Linguista Aplicada negra Ana Lúcia Silva Souza no ano de 2009 em sua tese de doutorado. A pesquisadora utiliza tal conceito ao pesquisar sobre os Letramentos de Reexistência no movimento hip-hop.

concedida ao gênero como marcador central na análise das diferenças e das relações sociais. Isto é, a denúncia consistia em que o feminismo teria negligenciado o fator racial” (Díaz Benítez, 2020, n.p).

A pesquisadora salienta que a inclusão das discussões de raça dentro do referido movimento foi consequência das inquietações de feministas negras, que procuravam evidenciar as diferentes particularidades que perpassavam - e ainda perpassam- as vivências de mulheres negras, elementos que dentro de um feminismo hegemônico e branco eram - e ainda são- invisibilizados (Díaz Benítez, 2020).

O feminismo negro norte-americano continuou a reivindicar a necessidade de se atentar para as particularidades que surgiam como desdobramento da opressão racial, bem como as consequências que eram observadas na vida e também na “construção subjetiva de mulheres negras e de cor, sendo fundamental pensar as experiências dessas mulheres como marcadas especialmente pelo racismo” (Díaz Benítez, 2020, n.p).

Através da proposição de agências coletivas, assim como de questionamentos aos projetos que se diziam emancipatórios no interior do feminismo branco hegemônico, as feministas negras pensavam de maneira interseccional as questões como: “o legado da escravidão, o acesso ao trabalho, maternidade, reprodução e família, como eixos a partir dos quais seria preciso olhar para as especificidades” (Díaz Benítez, 2020, n.p). A autora aponta assim para o movimento que as feministas negras, em uma ação intragrupal, colocavam a necessidade de se olhar para além da universalização das mulheres, evidenciando as questões que iam para além das necessidades que mulheres brancas entendiam como pautas de discussão e reivindicação.

Díaz Benítez (2020) salienta ainda que o feminismo negro teve suas origens na década de 1960 no interior das lutas do movimento negro nos Estados Unidos, mas que somente em 1970 que o movimento de mulheres começou a produzir suas ideias “que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras” (Collins, 2016, p. 101). Assim, a partir de questionamentos que traziam como reflexão os lugares ocupados por mulheres negras na sociedade, a antropóloga destaca os nomes de Toni Morrison e Alice Walker. Tais autoras, como enfatizado por Díaz Benítez (2020), auxiliaram no processo de revisar e buscar reformular “as representações que afetam as mulheres nos discursos dominantes” (n.p), processo esse que se desenvolveu inicialmente nas décadas de 1980 e 1990.

Díaz Benítez (2020) destaca que o feminismo negro ao teorizar sobre as diferentes questões que perpassam a vivência de mulheres no globo, parte da concepção destes elementos

agindo em conjunto, não de modo isolado, mas sempre articulando-os entre si. O movimento feminista negro

entendia que fazer políticas interseccionais significa ter abertura às coalizões, e se estabelecer movimentos sociais sensíveis a todos os tipos de opressão, exclusão, marginalização, tais como o classicismo, sexismo, heterossexismo, racismo, capacitismo e xenofobia, sem priorizar nenhum deles de antemão, senão de forma contextual e situacional. Levando em conta o que bell hooks chamou de “conhecimento situado”, ou seja, valorizando o ponto de vista do marginalizado, é possível transformar a assimetria da experiência minoritária em um privilégio, por ser um conhecimento das margens (Díaz Benítez, 2020, n.p).

As perspectivas que emergem das margens funcionam como ferramentas usadas para o questionamento, a reivindicação e denúncia, para constituírem uma abordagem que seja “altamente política, autobiográfica, testemunhal, experimental e mnemônica da própria situação que, publicizada, revela o núcleo violento e contraditório, ainda não purgado ou resolvido, do processo de formação e de evolução de nossa sociedade” (Danner; Dorrico; Danner, 2020, pp. 66-67), trazendo novas maneiras de compreender, analisar e explicar a realidade social.

Há assim uma pluralidade de perspectivas teóricas sobre interseccionalidade, bem como a existência de inúmeras pessoas que apresentam importantes reflexões através de suas pesquisas, e que dedicam-se às questões que se desenvolvem a partir das experiências de diferentes pessoas e grupos.

Em nosso estudo, vamos evidenciar a perspectiva interseccional abordada pela pesquisadora e ativista negra Patricia Hill Collins. Tal escolha, que aqui compreendemos como metodológica, se dá por questões de alinhamento teórico, visto que a abordagem utilizada pela Socióloga se alinha à abordagem teórico-metodológica proposta por Norman Fairclough, ambos seguem uma visão crítica sobre a vida social.

Ao falar do feminismo negro estadunidense, e principalmente, sobre as contribuições que tal movimento fez/faz no que diz respeito ao estabelecimento de pautas que buscam a justiça social, Collins (2017), compreende a interseccionalidade como uma ferramenta analítica, que se apresenta como uma “forma de investigação crítica e de práxis” (p. 7). A investigação crítica faz referência ao processo pelo qual a interseccionalidade começa a ganhar espaço dentro e fora das instituições, como uma forma de questionamento que já se apresentava como crítico porque “desafiava corpos de conhecimento, teorias, epistemologias, metodologias e pedagogias existentes, em especial os que estavam relacionados à desigualdade social” (Collins, Bilge, 2021, n.p). Já a práxis, está relacionada a uma práxis crítica e política que é desenvolvida para

a “reivindicação de justiça e equidade social” (Bueno, 2019, p. 52), em que mulheres negras usavam/usam do conhecimento para produzir, relatar e visibilizar as suas experiências a partir de suas agências tanto individual quanto coletiva, colocando em destaque a possibilidade do conhecimento enquanto uma ferramenta para o empoderamento (Collins, 2019).

Assim, a construção da interseccionalidade enquanto uma teoria social crítica se apresenta como uma maneira de “ativar epistemologias que põem em questão o conhecimento vigente e nos permite definir nossas realidades *em nossos próprios termos*” (Collins, 2019, p. 434). Ou seja, as mulheres negras a partir de suas experiências trazem seus corpos como local de produção de conhecimento, da afirmação, o instrumento para “tornar o invisível visível. Significa a afirmação do corpo negro como uma agência de intervenção política e intelectual” (Bernardino-Costa, 2016, p. 514).

Para a autora Patricia Hill Collins a opressão e a resistência andam juntas, pois enquanto mulheres negras forem subjugadas, oprimidas, sempre haverá a necessidade da existência de seu ativismo. E pensar tais aspectos sem se questionar o que é o poder, bem como as suas possibilidades e desdobramentos, para Collins (2019) é uma tarefa indissociável. Assim, Collins (2019) compreende a opressão e a resistência como elementos intrinsecamente ligados, em que uma é capaz de afetar a outra. Contudo, destaca que tal relação não pode ser considerada de maneira simples, pois não se resume a um “modelo formado por opressores permanentes e vítimas eternas” (Collins, 2019, p. 435). Pensando nisso, a autora destaca o caráter dinâmico do poder que perpassa as relações de opressão e também de resistência, pois ele, como destacado por Collins (2019), pode ser caracterizado como uma “entidade intangível que circula em uma matriz particular de dominação, e com o qual os indivíduos se relacionam de formas variadas” (p. 435).

Diante disso, a socióloga aponta a possibilidade de mudança nas formas em que a opressão se apresenta, bem como as maneiras que as mulheres negras podem se relacionar com tais aspectos, em que elas, inseridas em contextos variados e a partir de suas vivências e experiências, podem alterar a maneira pela qual se relacionam com as opressões interseccionais (Collins, 2019). Assim, a partir de tais posições, Collins (2019) reconhece nas mulheres negras a possibilidade de influenciar no poder, pois, segundo ela, as mudanças desenvolvidas individualmente pelas mulheres afro-americanas, sejam elas em suas ideias ou ações, podem ter consequências mais profundas quando organizadas coletivamente. Demonstrando assim como o poder, assim como as estratégias de resistência possuem caráter múltiplo e que estão constantemente em mutação (Collins, 2019).

Assim, a autora destaca que para se pensar a matriz de dominação é necessário pensá-la organizada a partir de “quatro domínios de poder inter-relacionados: o estrutural, o disciplinar, o hegemônico e o interpessoal” (Collins, 2019, p. 437). Em que eles, a partir de suas ferramentas e possibilidades, desempenham cada qual seu propósito de maneira específica.

Collins (2019), ao falar sobre os quatro domínios, assim como de seus propósitos, os apresenta da seguinte forma: “o domínio estrutural organiza a opressão, enquanto o disciplinar a administra. O domínio hegemônico justifica a opressão, e o interpessoal influencia a experiência cotidiana e a consciência individual dela decorrente” (Collins, 2019, p. 437).

O primeiro domínio, que segundo a socióloga é o referente ao *estrutural*, sendo responsável por organizar a opressão, faz tal movimento a partir das instituições sociais, estas que se organizam “a fim de reproduzir a subordinação de mulheres negras ao longo do tempo” (Collins, 2019, p. 438). Em que tais instituições sociais, por meio de suas articulações, e também de suas dimensões, são responsáveis por criar e reproduzir múltiplas formas de segregação em relação a diferentes grupos, incluindo aqui as mulheres negras. Deste modo, o movimento de segregar as mulheres negras influencia diretamente no acesso a políticas públicas, ao mercado de trabalho, à moradia e também educação. Ou seja, tais instituições sociais atuam em conjunto para “*excluir* as mulheres negras do pleno exercício dos direitos de cidadania” (Collins, 2019, p. 439).

Pensando no caráter dinâmico do poder, mesmo que este não seja um aspecto de fácil mudança, Collins (2019) ressalta a movimentação de mulheres negras em relação às políticas e também aos processos desenvolvidos no domínio estrutural do poder. Coloca mais uma vez a possibilidade de mudança a partir da agência humana, da resistência de mulheres negras, e principalmente, da configuração da resistência que se funda primeiramente “*fora* de instituições sociais detentoras de poder” (Collins, 2019, p. 442). O movimento que começou fora adentra o campo interno das instituições por meio de mulheres negras que ingressaram nas empresas, nas faculdades, assim como nas agências governamentais. Ao adentrarem em tais instituições, “as organizações nas quais lutaram tanto para ingressar podem parecer totalmente diferentes uma vez que passam a fazer parte delas” (Collins, 2019, p. 442).

Collins (2019) aponta que apesar da mudança em relação às leis, e também, de uma inserção de mulheres negras em espaços e cargos de autoridade dentro de instituições sociais que se apresentam como fundamentais na sociedade, o racismo institucional, assim como as opressões ganham novas configurações. Isso se dá porque agora as mulheres negras tornaram-se componentes internas das instituições, mudando não só a configuração do grupo, mas também as pautas e discussões que podem emergir da presença de tais agentes naqueles

contextos. Assim, o segundo domínio do poder, chamado por Collins (2019) de *disciplinar*, ao administrar as relações de poder, se caracteriza como uma “forma de governar baseada em hierarquias e técnicas de vigilância” (Collins, 2019, p. 443). Através da utilização de burocracias, já que agora não se pode excluir as mulheres negras destes espaços, o controle é instaurado e reafirmado. Como apontado por Collins (2019), “este estilo de organização se mostra altamente eficiente tanto na produção de opressões interseccionais quanto na ocultação de seus efeitos” (p. 443). Ou seja, a burocracia sendo utilizada como estratégia para tentar manter o poder e o racismo nestas instituições. Tendo como objetivo “formar populações de mulheres negras pacíficas, organizadas, dóceis e disciplinadas” (Collins, 2019, p. 443).

Assim, por intermédio da burocracia, se instaura a vigilância em relação às mulheres negras, em que o controle burocrático busca o disciplinar, docializar e conter as ações destas agentes enquanto membros das instituições. Entretanto, lembrando apontamentos anteriores de Collins (2019), a opressão e a resistência se desenvolvem em conjunto, em vista disso, mulheres negras podem exercer vigilância sobre estas organizações. Em que “o fato de mulheres negras passarem a ocupar posições de autoridade produziu novas oportunidades de usar recursos burocráticos para fins humanistas” (Collins, 2019, p. 444). Ou seja, trazendo mais uma vez a agência humana como elemento importante nas possibilidades de mudança, seja em políticas públicas, em leis. Atuando assim como *outsiders* internas que buscam no uso de “seu espaço reinscreverem as hierarquias sociais existentes” (Collins, 2019, p. 447).

O terceiro domínio do poder, o *hegemônico*, é descrito por Collins (2019) como aquele em que o poder está relacionado às ideologias, a consciência e também à cultura. Ele tem como objetivo justificar as práticas de exclusão que são desenvolvidas nos domínios estrutural, disciplinar e interpessoal. Em que ele, ao manipular a ideologia, assim como a cultura, “atua como um elo entre as instituições sociais (o domínio estrutural), suas práticas organizacionais (o domínio disciplinar) e a interação social cotidiana (o domínio interpessoal)” (Collins, 2019, p. 448).

Deste modo, tal domínio, na tentativa de manter o poder de certos grupos, desenvolve o movimento de manter um “sistema popular de ideias de ‘senso comum’ que sustentam seu direito de governar” (Collins, 2019, p. 448). Como destacado pela autora, as ideologias hegemônicas atuam principalmente em relação a raça, classe, sexualidade, gênero e também nacionalidade. Os meios de comunicação assim como os currículos escolares, as concepções religiosas e culturais ganham destaque neste domínio, pois eles, enquanto esferas sociais importantes na vida em sociedade, auxiliam na produção e reprodução de ideologias que buscam manter as relações de opressão (Collins, 2019).

Dito isso, o domínio hegemônico é responsável pela criação de consciência, seja através da manipulação de imagens, ideias, assim como das ideologias. Deste modo, um movimento importante destacado por Collins (2019) é o de desenvolver um conhecimento que se apresente como “contra-hegemônico que promova a transformação da consciência. Independente dos espaços sociais concretos nos quais esse processo ocorre- família, ambientes comunitários, escolas, instituições religiosas ou veículos da mídia de massa” (Collins, 2019, pp. 449-450). Ou seja, o desenvolvimento do conhecimento, assim como a construção da consciência, se desenvolve de maneira dinâmica. Em que os agentes, no nosso caso, mulheres negras, “com base em suas histórias pessoais, os indivíduos vivenciam e resistem à dominação de maneiras diferentes” (Collins, 2019, p. 450). Ellen Valias, como veremos posteriormente, usa sua biografia individual para construir um discurso ativista de resistência no *Instagram*.

Por último, o domínio *interpessoal* do poder, ao enfatizar o cotidiano, vai se referir aos modos pelos quais os indivíduos vão vivenciar os desdobramentos e opressões dos domínios anteriores. Como destacado pela intelectual, “cada indivíduo experimenta graus variados de sanções e privilégios nos múltiplos sistemas de opressão que enquadram a vida de todos” (Collins, 2019, p. 453). Ou seja, o domínio interpessoal funciona a partir das ações e das trocas entre pessoas cotidianamente. Neste, assim como nos demais, surgem as possibilidades e estratégias de resistência, em que a agência humana mais uma vez é enfatizada como uma ferramenta de mudança.

Assim, através dos apontamentos anteriores, percebemos a possibilidade de diálogo entre as contribuições de Fairclough (2001 [1992]) e Collins (2019), em que ambos, cada qual a partir de suas referências e modos de pensar, buscam a problematização do poder, das ideologias, assim como das relações desiguais que se desenvolvem na sociedade. Através de um movimento dialético que reconhece tanto a existência de estruturas que buscam a unificação, o consentimento, a opressão de certos grupos em relação a outros, quanto da ação, que possibilita o questionamento, a tentativa de reformulação e mudança, assim como a transformação de relações que se constroem a partir da desigualdade.

Dialogamos ainda com os estudos desenvolvidos por algumas teóricas negras brasileiras como: Lélia Gonzalez, Letícia Carolina Nascimento e Djamila Ribeiro, para nos auxiliar a pensar e a problematizar a inserção do discurso de Ellen Valias no ativismo gordo brasileiro a partir de sua história, de suas experiências e vivências como mulher gorda, preta, periférica. Pois ela, considerando o contexto do Brasil, teve e tem uma experiência “histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem

dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina dessas mulheres (Carneiro, 2019, n.p).

Ellen, fala sobre seu corpo a partir das margens, e por falar delas, ou melhor, da lata de lixo, como destacado por Gonzalez (1984), em que a autora a partir de dois eixos de opressão, o racismo e o sexismo, denuncia a tentativa de domesticação da população negra no Brasil, assim como evidencia a necessidade de que as reflexões desenvolvidas no campo das Ciências Sociais ultrapassem os modelos que eram utilizados para falar e retratar as mulheres negras brasileiras, modelos estes carregados de estereótipos e marcas do racismo estrutural que se desenvolvia/desenvolve no país.

Lélia Gonzalez (1984), pensa a inserção da mulher negra em uma sociedade em que o racismo se faz presente e que gera consequências irreparáveis. Da sexualização do corpo negro à imagem da doméstica, problematiza as questões que perpassam cotidianamente tal parcela da população.

Ao trazer a figura da mulher negra da periferia, Gonzalez (1984), a representa como anônima, ou seja, aquela que se encontra “nas baixadas da vida, quem sofre tragicamente efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobre na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha” (Gonzalez, 1984, p. 231), contribui para pensarmos o caso de Ellen, assim como a sua iniciativa de produzir discursos de resistência e reexistência a partir de seu perfil no *Instagram*.

CAPÍTULO 2

2. PERCURSOS METODOLÓGICOS

Neste momento da nossa pesquisa nos dedicamos a demonstrar os percursos metodológicos que foram adotados ao longo do desenvolvimento da dissertação. Em um primeiro momento fizemos uma caracterização da pesquisa, ressaltando aspectos importantes de sua constituição. Posteriormente, evidenciamos como se desenvolveram os passos da pesquisa, bem como os critérios para definição, coleta e sistematização do *corpus* de pesquisa. Por último, destacamos as categorias que nos auxiliaram no desenvolvimento da análise, assim como a articulação destes nos ajudaram na compreensão da construção discursiva do ativismo de Ellen Valias.

2.1. A natureza da pesquisa

Ao investigar a maneira pela qual os corpos gordos produzem discursos ativistas de combate à gordofobia, e buscando analisar as práticas discursivas e sociais que perpassam o ativismo gordo preto desenvolvido por Ellen Valias em seu perfil do *Instagram*, é necessário fazer uma caracterização da natureza da pesquisa, bem como destacar os procedimentos metodológicos que nela foram empregados.

O estudo em questão se insere no campo das **pesquisas qualitativas**, pois volta-se aos sentidos contidos nos textos, utilizando-os como importantes materiais empíricos que servem como instrumentos para a realização da observação e análise de elementos e práticas que constituem parte das realidades sociais. Como apontado por Resende (2008), “é uma forma de pesquisa potencialmente crítica: por meio da PQ¹² as ciências sociais críticas identificam estruturas de poder naturalizadas em um contexto sócio-histórico definido” (Resende, 2008, p. 82), em que os textos, através de seus elementos sociolinguísticos, funcionam como ferramentas que auxiliam neste processo de naturalização de certos saberes, crenças e valores (Fairclough, 2001 [1992]).

Além disso, buscou-se compreender a ação da linguagem enquanto instrumento utilizado por uma mulher gorda, preta e periférica para contestar os discursos hegemônicos que são construídos socialmente e que são responsáveis pela manutenção de algumas relações assimétricas de poder que perpassam as experiências de pessoas gordas.

Desse modo, ao compreendermos que nossa pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, entendemos que ela buscou “esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo

¹² PQ faz referência a Pesquisa Qualitativa

à sua volta, o que estão fazendo ou o que está lhes acontecendo em termos que tenham sentido” (Flick, 2009, p. 8). Ou seja, através da observação da gordofobia enquanto um fenômeno que é construído, reproduzido e tem possibilidade de transformação a partir do discurso, procuramos entender como Ellen Valias faz o movimento de criar sentidos e interpretar o mundo o qual está inserida.

Os textos produzidos por Ellen Valias em suas publicações representam o material empírico da pesquisa, e por isso serviram como base para o desenvolvimento de uma abordagem da gordofobia enquanto um aspecto presente em diferentes práticas sociais e discursivas. Assim sendo, ao serem abordados a partir de suas relações com estruturas sociais, os textos auxiliaram na identificação de estratégias discursivas que são usadas por instituições e agentes para fazer a manutenção ou contestação de tal fenômeno.

Nosso estudo é de **cunho documental** porque são usados textos/documentos que não sofreram tratamento analítico (fontes primárias), portanto analisados ou sistematizados. Tais textos/documentos são materialidades capazes de produzir sentidos, compartilhar perspectivas, de analisar e compreender a realidade. Por conseguinte, se apresentam como fundamentais no que diz respeito à construção, consolidação, manutenção e também modificação de saberes, valores e crenças (Fairclough, 2001 [1992]).

Ao analisar as publicações no *Instagram* de uma mulher gorda preta periférica, bem como os discursos que são nelas identificados, procuramos desenvolver uma análise que se voltasse para além dos aspectos linguísticos que as compõem, ou seja, uma exploração crítica que fosse capaz de identificar não só os discursos, mas também as condições sócio-históricas que estão para além da constituição formal dos textos que integram o *corpus* da pesquisa, mas que também os influenciam.

A investigação que desenvolvemos está associada à Análise de Discurso Crítica (ADC) de vertente britânica, esta que se apresenta enquanto uma **abordagem teórico-metodológica transdisciplinar que tem como característica o método dialético-relacional e crítico**. Deste modo, nos ofereceu subsídios para análise linguística, discursiva e social, em que ao voltarmos para os textos publicados no perfil do *Instagram* de Ellen Valias, foi possível a observação e análise de recorrências temáticas e léxico-gramaticais que nos auxiliaram a compreender a maneira pela qual a ativista produz discursos ativistas em resposta às práticas e atos de gordofobia. Isso só foi possível mediante os procedimentos metodológicos que foram usados ao longo da análise.

Os estudos discursivos críticos, nesta vertente, pretendem a partir de uma perspectiva transdisciplinar, promover o desenvolvimento de pesquisas que se dedicam a investigar as

mudanças sociais que são parcialmente construídas e constituídas pelo e no discurso, assim como as mudanças discursivas são responsáveis também por mudanças no social, buscando assim na linguagem elementos que revelam relações de poder que se constroem a partir de disputas e assimetrias (Fairclough, 2001[1992]).

Diante disso, o caráter **transdisciplinar** é devido à articulação entre teorias discursivas e teorias sociais críticas, a fim de construir questionamentos que se baseiam na relação existente entre discurso e sociedade; proposta que não se reduz à analítica textual-discursiva mas que se articula e operacionaliza teórico-metodologicamente a outros conceitos e categorias, capazes de dar conta da explanatória crítica acerca dos problemas sociais com faceta semiótica.

Trabalhos anteriormente desenvolvidos por membros do grupo de estudo e pesquisa AFECTO- Abordagens Faircloughianas para Estudos sobre Corpo/Discurso Textualmente Orientados, ressaltaram a importância do rompimento de barreiras epistemológicas para analisar eventos discursivos de maneira crítica, revelando questões urgentes que se apresentam na realidade, como por exemplo, uma análise crítica discursiva sobre representações e também identidades que mulheres gordas constroem sobre si (Carvalho, 2018), a investigação discursivo-crítica das representações sociodiscursivas de uma travesti em práticas midiáticas desenvolvidas no meio digital brasileiro (Lima, 2019), além de uma análise discursivo-crítica dos relatos de alunos trans do ensino médio de escolas da cidade de Viçosa-MG (Ribeiro, 2020).

Em vista disso, tal abordagem ao se voltar para essas mudanças, e principalmente, buscando uma análise crítica e a compreensão dos elementos que as constituem, propõe o rompimento de fronteiras epistemológicas, para que seja possível uma aproximação entre análises linguísticas e as teorias sociais (Fairclough, 2001 [1992]). Desse modo, uma vez que busca contribuições de diferentes campos do saber, seja por meio de conceitos, categorias e métodos, Norman Fairclough pretende romper com o “isolamento dos estudos linguísticos de outras ciências sociais e ainda a dominação da linguística por paradigmas formalistas e cognitivos” (Fairclough, 2001 [1992], p. 19-20). Ou seja, pretende observar e compreender a ação da linguagem a partir de aspectos tanto linguísticos quanto sociais.

A seguir destacamos os passos da pesquisa, os critérios de delimitação do corpus, assim como a justificativa do uso da rede social Instagram e do perfil de Ellen Valias como objeto de estudo da dissertação. É necessário destacar que contamos com o auxílio da dissertação de

mestrado de Cintia de Freitas Rodrigues Loureiro (2020)¹³ para o desenvolvimento e organização de nossa metodologia de pesquisa.

2.2 Definição, coleta e sistematização do *corpus* de pesquisa

O *corpus* da pesquisa é composto por **97** publicações que abordam temáticas envolvendo corpos gordos e gordofobia no perfil do *Instagram* de uma ativista gorda, preta e periférica de nome Ellen Valias (@atleta_de_peso)¹⁴.

A escolha do *Instagram* inicialmente se deu pelo fato de se ter como objetivo a continuação de um trabalho anteriormente desenvolvido na graduação, este que intitulado “Corpo, Estima e Reconhecimento: uma análise da experiência de mulheres gordas no Instagram¹⁵”, abordou o papel desempenhado por duas mulheres gordas no que diz respeito a novas maneiras de compreender e representar os corpos gordos femininos, a partir de três categorias de análise: consumo, rejeição de um padrão de beleza e autoaceitação. Além disso, existia também a questão da crescente popularidade da rede social no Brasil (Loureiro, 2022), aspecto que se intensificou ao longo do período da pandemia de Covid-19 pela impossibilidade de se estabelecer um contato presencialmente.

Em um segundo momento a escolha se baseou na compreensão da rede social como um espaço propício para a discussão de diferentes pautas, assim como ferramenta utilizada por diversas pessoas para dar visibilidade às suas narrativas, estas que podem chegar a mulheres do Brasil que, em certo ponto, compartilham vivências parecidas com aquelas que são abordadas no perfil selecionado. O *Instagram* pode ser caracterizado como um lugar em que “as experiências em primeira pessoa, tornadas públicas na rede, passam a afetar o outro” (Hollanda; Costa, 2018, p. 46). A partir então da identificação de seu caráter político, principalmente a partir da atuação dos ativismos desenvolvidos por diferentes grupos sociais, a rede social funciona como uma importante ferramenta para o debate de pautas urgentes no contexto brasileiro.

¹³Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas) da Universidade de Brasília.

LOUREIRO, C. F. R. **Violência doméstica contra mulheres e Pandemia de Covid-19: uma análise discursiva multimodal com dados do Instagram**. 2022. 294 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

¹⁴ Link para acesso ao perfil de Ellen Valias no Instagram: https://www.instagram.com/atleta_de_peso/.

¹⁵ Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa com orientação da Professora Dr^a Rayza Sarmento.

MAURILIO, E. C. **Corpo, Estima e Reconhecimento: uma análise da experiência de corpos gordos no Instagram**. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Departamento de Ciências, Viçosa, p. 47. 2019.

O perfil de Ellen Valias possui atualmente 151 mil seguidores¹⁶. Ela é mulher preta, gorda maior, mãe, criadora de conteúdo digital, estudante do curso de Educação Física, palestrante, escritora¹⁷, comentarista e uma das diretoras executivas do Racha Basquete Feminino¹⁸. Além disso, trabalha com o canal “Atleta De Peso”¹⁹ que possui 5,74 mil inscritos. A ativista se dedica às discussões de racismo e gordofobia no esporte/atividade física, destacando assim a necessidade de inclusão e ressignificação dos corpos gordos neste espaço.

Figura 2: Print do perfil de Ellen Valias



Fonte: https://www.instagram.com/atleta_de_peso/

É necessário destacar o que levou à escolha de seu perfil como espaço para a coleta de dados, e consequentemente, a construção do *corpus* de pesquisa e desenvolvimento da análise. O processo de escolha se deu a partir de dois critérios. O primeiro diz respeito ao recorte numérico de seguidores que Ellen Valias tinha no início do ano de 2021, na medida em que pretendia-se trabalhar com perfis com menor visibilidade dentro da rede. Isso porque, ao desenvolver pesquisa anterior, a partir de apontamentos da banca avaliadora, percebeu-se a necessidade de dar enfoque aos perfis com menos seguidores no *Instagram* que trabalhassem a questão da gordofobia, ou seja, trazer para o plano de discussões as maneiras encontradas por mulheres no que diz respeito ao seu ativismo gordo, mas mulheres que tivessem menos visibilidade, mas que ainda assim desenvolvessem um posicionamento combativo e tivesse um engajamento.

¹⁶ Número de seguidores no dia 15 de março de 2023.

¹⁷ Autora do livro “Corpo Gordo: construindo uma nova relação com atividade física” publicado em junho de 2021.

¹⁸ Projeto que busca a reunião de mulheres para ocuparem as quadras de basquete. Link para acesso ao perfil do projeto no Instagram: <https://www.instagram.com/rachaobasquetefeminino/>.

¹⁹ Link do canal: Atleta De Peso: https://www.youtube.com/results?search_query=atleta+de+peso.

O segundo refere-se às pautas abordadas por Ellen Valias em suas publicações, que como apontado anteriormente, se dedicam a trabalhar questões que envolvam a inserção dos corpos gordos no esporte e em atividades físicas, assim como questionam o racismo enquanto elemento que complexifica ainda mais a experiência de pessoas gordas. Estabelecer a temática da inclusão de corpos gordos nestes espaços se mostra de grande importância na medida em que ao estigmatizar tais corpos criam-se percepções de que estes não são adequados para realizarem diferentes práticas esportivas. Desse modo, a gordofobia, ao negar acessibilidade a eles, acaba por excluir “as pessoas gordas do direito de ir e vir, do direito sobre os próprios corpos, de estar em espaços públicos e/ou privados” (Jimenez-Jimenez, 2020b, p. 59).

Além dos critérios já apresentados, as publicações selecionadas tiveram como recorte temporal o intervalo entre 11 de março de 2020 a 10 de setembro do mesmo ano. O intervalo no qual as publicações se inserem tem início na data em que a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a contaminação do Covid-19 como pandemia, e o fim da coleta no **Dia da Luta Contra a Gordofobia, data que foi reformulada a partir do movimento Vai ter Gorda, da cidade de Salvador-BA**. Tal escolha metodológica se deu pela percepção do aumento de casos de gordofobia no contexto pandêmico, como destacado em diferentes notícias e falas de pessoas gordas que utilizam a referida rede social, assim como de uma importante data para o ativismo gordo no contexto brasileiro.

Inicialmente, foram selecionados dois perfis para constituírem o *corpus* desta pesquisa; o de Ellen Valias e Layla Brígido (@laylabrigido)²⁰, contudo, ao longo do desenvolvimento da investigação, e principalmente, do processo de coleta de dados, percebeu-se uma grande disparidade entre o número de publicações que poderiam compor o *corpus* de pesquisa (aproximadamente 120 publicações entre os dois perfis), além de observar que o perfil de Ellen Valias possuía uma maior frequência de atividades, assim como uma maior pluralidade de elementos que poderiam auxiliar no entendimento de como, a partir de suas intersecções corpóreas, são produzidos, negociados e articulados discursos combativos e ativistas.

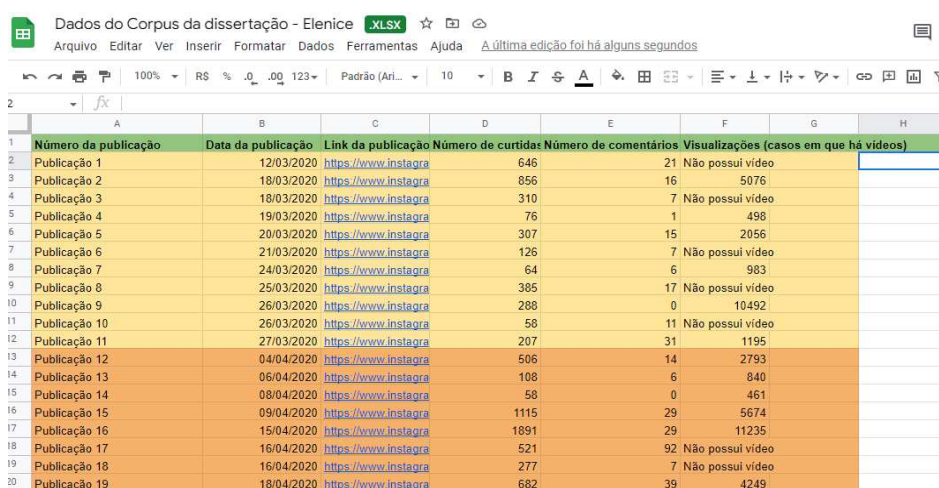
Uma vez especificados os critérios que guiaram a escolha do perfil de Ellen Valias, é necessário apontar os elementos que foram levados em conta na seleção dos dados, que serão posteriormente apresentados. Em um primeiro momento, as publicações foram analisadas a partir de seus conteúdos, para averiguar se elas estavam em conformidade com nosso primeiro

²⁰ Layla Brígido é uma mulher gorda e branca, mineira, criadora de conteúdo, e dedica-se às temáticas de beleza, moda e autoestima. Link para acesso ao perfil de Layla Brígido no Instagram: <https://www.instagram.com/laylabrigido/>

objetivo específico, ou seja, era necessário que as publicações construíssem discursos em resposta às práticas e atos de gordofobia, ainda que não utilizassem explicitamente o conceito ao longo de seu texto. Além disso, não bastaria o uso de hashtags (que envolvessem o conceito de gordofobia) para que tal publicação fosse selecionada. Em seguida, as publicações foram examinadas para que não se repetissem por completo; em alguns casos a imagem ou vídeo inseridos na publicação poderiam se repetir, mas o texto neles contidos não, bem como em suas legendas.

Feito isso, a partir da seleção de **173** publicações que se inseriam no recorte temporal anteriormente delimitado, por meio do uso de computador para a organização e salvamento de prints das publicações, bem como de seus dados, foi criada uma planilha no *Excel* (Figura 2) com os seguintes tópicos: número de publicação, data de publicação, link da publicação, número de curtidas, número de comentários e visualizações (casos em que há vídeos)²¹.

Figura 3: Print de planilha de dados coletados nas publicações de Ellen Valias



Número da publicação	Data da publicação	Link da publicação	Número de curtidas	Número de comentários	Visualizações (casos em que há vídeos)
Publicação 1	12/03/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CEj...	646	21	Não possui vídeo
Publicação 2	18/03/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CEk...	856	16	5076
Publicação 3	18/03/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CEl...	310	7	Não possui vídeo
Publicação 4	19/03/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CEm...	76	1	498
Publicação 5	20/03/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CEn...	307	15	2056
Publicação 6	21/03/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CEO...	126	7	Não possui vídeo
Publicação 7	24/03/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CEP...	64	6	983
Publicação 8	25/03/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CEQ...	385	17	Não possui vídeo
Publicação 9	26/03/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CER...	288	0	10492
Publicação 10	26/03/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CES...	58	11	Não possui vídeo
Publicação 11	27/03/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CEU...	207	31	1195
Publicação 12	04/04/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CEV...	506	14	2793
Publicação 13	06/04/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CEW...	108	6	840
Publicação 14	08/04/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CEX...	58	0	461
Publicação 15	09/04/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CEY...	1115	29	5674
Publicação 16	15/04/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CEZ...	1891	29	11235
Publicação 17	16/04/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CE0...	521	92	Não possui vídeo
Publicação 18	16/04/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CE1...	277	7	Não possui vídeo
Publicação 19	18/04/2020	https://www.instagram.com/ellenvalias/p/CE2...	682	39	4249

Fonte: print de planilha criada manualmente pela autora

Após a realização do processo anterior, desenvolveu-se a transcrição dos posts que não tinham texto falado (**97 textos escritos**), e posteriormente, o salvamento dos mesmos em *txt* no processador de texto Microsoft Word. A escolha metodológica de se trabalhar apenas com os textos escritos/verbais das publicações, sem voltarmos à imagem, se deu pelo curto período de tempo para a realização de transcrição dos vídeos e análise detalhada de outros tantos recursos

²¹ Detalhamento de etapas de pesquisa desenvolvido com base no percurso metodológico de Cintia de Freitas Rodrigues Loureiro.

LOUREIRO, C. F. R. **Violência doméstica contra mulheres e Pandemia de Covid-19: uma análise discursiva multimodal com dados do Instagram**. 2022. 294 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

multimodais. Além disso, entendemos que os demais dados podem ser revisitados para trabalhos posteriores.

Em decorrência da etapa passada, a partir do uso do *software* AntConc versão 3.5.8 (Windows) 2019, que apresenta diferentes ferramentas para a realização de análise textual e linguística do corpus de pesquisa, foi possível constatar algumas recorrências de palavras chave para a análise. No próximo capítulo, apresentaremos os termos encontrados, assim como as discussões que deles podemos fazer.

Após o uso do *software*, bem como a visualização das recorrências encontradas nos textos transcritos, foram selecionadas aquelas que melhor nos ajudariam a cumprir com os objetivos propostos pela pesquisa. Assim, a partir delas, posteriormente foram identificadas as três principais temáticas que foram desenvolvidas por Ellen Valias entre os meses de março a setembro do ano de 2020 no seu perfil do *Instagram*, sendo elas: **Prática de Atividades Físicas, Gordofobia e Racismo**.

Assim, a partir da identificação e separação das publicações entre as três grandes temáticas, foram selecionadas 6 publicações, que foram divididas igualmente entre as temáticas encontradas, para fim de visualização e análise das mesmas a partir das categorias detalhadas no tópico 3.3 deste capítulo. O critério de escolha foi estabelecido com base na maior pluralidade de elementos que cada uma pudesse abordar, e que mostrassem como Ellen Valias constrói discursivamente um posicionamento combativo e ativista de reexistência e resistência.

No quadro abaixo (**Quadro 1**) apontamos quais publicações foram selecionadas, bem como o mês e data de publicação, seu número dentro do *corpus*, o número de curtidas, e também a temática na qual ela foi alocada. É importante ressaltar que elas foram apresentadas no quadro seguindo a ordem que aparecem na análise, e não a partir de uma ordem cronológica.

Quadro 1: Textos selecionados para análise de excertos

Mês	Data	Nº da publicação	Nº de curtidas	Temática
Junho	05/06/2020	44	950	Prática de Atividades Físicas
Maiο	15/05/2020	29	231	Prática de Atividades Físicas
Julho	20/07/2020	111	959	Gordofobia

Setembro	08/09/2020	170	1523	Gordofobia
Agosto	08/08/2020	132	968	Racismo
Julho	01/07/2020	80	1094	Racismo

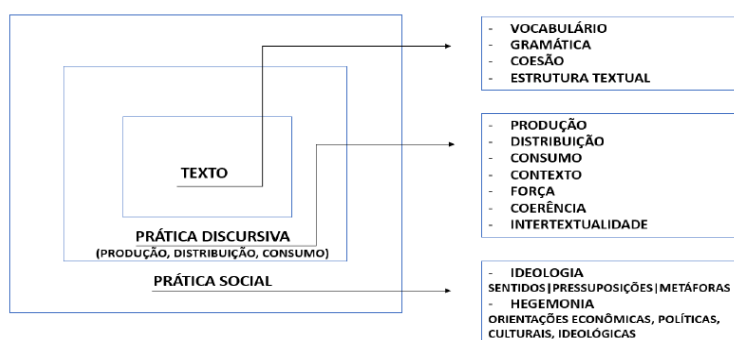
Fonte: Dados da pesquisa

Após a identificação e explicação de elementos que caracterizam a dissertação, como por exemplo a natureza da pesquisa, os passos que foram desenvolvidos desde a escolha do perfil de Ellen Valias, até o processo de escolha das publicações a serem analisadas de maneira mais minuciosa, no próximo tópico, destacamos o quadro analítico e as categorias usadas em nossa análise, assim como sua funcionalidade dentro da pesquisa.

2.3 Quadro analítico e categorias de análise da pesquisa

Após delimitação dos percursos que foram utilizados até a presente etapa da pesquisa, é necessário destacar o quadro analítico que guiou nossa investigação, bem como as categorias usadas ao longo dela. Para isso, destacamos que voltamos-nos ao quadro apresentado em nosso capítulo de referencial teórico, porém, agora nosso olhar direciona-se aos aspectos analíticos do mesmo. Abaixo, na figura 4, apresentamos o quadro modificado por Marcelo Lima (2019) em sua dissertação para a visualização das categorias analíticas no Modelo Tridimensional.

Figura 4: Categorias analíticas do Modelo Tridimensional



Fonte: Lima (2019), com base em Fairclough (2016 [1992])²²

²² FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Magalhães. (Coordenadora da Tradução). 2. ed. Brasília/DF: Editora Universidade de Brasília, 2016 [1992].

A figura acima apresenta as três etapas do quadro analítico proposto por Fairclough (2001 [1992]), sendo elas: **análise textual**, **análise da prática discursiva** e **análise da prática social**. Tal quadro foi elaborado pelo teórico para que seu objetivo de analisar a linguagem em uso, ou seja, o discurso como prática social, fosse possível. Deste modo, Norman Fairclough buscou fornecer um modelo para pensar, compreender e analisar o discurso e suas formas de ação e representação do mundo.

A primeira das etapas do quadro analítico, segundo o autor, é a **etapa descritiva** da análise. Diante disso, ao se analisar os textos, o exame deve combinar simultaneamente questões que envolvam a forma, bem como aquelas que se relacionam ao significado. Assim, a análise textual, ao se debruçar sobre as estruturas linguísticas e também aos sentidos potenciais que delas advém, como apontado por Fairclough (2001 [1992]), pode se organizar a partir de quatro componentes, sendo eles: **vocabulário**, **gramática**, **coesão** e **estrutura social**. O autor destaca que tais categorias analíticas podem ser entendidas a partir da seguinte perspectiva: “o vocabulário trata principalmente das palavras individuais, a gramática das palavras combinadas em orações e frases, a coesão trata da ligação entre orações e frases e a estrutura textual trata das propriedades organizacionais de larga escala dos textos” (Fairclough, 2001 [1992], p. 103).

Em nossa pesquisa, ao realizar a análise textual, usamos apenas o vocabulário como categoria analítica. Isso se deve ao estabelecimento de um diálogo com o nosso objetivo de pesquisa referente à identificação, através do uso de alguns léxicos, da maneira que Ellen Valias avalia por meio do afeto, julgamento ou apreciação (White, 2004) as práticas e atos de gordofobia.

Diante disso, salientamos que ao se voltar à categoria de vocabulário, Fairclough (2001 [1992]) revela que a mesma deve ser abordada para além do sentido que é utilizado nos dicionários, pois, “existem distintos usos de um mesmo léxico, todos motivados socialmente” (Carvalho, 2018, p. 10). Isso se deve ao fato de que os sentidos a eles atribuídos têm a intervenção de agentes que investem política e ideologicamente em tais construções, a fim de significar e representar o mundo.

A segunda, por sua vez, a análise da prática discursiva, é a **etapa interpretativa** do modelo analítico proposto por Fairclough (2001[1992]). Nela, o linguista destaca os processos que envolvem a produção, distribuição e consumo dos textos. Além disso, aponta a existência das categorias de **contexto**, **força**, **coerência** e **intertextualidade**. Na nossa análise discursiva voltamo-nos a apenas quatro das sete categorias descritas por Fairclough (2001[1992]), sendo elas: produção, distribuição, consumo e intertextualidade.

Para o autor, os textos têm sua produção desenvolvida por meio de formas que se mostram particulares, assim como em contextos sociais que são específicos (Fairclough, 2001[1992]). Além disso, o consumo de tais materialidades vai ser desenvolvido em contextos que se apresentam de forma diversa. Em que ele aponta que “isso tem a ver parcialmente com o tipo de trabalho interpretativo que neles se aplica [...] e com os modos de interpretação disponíveis (Fairclough, 2001[1992], p. 107). Diante disso, Ellen Valias e seus seguidores/interlocutores produzem e interpretam os textos, bem como os sentidos potenciais neles contidos, a partir dos recursos que eles empregam.

Em relação à intertextualidade, esta que é definida pelo autor como “a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente” (Fairclough, 2001[1992], p. 114), abordaremos os textos de Ellen Valias como produtos que, em partes, são compostos por outros textos, seja em forma de recapitulação, defesa de um posicionamento, seja por meio de oposição e/ou resistência em relação a outros textos.

A terceira etapa do quadro analítico é referente à análise da prática social. Esta, por sua vez, corresponde à **dimensão interpretativa/explicativa da análise**, em que se desenvolve uma explanação crítica decorrente das análises desenvolvidas nas dimensões anteriores. Desse modo, é nesta etapa da análise que deve-se considerar os aspectos sociais, históricos, culturais e políticos que perpassam tanto a produção, a divulgação e também o consumo de textos e discursos. Assim, tal dimensão analítica busca compreender o discurso e sua relação com a ideologia (Thompson, 1984)²³ e a hegemonia (Gramsci, 1971; Laclau; Mouffe, 1985)²⁴.

As ideologias funcionam, dentro da análise faircloughiana, como formas de construções sobre a realidade, e também dos elementos e relações que a compõem. Elas, por sua vez, como destacado por Fairclough (2001 [1992]), podem contribuir para a “produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (p. 117), perspectiva que aproxima-se da utilizada por John B. Thompson. Já em relação às práticas discursivas, as ideologias vão alcançar seu potencial ao auxiliar numa relativa cristalização de algumas maneiras de compreender e representar o mundo. Assim, na pesquisa em questão, as ideologias vão estar relacionadas às maneiras pelas quais Ellen Valias caracteriza e compreende os corpos gordos, assim como se posiciona contrariamente às formas gordofóbicas de retratá-los.

²³ THOMPSON, J. B. **Studies in the theory of ideology**. Cambridge: Polity Press, 1984.

²⁴ GRAMSCI, A. **Selections from the prison notebooks**. Ed. e trad. Q. Hoare & G. N. Smith. Londres: Lawrence and Wishart, 1971.

LACLAU, E. e MOUFFE, C. **Hegemony and socialist strategy**. Londres: Verso, 1985.

A categoria de *hegemonia* ao estar diretamente ligada às construções ideológicas, representa a “liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade” (Fairclough, 2001 [1992], p. 122). Configura-se como um poder que comanda temporariamente a sociedade. Dentre suas possibilidades está a questão do poder de nomear o que é belo, feio, doente ou saudável, fazendo isso através não só de textos, mas dos sentidos que circulam cotidianamente na vida social.

Foram usados o Subsistema de Avaliatividade de White (2004) - **afeto, julgamento e apreciação** - em diálogo com as categorias de **vocabulário, intertextualidade, modos de operação ideológica e hegemonia** como proposto por Norman Fairclough (2001[1992]).

Tais categorias foram utilizadas para analisar a maneira que Ellen Valias constrói discursivamente seu ativismo contra a gordofobia, além de possibilitar a identificação de recursos linguístico-discursivos utilizados por ela para se posicionar enquanto falante. Ou seja, os “meios que permitem que os indivíduos adotem posições de valor determinadas socialmente, e assim se filiem, ou se distanciem, das comunidades de interesses associadas ao contexto comunicacional em questão” (White, 2004, p. 177).

Como demonstrado por White (2004), a categoria de *afeto* está diretamente relacionada aos significados que se ligam às emoções. Indicam, como destaca o autor, “visões positivas ou negativas através de relatos das respostas emocionais do falante/escritor, ou relatos das respostas emocionais de terceiros” (White, 2004, p. 179). Assim, ao falar do afeto enquanto uma forma de avaliar discursivamente o posicionamento de falantes/escritores, no nosso caso, de averiguar como Ellen Valias se posiciona discursivamente em suas publicações, há a possibilidade de identificar em seus textos palavras e sequências discursivas que indiquem a presença de emoções, sejam elas positivas ou negativas.

Já a categoria de *julgamento* está ligada aos significados que sinalizam “uma visão de aceitabilidade social do comportamento de agentes humanos, uma avaliação feita através de referências a algum sistema de normas sociais” (White, 2004, p. 179). Ou seja, são significados que esboçam uma avaliação que vai se pautar nas ações de determinadas pessoas. Assim, ao usarmos o ativismo de Ellen Valias, as publicações que exercem julgamento fazem referência às práticas discursivas e atos que incitam/reproduzem a gordofobia.

No que diz respeito à categoria de *apreciação*, White (2004) vai apontá-la como sendo aquela em que os significados serão utilizados “para fazer avaliações de fenômenos semióticos e naturais através de referências a seu valor num determinado campo, talvez de forma mais típica referindo-se às suas qualidades estéticas” (White, 2004, p.180). Ou seja, vai fazer o movimento de avaliar pessoas, produtos e coisas, mas a partir de suas questões estéticas.

Por sua vez, o conceito de ideologia, este que está diretamente relacionado ao de hegemonia, consiste em uma série de problemas que se referem à relação entre sentido (significado) e poder, argumentando que o sentido pode servir para estabelecer e sustentar determinadas relações de dominação. Para Fairclough (2003), a ideologia é uma modalidade de poder que contrasta com diversas concepções descritivas, as quais consideram a ideologia apenas como crenças, posições, atitudes e valores de grupos sociais, sem referência às relações de poder e de dominação entre tais grupos. É assim compreendida como sentido a serviço do poder (Thompson, 2002). A ideologia, para Thompson, pode operar semioticamente de várias formas: (i) a legitimação consiste em um modo de representar relações de dominação como sendo justas e dignas de apoio; (ii) a dissimulação consiste em ocultar, negar ou tornar pouco visível as relações de dominação; (iii) a unificação consiste em construir simbolicamente uma forma de unidade que reúne indivíduos em uma unidade coletiva, independentemente das divisões que possam separá-los; (iv) a fragmentação segmenta indivíduos ou grupos socialmente capazes de desafiar forças e interesses dominantes e (v) a reificação consiste na representação de situações transitórias, sociais e históricas como se fossem permanentes, naturais e atemporais (Ramalho, Resende, 2011).

Assim, a partir da articulação das categorias acima apresentadas, foi possível perceber e destacar como o corpo de Ellen Valias, interseccionado por eixos de opressão, produz e se posiciona discursivamente de maneira emancipatória e ativista em relação às perspectivas que ainda insistem em desqualificar os corpos gordos femininos. No próximo capítulo apresentamos a maneira discursiva-crítica pela qual Ellen Valias constrói seu ativismo, bem como aspectos fundamentais que perpassam o mesmo.

CAPÍTULO 3

3. GORDA, PRETA, PERIFÉRICA: A RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIA DO SER E ESTAR NO MUNDO

Neste capítulo apresentamos e analisamos a maneira discursiva-crítica que Ellen Valias constrói seu ativismo gordo no perfil @atleta_de_peso do *Instagram*. Para isso, fazemos um movimento de articular a prática textual, discursiva e social, nos moldes de Fairclough (2001[1992]). Deste modo, direcionamo-nos aos aspectos de produção, consumo e distribuição identificados nos textos do perfil da ativista, bem como as recorrências temáticas, léxico-gramaticais que vão ao encontro dos objetivos de pesquisa desta dissertação. Igualmente, destacamos as temáticas construídas e articuladas, visando demonstrar as estruturas linguísticas e os sentidos potenciais que foram identificados ao longo dessa investigação. Desenvolvemos ainda uma análise social a partir das publicações selecionadas, das possibilidades de ação que elas oferecem, assim como sua importância no que diz respeito à construção de uma prática sociodiscursiva de reexistência de corpos gordos no *Instagram* Brasil.

Para nos aprofundarmos no modo pelo qual Ellen constrói o ativismo gordo que busca produzir discursos combativos de resistência e reexistência²⁵, será apresentada a forma como circula o conteúdo produzido pela ativista, o público para o qual ela produz. Para assim identificarmos como esse corpo interseccionado por eixos de opressão (gordo, preto, periférico, feminino), é capaz de produzir discursos combativos e ativistas de reexistência e resistência.

Ellen Valias, ao longo de suas publicações destaca sua iniciativa em trazer para o *Instagram* o debate sobre a gordofobia existente em diferentes espaços e relações sociais. Quando destacamos a variedade de espaços, estamos nos referindo aos campos de trabalho, instituições escolares, locais públicos, privados e etc.

A ativista visibiliza sua experiência e vivência enquanto mulher preta, gorda maior e periférica nas atividades físicas, destacando as possibilidades e percalços que perpassam sua trajetória. Através de seu Ebook “Corpo Gordo: construindo uma nova relação com atividade física”, publicado em junho de 2021, descreve que tal iniciativa surgiu a partir da necessidade em compartilhar sua vivência com outras pessoas, estas que, assim como ela, já pensaram que o campo das atividades físicas/práticas esportivas não era seu lugar. Ao mencionar a produção

²⁵ Como destacado anteriormente, ao utilizarmos os conceitos de resistência e reexistência, estamos fazendo referência ao movimento que Ellen Valias desenvolve para não sucumbir, desistir, se render aos discursos hegemônicos que ainda são vinculados às corporalidades gordas, além de se colocar como agente que contesta, questiona e propõe uma nova apreensão e representação dos corpos gordos e negros.

de Ellen Valias, procuramos elucidar que suas publicações, assim como seu ebook, questionam e evidenciam a possibilidade de pessoas gordas se movimentarem e praticarem atividades físicas de todos os tipos, em todos os espaços, e de todas as maneiras.

O ebook (Figura 5) escrito por Ellen surge como um produto de seu trabalho dentro e fora da internet no que diz respeito ao seu ativismo gordo.

Figura 5: Capa do Ebook de Ellen Valias



Fonte: print da capa do Ebook

É através de sua linguagem, da sua quebrada, da sua casa, academia, de seu celular, e de situações que se desenrolam no cotidiano, que constrói discursos combativos às diversas percepções e representações que estigmatizam e desqualificam os corpos gordos. Utiliza-se do seu lugar de fala para se inserir enquanto protagonista que aponta, critica, denuncia e propõe uma nova percepção e representação de seu corpo, assim como de outras pessoas gordas, comumente colocadas à margem da sociedade que naturaliza como perfeito o corpo padrão magro. Aqui fazemos referência ao conceito de lugar de fala tal como propõe a Filósofa Djamila Ribeiro, em que a autora o aborda como um movimento de “romper o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia” (Ribeiro, 2017, n.p).

Ellen Valias tenta produzir práticas re/desarticulatórias de lutas hegemônicas e busca “na crítica social e na desnaturalização-politização da sociedade, de suas instituições, de seus sujeitos e de suas histórias, o núcleo constitutivo, estruturante e dinamizador” (Danner; Dorrico; Danner, 2020, p. 61). Ou seja, ela reivindica, através de suas experiências e vivências, seu lugar enquanto agente crítica responsável pela produção de uma outra narrativa (ressignificação

ativista), que busca evidenciar os corpos gordos enquanto capazes, com saúde, beleza, assim como merecedores de inclusão e respeito.

Ao fazer isso, Ellen nos confirma a necessidade de trazermos de volta o corpo para pensarmos e analisarmos as vivências e experiências ontológico-discursivas produzidas no contexto brasileiro (Gomes, 2020; 2021;2022), notadamente e escancaradamente estruturado por um Cistema mundo moderno-colonial, que, como chama atenção Minoso (2020, n.p), submete corpos “ao empobrecimento, ao despejo à negação sistemática da capacidade de desenvolver saberes, críticas e projetos de futuro”.

A tese de Gomes (2020) é que, no interior das práticas sociais, e nas redes de práticas sociais, os discursos se constituem (e são constituídos) considerando a abertura ou fechamento (Chouliaraki; Fairclough, 1999) para possíveis diálogos mais (ou menos) emancipatórios, a partir de um **corpo em intersecção** que ali se insere, se move, se posiciona, articulando-se aos outros elementos não discursivos e discursivos (Chouliaraki; Fairclough, 1999). A maneira como os corpos são reconhecidos, valorizados (ou não), designados como importantes ou abjetos, ou mesmo hierarquizados diferentemente nas mais distintas culturas e sociedades, mostra a forma como o poder opera nas instituições sociais (Gomes, 2022).

O corpo em intersecção e discursivo de Ellen é um “corpo-político ferido”, que busca “recuperar a experiência de existência que tem sido sequestrada consistentemente pela colonialidade até os dias atuais” (Nascimento, 2021, p. 66), por meio de práticas discursivas de reexistência e resistência contra não só a gordofobia, mas também contra o racismo.

Ellen questiona a analítica moderna-colonial, construindo saberes outros e, com isso, ressignifica a relação entre práticas de atividades físicas, corpos gordos e saúde. Esse engajamento crítico potencializa a sua agência decolonial pois questiona e luta “contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, *epistêmicos* e simbólicos” (Maldonado-Torres, 2018, p. 39).

Ao se inserirem em agendas que propõe a reflexão sobre uma reinserção dos corpos nos estudos discursivos críticos, bem como as suas experiências ontológicas-discursivas produzidas a nível nacional, as pesquisadoras Alexandra Bittencourt de Carvalho e Maria Carmen Aires Gomes (2003, no prelo) propõem uma abordagem de discursivo- crítica Interseccional (ADCI), que busca nos estudos decoloniais e interseccionais a ampliação do método relacional-dialético proposto por Norman Fairclough (2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999). Ao fazerem isso, buscam não só uma reflexão dentro dos estudos discursivos críticos, mas também a identificação e observação da

emergência de novos sujeitos epistemológico-políticos, as minorias político-culturais, que superam sua invisibilização, seu silenciamento e seu privatismo e consolidam uma voz-práxis enraizada na esfera pública e diretamente militante em termos normativos, em uma postura de crítica radical da cultura nacional normalizada ou do sistema-mundo produtor e reproduzidor de colonialidade, de subalternização e de desigualdade” (Danner; Dorrico; Danner, 2020, pp. 62-63).

O lugar de fala é um importante aspecto de produção dentro da prática discursiva de resistência e reexistência de Ellen, já que possibilita a construção e divulgação de textos que questionam abordagens que estigmatizam os corpos gordos, abrindo espaço para que tais corporalidades se constituam como elementos que permitem “tanto justapor ou contrapor vozes e colocar em evidência aquelas que situam em ordens do discurso hegemônicos, quanto confrontar vozes se inserindo, assim, em outra ordem do discurso” (Carvalho, 2018, p. 11).

É desse lugar de fala, de mulher gorda, preta, praticante de atividades físicas, que se reconhece como uma atleta de peso, que Ellen Valias usa variadas ferramentas para alcançar seus objetivos enquanto ativista e produtora de conteúdo digital. Tais ferramentas levam em conta não só a plataforma a qual o discurso está sendo vinculado, mas também sua finalidade, o público a que se destina, bem como as restrições situacionais e contextuais impostas ao seu trabalho (Fairclough, 2001 [1992]).

Ao fomentar novas maneiras de interação entre os agentes, as redes sociais, podendo aqui incluir o *Instagram*, procuram através de diferentes recursos, o estabelecimento de uma relação mais eficiente para com seus usuários, ofertando assim variadas maneiras de interação, estas que permitem uma “melhor adaptação do usuário ao aplicativo. Outrossim, a articulação desses recursos de múltipla natureza e semioses promove a interação multimodal, bastante característica do Instagram” (Bacelar; Damasceno-Morais, 2021, p. 945).

O *Instagram* tem uma composição multimodal capaz de articular diferentes elementos, sendo visuais, audiovisuais e verbais, em que “o desenvolvimento de aplicações multimodais é fundamental para possibilitar uma maneira menos superficial de comunicação, ou seja, interfaces mais eficientes, intuitivas e, de certa forma, mais inteligentes” (Bacelar; Damasceno-Morais, 2021, p. 945).

A figura 6 ilustra parte dos elementos multimodais os quais podemos encontrar no perfil de Ellen Valias. Como apontado em nosso capítulo metodológico, em nossa análise voltamos apenas aos textos escritos/verbais das publicações, devido principalmente ao tempo disponível para a realização desta pesquisa. Embora saibamos, que, para Ellen Valias, a circulação da sua imagem corpórea em atividade física seja um de seus principais argumentos

para desconstruir os discursos gordofóbicos. Por isso vamos problematizar algumas destas questões.

Figura 6: Print de publicação feita no perfil de Ellen Valias

↗ Visual



Texto verbal (legenda) ↙

Fonte: https://www.instagram.com/atleta_de_peso/

A figura acima 6 representa multimodalmente o modo de construção recorrente do discurso ativista digital de Ellen: geralmente, uma fotografia dela (de corpo inteiro, em plano aberto) seja em movimento (em atividade física), seja em imagem estática mostrando o seu corpo, e ao lado, a legenda (o texto verbal), além das ferramentas comunicacionais do *Instagram*: curtidas, comentários e hashtags. Todos esses elementos compõem o post.

Na dimensão da **distribuição** nos moldes de Fairclough (2001 [1992]), devemos apontar para a constituição o *Instagram* como ferramenta que auxilia a prática discursiva de Ellen Valias.

Apresentamos algumas características que compõem a rede em questão. Um primeiro ponto a ser destacado é o seu formato digital, que permite, como apontado por Bacelar e Damasceno-Morais (2021), em meio a um crescente protagonismo das plataformas digitais, a construção e manutenção de diferentes relações sociais. Em que, ao oferecer a possibilidade do estabelecimento de novas formas de socialização, é responsável também por um constante processo de construção de identidades (Bacelar; Damasceno-Morais, 2021). Assim sendo, as mudanças tecnológicas vão ao encontro das mudanças sociais, transformando não só as

maneiras encontradas pelos agentes sociais para interagir, construir sentidos, mas também na própria construção de suas identidades.

Um segundo ponto é a importância do *Instagram* como instrumento do ativismo feminista digital. Para dissertar sobre tal aspecto, recorreremos aos apontamentos feitos por (Baronas; Costa; Fabiano, 2022) e (Costa, 2022), que evidenciam o potencial das redes sociais dentro de movimentos que se desenvolvem dentro e fora das telas, ressaltando o poder político e de reivindicação possibilitado pelas redes sociais. Um potencial discursivo, questionador, e também, como instrumento de ressignificação. A linguagem em uso, as disputas que a atravessam, e que também se desdobram a partir dela, são possíveis pelo encontro entre agentes que são responsáveis pela construção e/ou ampliação de coletividades, estas que historicamente sofreram e ainda sofrem exclusão e violências. Alguns grupos, dentre eles os de mulheres negras, assim como é o caso de Ellen Valias, encontram a possibilidade de construir um “meio linguístico-discursivo de responder aos diversos ataques que lhes são deferidos, ressignificando estas práticas agressivas e promovendo uma nova e necessária compreensão acerca do lugar da mulher negra na sociedade” (Baronas; Costa; Fabiano, 2022, p. 165).

O *Instagram* ganha um caráter político uma vez que é utilizado por grupos para dar visibilidade, ampliar as discussões sobre diferentes pautas, assim como captar outros agentes que podem vir a participar de tais debates. É como indicado por Costa (2022), um movimento em que agentes “expõem e colocam em circulação suas reivindicações fazendo com que este discurso atinja o ápice da quantidade, a partir da possibilidade de compartilhamentos diversos” (Costa, 2022, p. 10). No entanto, tal ferramenta, apesar de ter um grande alcance não se isenta de praticar o Racismo Algorítmico, elemento este que impacta diretamente na visibilidade e também nas possibilidades de ativistas negros/negras em plataformas digitais (Silva, 2020).

Ao nos voltarmos aos aspectos de **consumo** (Fairclough, 2001 [1992]), destacaremos o público ao qual Ellen Valias direciona suas publicações, assim como seu conteúdo. Ela, ao longo de seus textos, volta-se para **4 grupos de pessoas**, sendo eles: **pessoas gordas** (incluindo aqui as gordas pretas), **pessoas que não necessariamente são gordas pretas** (podendo incluir os profissionais de Educação Física), e, por fim, os *haters*²⁶. A depender do público-alvo a interação se estabelece de forma diferente, a maneira encontrada para se comunicar, a linguagem ora mais acolhedora, quando a interação é estabelecida com pessoas gordas, ora em tom de reivindicação de mudança de comportamento, quando se trata de interações

²⁶ **Haters** - termo em inglês utilizado na internet para designar pessoas que produzem mensagens de ódio, denunciam perfis e publicações em diferentes redes sociais da internet.

estabelecidas com profissionais de Educação Física e pessoas não gordas. Abaixo descrevemos como tais interações ocorrem no perfil de Ellen Valias.

(1) Interações desenvolvidas com pessoas gordas - são aquelas em que Ellen Valias se apresenta como uma mulher preta e gorda que luta pelo acesso e respeito de pessoas gordas nos diferentes espaços, principalmente no esporte/atividade física. Nessas relações ela se utiliza de exemplos do cotidiano para evidenciar a gordofobia construída nos vários âmbitos da sociedade brasileira. É perceptível um acolhimento de pessoas gordas, especialmente direcionado às pessoas que ainda não estão inseridas no debate qualificado sobre gordofobia. Nelas fica evidente o objetivo de que interlocutoras/interlocutores fiquem confortáveis, tentando mostrar para as pessoas que elas não são preguiçosas ou descuidadas em relação à prática de atividades físicas, bem como tenta retirar delas o sentimento de culpa pelo preconceito que é direcionado às mesmas.

(2) Interações desenvolvidas com pessoas que não são necessariamente gordas e pretas - interações em que Ellen Valias assume um posicionamento questionador das diferentes práticas sociais e discursivas as quais interlocutoras/interlocutores (profissionais da saúde, da Educação Física, dentre outras pessoas que podem vir a ter acesso ao conteúdo produzido por Ellen) participam, salientando as intersecções que perpassam os corpos gordos. Ela destaca a multiplicidade de violências que as pessoas podem cometer ao acolher apenas algumas características de diferentes agentes. Um exemplo que pode ser utilizado neste caso é que frequentemente pessoas gordas são vítimas de racismo dentro de um grupo de indivíduos que se dizem contrários à gordofobia. Nestas interações é perceptível uma linguagem mais direta, incisiva, e por vezes irônica, que procura fazer com que as pessoas desenvolvam um olhar crítico para suas ações enquanto agentes presentes na sociedade, capazes de produzir e reproduzir percepções variadas sobre a realidade. Além disso, é notório um posicionamento que advoga em favor da necessidade de acolhimento de pessoas “fora do padrão” em diferentes âmbitos da vida.

(3) Interações desenvolvidas com *haters* - tais relações são estabelecidas com pessoas que podem ou não usar perfis falsos para hostilizar Ellen e suas publicações no *Instagram*. São comentários e mensagens que geralmente possuem cunho gordofóbico, racista, dentre outras formas de discriminação e opressão que buscam ofender o corpo e o trabalho feito por ela na rede social. Usa-se assim de uma linguagem que busca ressaltar e denunciar as diversas violências cometidas por essas pessoas. Ellen Valias se utiliza de prints dessas mensagens para legitimar que seu combate é construído a partir de acontecimentos verídicos que ocorrem continuamente em sua vida e de outras pessoas gordas.

Após apresentarmos onde e para quem as publicações de Ellen Valias são produzidas, é necessário recorrer aos aspectos que nos mostram a maneira como ela constrói tal movimento, para assim identificarmos como esse corpo em intersecção por eixos de poder de opressão e discriminação é capaz de produzir discursos combativos e ativistas de reexistência e resistência.

Apresentaremos as recorrências identificadas a partir do uso do *Software AntConc*, bem como as temáticas que surgem em decorrência da presença de certos itens lexicais. A presença, ausência ou repetição de alguns itens lexicais nos permite a identificação das maneiras pelas quais a ativista produz ou ressignifica discursos que se constroem como resposta a atos e práticas gordofóbicos encontrados dentro e fora da rede.

A figura 7 é um print da tela que temos acesso ao usarmos o *Software AntConc*. Nela, por sua vez, são evidenciadas apenas algumas recorrências encontradas nos textos escritos que foram publicados por Ellen Valias nos meses de março a setembro de 2020. Em função da limitação do print em relação à visualização de recorrências significativas para a nossa pesquisa, construímos um quadro (Quadro 2) para uma melhor descrição dos dados gerados pelo *software*.

Figura 7: “Word List/ Lista de palavras” dos textos transcritos

Rank	Freq	Word
1	349	e
2	279	que
3	247	é
4	222	de
5	208	a
6	176	o
7	161	não
8	151	q
9	144	se
10	117	gordofobia
11	107	peessoas
12	95	gordas
13	92	gorda
14	87	corpo
15	86	na
16	86	uma
17	80	com
18	80	isso
19	79	você

Fonte: Dados de pesquisa gerados pelo *software AntConc*

Tendo em vista nossos objetivos de pesquisa, que buscam compreender e demonstrar as maneiras encontradas por Ellen Valias para construir seus discursos sobre ativismo gordo no *Instagram*, este que é perpassado por questões que envolvem seu corpo interseccionado por eixos de poder de opressão (corpo, raça, gênero e classe), construímos o quadro abaixo para

descrever as palavras que nos guiaram para a identificação das principais temáticas desenvolvidas pela ativista em sua rede.

As palavras foram selecionadas não somente pelo número de vezes que elas aparecem ao longo dos textos, mas também por sua importância no que tange aos interesses de pesquisa. Especificar os termos que melhor estabelecem um diálogo com as maneiras de avaliar afetivamente, julgar e apreciar (White, 2004) de Ellen em relação às práticas e atos gordofóbicos.

Quadro 2: Recorrências de palavras que vão ao encontro aos nossos objetivos de pesquisa

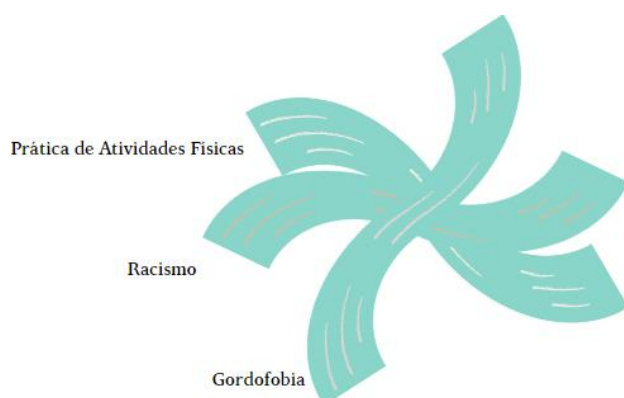
Palavra	Frequência
É	247
Não	161
Gordofobia	117
Gordas (95) + Gorda (92)	187
Corpo	87
Você	79
Para	74
Mas	59
Eu	49
Como	47
Gordo	47
Saúde	43
Preta	25
Padrão	24
Sociedade	24
Pois	20
Porque	20
Assim	17
Capaz	17

Pretas	17
Racista	17
Acesso	15
Racismo	15
Acessibilidade	11
Direito	11
Saudável	10
Doentes	9
Ativismo	4

Fonte: elaboração própria

A partir das recorrências especificadas acima, foi possível a delimitação de três grandes temas que são constantes nas publicações de Ellen Valias, sendo eles: **Prática de Atividades Físicas** ⇌ **Gordofobia** ⇌ **Racismo**. A partir deles, outros subtemas (ridicularização dos corpos gordos, defesa da capacidade dos corpos gordos, utilização da saúde como legitimação da gordofobia, falta de acessibilidade, reivindicação por inclusão dos corpos gordos nas atividades físicas, representatividade, empoderamento) surgem como desdobramento dos temas principais e se articulam a eles. Tais temas e subtemas aparecem nas publicações sempre articulados uns pelos outros. A figura 8 representa graficamente os eixos temáticos encontrados nas publicações.

Figura 8: Representação da relação entre os temas predominantes das publicações



Fonte: elaboração própria

Os tópicos posteriores são responsáveis pela descrição das temáticas existentes, bem como da análise textual dos excertos selecionados. Nela, por sua vez, utilizaremos as categorias analíticas de Fairclough (2001[1992]), Thompson (2002) e White (2004) para uma melhor compreensão de nosso objeto de pesquisa.

3.1. Prática de Atividades Físicas

Em um artigo da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, a professora e pesquisadora Koiti Anzai aponta para a reprodução que é muitas vezes desempenhada pela educação física no que diz respeito à existência de um ideal de beleza, em que, ao fazer tal ação, ela auxilia na manutenção de um sistema que busca através da comparação entre as pessoas a culpabilização daquelas que se encontram distantes do “padrão”. Anzai (2000) salienta para o estabelecimento de “uma espécie de ditadura daqueles que querem que os fora dos padrões, principalmente os menos magros, sintam culpa de sua aparência, não pelo fato da gordura não ser benéfica, mas porque precisam desta culpa para alimentar uma indústria que se beneficia dessa insegurança” (Anzai, 2000, p. 74).

É neste contexto que Ellen Valias constrói sua narrativa outra enquanto mulher gorda, preta e periférica para o campo da prática de atividades físicas, esta que é construída a partir de suas experiências e vivências e de suas identidades. A ativista propõe assim uma nova abordagem para tratar e inserir os corpos “fora do padrão” em diferentes atividades que envolvam o movimentar o corpo, a busca por saúde tanto física quanto mental, assim como o bem-estar. Ao propor uma ressignificação da questão do peso, fazendo isso já a partir do @ utilizado na rede social *Instagram*, @atleta_de_peso apresenta-se como uma forma de trazer para a discussão a variedade de corpos que podem e devem estar presentes nas mais diversas práticas de atividades físicas, dando ênfase principalmente aos corpos gordos.

Além disso, ao articular simultaneamente os léxicos ‘atleta e peso’ em seu nome de usuária já dá potenciais indícios do que ela objetiva como ativista: demonstrar a capacidade de corpos gordos ocuparem os espaços em que há práticas esportivas, assim como há a possibilidade de existirem atletas que são de peso. Peso aqui pode potencialmente significar: capacidade, reconhecimento, ou mesmo massa corporal. Tal movimento pode ser justificado pelo entendimento que a ativista possui sobre como o peso ainda é um eixo que é bastante utilizado para questionar pessoas gordas em uma sociedade que é marcada pela aversão à gordura, pelo medo de engordar, e que ainda mede o sucesso das pessoas pelo peso e tamanho/volume do corpo (Jimenez-Jimenez, 2020b; Sant’anna, 2016).

A resignificação do léxico peso destaca a capacidade que seu corpo gordo e preto tem para praticar qualquer tipo de atividade física: ioga, corrida de rua, dança clássica e moderna, skate, patins, natação, etc. O léxico ‘peso’ é ambivalente ao mesmo tempo em que identifica uma atleta gorda maior, também o reconhece como capaz.

O movimento de se inserir no campo da prática de atividades físicas faz com que Ellen priorize a questão do acesso negado aos corpos gordos, assim como aqueles que não se encaixam em um padrão previamente estabelecido, o corpo branco, magro, heterossexual, cisgênero e sem deficiência.

Socialmente, como destacado por Guacira Lopes Louro (2008), há a construção de uma identidade que é tida como referência, o parâmetro entre as demais, aquela que é vinculada à normalidade, em que são tratadas como diferentes “todas as identidades que não correspondem a esta ou que desta se afastem. A posição ‘normal’ é, de algum modo, onipresente, sempre presumida, e isso, a torna, paradoxalmente, invisível” (Louro, 2008, p. 22). Ou seja, os trabalhos de Louro (2008) e Anzai (2000) endossam os apontamentos feitos por Ellen no que diz respeito à reprodução de padrões de “normalidade” e “beleza” que se inserem em diferentes práticas da vida em sociedade, podendo incluir aqui as práticas de atividades físicas. Ellen, então, em seu discurso de resistência, combate a operação ideológica produzida pelo Sistema mundo moderno-colonial de que o corpo gordo, de peso, é naturalmente diferente de um corpo ficcionalmente padronizado, naturalizado e normatizado. Combate assim o que Thompson (2002) nomeia de unificação por padronização e fragmentação por naturalização e expurgo do outro.

Outros aspectos importantes surgem a partir dos pontos evidenciados no parágrafo anterior. Para a ativista, o não praticar atividades físicas e esportes vai para além do não querer, da preguiça, e está ligado a uma falta de inclusão, à falta de acesso e ao desrespeito. Critica então a maneira pela qual diferentes corpos são recebidos (e aceitos) nestes espaços, esta que na maioria das vezes ainda é marcada por inúmeras violências. No texto da legenda do post abaixo aparecem alguns dos elementos anteriormente citados.

Não diga essas frases, quando você ver uma pessoa gorda fazendo exercícios.
Parabéns! Que bom agora você vai emagrecer!
Pessoas gordas fazem atividade física porque gostam entendam isso, e parem de relacionar emagrecimento com pessoas gordas.
Quantos quilos você já perdeu?
Você não tem esse direito de perguntar o peso de ninguém, então se toca.
Nossa! Você até treina bem, apesar de ser gorda!
Aprenda que todo o corpo é capaz! Não é porque sou gorda que não posso me sair bem em um treino.
Cuidado! Você vai estourar seus joelhos.

Você não tem direito de falar de saúde de ninguém, vá cuidar da sua língua que fala demais.

GORDOFOBIA!

Nosso corpo é tão invisibilizado e julgado, que as pessoas ainda não aceitam que podemos nos exercitar e que não somos sedentários. Aprendam de uma vez, nós fazemos atividade física e não é somente para emagrecer ok (Valias, 2020, grifos nossos).

Nesta sequência discursiva evidenciam-se algumas questões que são extremamente importantes para o discurso de Ellen Valias e que se repetem em várias publicações. A primeira é a do posicionamento adotado pela criadora de conteúdo digital em relação à perspectiva de diversas pessoas (podendo incluir aqui parte dos profissionais da área) quando o assunto é atividade física e perda de peso. Para ela, a vinculação da prática de atividade física ao emagrecimento, desconsiderando os benefícios para a saúde corporal e mental de quem as desenvolve, se constitui como um movimento bastante complicado, até mesmo superficial e simplista. Combate essa operação causal mecânica reificada que coloca como naturalizada a relação entre emagrecimento, corpo gordo, sedentarismo e atividade física.

A ativista salienta que a associação imediata entre exercer uma atividade física e perder peso é uma forma de padronizar processos e resultados sem considerar as diferenças genéticas e corporais das pessoas; combate assim a operação discursivo-ideológica de unificação e padronização de corpos (re)produzida pelo Sistema moderno-colonial. Para ela, ao trazer o emagrecimento como foco, e consequentemente, como o objetivo a ser alcançado - “Pessoas gordas fazem atividade física porque gostam entendam isso, e parem de relacionar emagrecimento com pessoas gordas”-, há a construção de uma “representação da beleza estética associada a determinados ideais de saúde, magreza e atitude” (Barbosa; Matos; Costa, 2011, p. 29), em que aqueles que não conseguem seguir tais parâmetros são associados a incapazes, ou pior, podem compreender a atividade física como algo para punir seu corpo, já que ele não se encontra dentro de um padrão que é comprovadamente inatingível.

As sequências discursivas abaixo são construções discursivo-políticas de reexistência e resistência porque trazem a existência e potência dessa complexidade corpórea em intersecção que desestabiliza tais discursos naturalizados, padronizados e reificados, julgando, provocando/ironizando e aconselhando pessoas a serem menos gordofóbicas, opressoras e ignorantes: “entendam isso, parem de, aprenda que, você não tem o direito, vá cuidar da, aprendam de uma vez”. Ao afirmar que essas pessoas não entendem, não aprendem, Ellen está julgando-os socialmente pela incapacidade, falta de ética e veracidade. (cf. White, 2004).

Pessoas gordas fazem atividade física **porque** gostam **entendam isso**, e **parem de** relacionar emagrecimento com pessoas gordas;

Aprenda que todo o corpo é capaz! **Não é porque sou** gorda que não posso me sair bem em um treino;

Você não tem direito de falar de saúde de ninguém, **vá cuidar da** sua língua que fala demais.

Aprendam de uma vez, nós fazemos atividade física **e não é somente para** emagrecer ok (Valias, 2020, grifos nossos).

Na construção de seu discurso de resistência, Ellen usa de maneira recorrente orações de extensão por realce, qualificando o que está sendo julgado por ela: “Pessoas gordas fazem atividade física **porque** gostam”, “**Não é porque sou** gorda que não posso me sair bem em um treino”, “nós fazemos atividade física **e não é somente para** emagrecer ok”. As relações de realce de causalidade, adição, finalidade e modalidade negativa— porque, e, para, não somente — exploram de maneira avaliativamente positiva e crítica a falta de capacidade, tenacidade e propriedade do discurso gordofóbico.

Assim, ao escrever a sequência discursiva -“Aprenda que todo o corpo é capaz! **Não é porque** sou gorda que **não posso** me sair **bem em um treino**”-, destacamos algumas recorrências que foram identificadas no Quadro 2, o ‘não’ (161), o ‘é’ (247) e o ‘porque’ (20), que articuladas no trecho acima contrapõem a ideia de que um corpo gordo não seja capaz de realizar um treino. Ellen está questionando e trazendo sua voz como elemento de resistência contra as vozes hegemônicas que insistem em representar os corpos gordos como incapazes (Carvalho, 2018).

Nesta sequência discursiva há a construção de uma avaliação atitudinal de **afeto** (White, 2004) - “Nosso corpo **é tão invisibilizado e julgado**, que as pessoas **ainda não aceitam** que **podemos** nos exercitar e que não somos sedentários”- feita por Ellen Valias. Nela, ao trazer marcas de uma emoção negativa que é baseada no sentimento de ter seu corpo invisibilizado e também julgado por querer se exercitar, a ativista denuncia mais uma vez a questão da falta de inclusão e respeito dos corpos gordos nas práticas de atividades físicas. Reafirma ainda que, ao contrário do que muitas representações discursivas gordofóbicas mostram, os corpos gordos não são necessariamente sedentários. Ou seja, ela procura através da negação de uma construção naturalizada baseada na relação causal de corpo gordo = corpo incapaz, sedentário, a contestação de perspectivas gordofóbicas que o representam como um corpo que não se movimenta.

Para dar continuidade à questão da inclusão ou falta dela no que diz respeito aos corpos gordos nas práticas de atividades físicas, apresentamos mais um texto produzido por Ellen Valias. Nele, a ativista traz para o plano de reflexão o subtema da falta de acessibilidade.

Se você é uma pessoa gorda e não gosta de praticar exercícios, saiba que a culpa não é sua!!

Desde de crianças é negado o acesso ao espaço esportivo e de educação física, com isso nos afastamos cada vez mais desses ambientes!! Quando criança quem já teve que inventar que estava doente só para no fazer a aula de educação física? pois sabíamos que íamos ser ridicularizados por outras crianças.

E quando o uniforme não servia em nós?

E quando era dia de pesagem? Eu queria sair correndo!! E quando era pra escolher os times e sempre crianças gordas ficam por último?

E quando no futebol colocam a gente no gol pra tampar o gol? Heim.

Com tudo isso que passamos e outras coisas mais é natural que ao crescermos não queremos nenhum contato com o esporte.

Pois a atividade física está sempre vinculada com corpos magros e ao Emagrecimento, e quando ficamos adultos se temos contato é imposto somente como obrigação para perder peso.

Mas podemos e devemos frequentar esses espaços pois é direito nosso!!

Atividade física é para bem estar mental primeiramente tem que ser divertido (Valias, 2020, grifos nossos).

No texto podemos destacar algumas pautas elencadas por Ellen Valias, por meio da contra narrativização, como essenciais para garantir não somente o acesso, mas também melhores condições de vida para pessoas gordas; ela legitima seu discurso por meio da narrativa de forma que seu público se identifique com sua agenda, que é coletiva. Além de reivindicar a inclusão, a acessibilidade, o respeito do grupo aqui abordado, a ativista questiona a falta de acessibilidade em relação ao vestuário para o desenvolvimento de atividades físicas - “E quando o uniforme não servia em nós?”-. Ellen como gorda maior enfatiza em seus textos a dificuldade em encontrar roupas que cabem em seu corpo, assim como financeiramente viáveis. Um elemento que para muitas pessoas se apresenta como simples, para ela e outras mulheres se torna mais um momento em que há exclusão e marginalização de seus corpos. Como ressaltado por ela, “o mínimo que uma pessoa tem que ter é uma roupa digna, segura e de qualidade, um calçado pensado no seu corpo, nada disso encontramos com facilidade do nosso tamanho, e quando encontramos é caríssimo” (Valias, 2021, p. 15).

O uso da palavra “pois” (elemento que possui uma recorrência de 20 vezes nos textos selecionados e transcritos) em três momentos discursivos da publicação apresentada anteriormente operam como explicações, que apontam para três sub temáticas, sendo elas: vinculação da atividade física ao emagrecimento (trabalhada anteriormente neste tópico), a ridicularização dos corpos gordos nestes espaços de prática de atividades físicas, e também a defesa do direito ao acesso a tais práticas. Ao fazer isso, Ellen estabelece relações entre a sua narrativa, suas vivências e histórias, e o problema mais amplo que é a gordofobia, como uma

violência moderno-colonial de uma matriz de dominação social, e para isso, usa esses operadores argumentativos de realce que produzem essa explanatória crítica.

É interessante perceber que no trecho - “Se você é uma pessoa gorda e não gosta de praticar exercícios, saiba que a culpa não é sua!!”- , algumas escolhas lexicogramaticais como “gosta”, “saiba”, “culpa”, e, novamente, o uso do “não” confirmam que o acesso de pessoas gordas à prática de atividades físicas é negado. Argumento que é endossado a partir da sequência discursiva posterior, este que é construído a partir de uma avaliação atitudinal de **afeto** - “Desde de crianças é negado o acesso ao espaço esportivo e de educação física, com isso nos afastamos cada vez mais desses ambientes!” - em que fica evidente o sentimento de desagrado da ativista em relação ao afastamento de pessoas gordas (falta de acessibilidade), já na infância, dos ambientes esportivos.

Importante destacar aqui o deslocamento ideológico da culpa: uma avaliação atitudinal recorrente no discurso da resistência de apontar o Cistema padronizado e unificado, que produz discursivamente e historicamente um outro como diferente, abjeto e culpado por não se adequar a um construto ficcional de ser. Ao negar assertivamente essa culpa, Ellen se coloca como uma agente decolonial de uma práxis direta e política que está produzindo e potencializando outros saberes, poderes e seres.

Ao falarem sobre a acessibilidade, Carvalho (2018) e Jimenez-Jimenez (2020a) destacam que tal elemento é essencial para garantir o acesso a bens, serviços e também direitos que são fundamentais para qualquer pessoa. Porém, como bem apontado pelas autoras, quando o foco são pessoas gordas, a inclusão não acontece de maneira concreta. Há assim um movimento contrário, que exclui, desconsidera, e conseqüentemente, provoca "invisibilidade" (Carvalho, 2018, p. 88). Deste modo, a invisibilidade se caracteriza como uma das conseqüências da gordofobia, aspecto que trabalharemos no próximo tópico mais detalhadamente.

Dito isto, o movimento desenvolvido por Ellen Valias enquanto ativista que questiona não só a invisibilidade, a acessibilidade, a inclusão, assim como o desrespeito em relação aos corpos gordos nas práticas de atividades físicas se mostra imprescindível.

3.2. Gordofobia

A artista Fernanda Magalhães, ao abordar a questão de mulheres gordas nuas nas produções de arte, traz para sua análise o questionamento das inúmeras violências às quais os corpos gordos femininos são diariamente alvo. Ela, evidencia o quanto as construções sociais

sobre os corpos são capazes de julgar, rejeitar e invisibilizar as mulheres. A ideia da insuficiência vem à tona a partir da imagem que é “encontrada” no espelho, imagem essa que é vinculada e representada por diferentes ordens do discurso, como da medicina, moda e da pornografia (Magalhães, 2017).

É neste cenário de repulsa aos corpos gordos que se abrem possibilidades de resistência, de combate à opressão e marginalização de mulheres gordas. Magalhães destaca que “as imagens representam, ditam regras e carregam a potência por afetar a todos. As fotografias, e também a performance, podem ser instrumentos de massacre mas também de posicionamentos” (Magalhães, 2017, p. 11), e é deste lugar que abordaremos o ativismo de Ellen Valias, a partir de seu posicionamento que questiona as construções e discursos que deslegitimam, desqualificam e excluem os corpos gordos.

Ellen Valias evidencia que a gordofobia representa um empecilho para sua existência, assim como para outras mulheres gordas. No entanto, resolveu assumir narrativa outra contrária à do constrangimento social. Insere-se em uma disputa sobre os sentidos que são construídos a partir dos corpos gordos, buscando assim espaço para a construção de outras perspectivas, outras explicações, outras relações de poder, que abordam os corpos gordos femininos. A seguir, trabalharemos com alguns aspectos interessantes que necessitam ganhar destaque nas publicações feitas pela ativista.

Muita gente na internet q se diz bodypositive ta passando a msg errada, TODO CORPO tem sim q se amar, ser positivo e tals... mas o corpo GORDO ã é TODO CORPO entende? Como falo p/uma sra q trabalha d doméstica e ã passa na catraca todo dia, AME seu corpo e tá tudo resolvido?

É preciso pontuar isso, pois aqui na internet ã é vida real, **precisamos falar de gordofobia p/pessoas q não sabem o q é isso e sofrem todos os dias na vida real, achando esse sofrimento normal ok**

ATENÇÃO

Me incomoda muito ver bodypositive com milhões de seguidores passando essa msg na internet q parece linda, um conto de fadas, mulheres brancas privilegiadas com o corpo dentro do padrão achando q sofre gordofobia igual eu, mulher preta e gorda kkkk

A vida real é outra coisa galera, o q vcs estão fazendo fora da internet p/ ajudar essas pessoas? Semana passada fiquei mó feliz por bater 20 mil seguidores, e saber q minha msg vai chegar em mais gente, isso p/mim é uma grande conquista!

Porra sou uma mulher preta e gorda na internet q fala de gordofobia na atividade física, racismo... isso é muita resistência aqui, aí vejo esse povo com milhões de seguidores passando msg errada e q não agrega na vida de ninguém é foda

Mas é isso! Vamos refletir e presta atenção nas pessoas q vcs tão seguindo, **nem se eu quisesse ser esse novo bodypositive eu seria aceita kkkkkk sou PRETA e GORDA** Precisamos falar disso! (Valias, 2020, grifos nossos).

O texto publicado no perfil de Ellen no dia 20 de julho do ano de 2020 tem como principal pauta a distinção entre o ativismo gordo e o Movimento Body Positive. Como indicado por Maria Luisa Jimenez-Jimenez, “o body positive foca em todos os corpos e na quebra do padrão único de beleza e as ações estão muito ligadas a moda, autoestima, beleza diversas, etc” (Jimenez-Jimenez, 2020a, p. 174). Enquanto isso, para a autora, o ativismo gordo foca em “contrapor a estigmatização dos corpos gordos socialmente, na despatologização desses corpos e na acessibilidade quase inexistente por causa da gordofobia” (Jimenez-Jimenez, 2020a, p. 174).

Ao ressaltar em seu texto a diferenciação entre os dois movimentos, Ellen Valias está evidenciando que as demandas das pessoas gordas são diferentes das outras pessoas, combatendo assim a operação discursivo-ideológica de unificação dos corpos. No trecho - “mas o corpo GORDO ã é TODO CORPO entende?-, ela evidencia a necessidade de separar os dois movimentos, não só por uma questão de público, mas pelas dificuldades, demandas e ações que cada grupo terá que desenvolver. Ela faz assim um movimento de oposição, ao reiterar que os corpos gordos não são “todo corpo”, mostrando que é imprescindível um ativismo que foque principalmente nos corpos gordos. A utilização dos léxicos “mas”, “não” e “é”, reforçam a oposição da ativista em relação a uma não separação entre o movimento bodypositive e o antigordofobia.

Outro aspecto interessante para nossa análise e que se apresenta como uma recorrente preocupação dentro do ativismo de Ellen Valias é o de garantir o acesso à informação para pessoas que não se encontram em espaços virtuais em que a gordofobia é amplamente debatida. Ao pontuar que - “precisamos falar de gordofobia p/pessoas q não sabem o q é isso e sofrem todos os dias na vida real, achando esse sofrimento normal ok”-, Ellen evidencia que a gordofobia, mesmo que não conhecida a partir de seu termo de uso, é responsável por afetar pessoas que se encontram às margens da sociedade. Como apontado por ela, o ativismo tem que ser para além das telas de celulares e computadores, necessita chegar à doméstica que “ñ passa na catraca todo dia”, fazendo assim um **juízo negativo** (White, 2004) acerca do posicionamento/ativismo de muitas pessoas que não ultrapassam as redes sociais.

A partir disso, é importante destacar o recorte racial que é latente na publicação. Ao trazer que - “Me incomoda muito ver bodypositive com milhões de seguidores passando essa msg na internet q parece linda, um conto de fadas, mulheres brancas privilegiadas com o corpo dentro do padrão achando q sofre gordofobia igual eu, mulher preta e gorda kkkk”- Ellen Valias destaca o quanto ser uma mulher preta e gorda faz com que exista uma maior possibilidade de invisibilidade dentro do movimento que busca trazer como pauta o ataque aos corpos femininos.

Deste modo, a articulação entre racismo e gordofobia a impossibilita de ter o mesmo alcance que as - “bodypositive com milhões de seguidores”, inviabilizando assim que um maior número de pessoas tenha acesso às suas produções e problematizações.

Assim, uma problematização que pode ser afetada por essa invisibilidade é em relação à patologização dos corpos gordos, que ainda é usada em discursos hegemônicos para associar tais corpos à ideia de doença. Observamos tal aspecto no texto apresentado abaixo.

Sociedade gordofóbica só me esclarece uma coisa, quer dizer que pessoas gordas são doentes né? Mas sangue nós podemos doar pra salvar vidas?

Aí pode, aí nós não somos doentes? Tomem vergonha na cara de vcs e parem de encher nosso saco.

Dei uma palestra d gordofobia, junto com outras ativistas gordas pra formandos d medicina d uma faculdade pública super conceituada, e vcs ã tem noção do qto é grave o q eles aprendem, e o qto a medicina ã se importa com a saúde de pessoas gordas

É cômodo taxar pessoas gordas d doentes, do q tratar como seres únicos, sem falar do IMC q ã funciona, mas mandam estudantes usarem mesmo assim, gente é muito grave, como pessoas gordas vão cuidar da saúde, se a medicina nos desumanizam, é mais fácil passar bariátrica igual fazem né!

Pessoas gordas irão existir sempre, parem de relacionar magreza com saúde toda hora, já tá chato e desonesto.

É muito grave isso! (Valias, 2020, grifos nossos).

No texto Ellen Valias já começa questionando a vinculação de pessoas gordas à concepção de doença em - “Sociedade gordofóbica só me esclarece uma coisa, quer dizer que pessoas gordas são doentes né?”. Através do trecho destacado a ativista ressalta um assunto essencial que está presente no interior do movimento antigordofóbico, este que é a pauta da desvinculação dos corpos gordos à doença.

Tal preocupação pode ser justificada em função da “naturalização que certas ordens do discurso fazem dos corpos, trazendo à tona a relação entre corpo gordo doente e o corpo magro saudável” (Carvalho, 2018, p. 81). A pouca recorrência da palavra "doentes", que dentro dos textos transcritos em nossa pesquisa aparece um total de 9 vezes, demonstra a iniciativa de Ellen Valias de se afastar de tal associação, fazendo assim com que tal estigma esteja menos presente em discussões que os corpos gordos se apresentem enquanto protagonistas.

Podemos dizer então que Ellen Valias combate essa relação causal mecânica entre gordofobia e patologização dos corpos gordos através do argumento de que culpabilizar as pessoas gordas é mais fácil do que - “tratar como seres únicos”-. Além disso, a ativista destaca a ação que muitos profissionais da saúde desenvolvem, através de instituições médicas, esta que é a desumanização das pessoas gordas - “a medicina nos desumaniza”. Outro aspecto importante no interior dessa discussão é a questão da recomendação por cirurgias bariátricas -

“é mais fácil passar bariátrica igual fazem né!”-, esta, que com a finalidade da perda de peso, e consequentemente, da gordura, e do “alcance da saúde”, se torna uma tecnologia do poder que “devolve” a feminilidade para mulheres gordas (Carvalho, 2018).

Tal aspecto vai ao encontro de outras questões que são muito caras quando o assunto são os corpos gordos, como por exemplo a gordofobia médica. Ela, que é construída a partir da noção de doença, assim como do processo de desumanização e desrespeito das pessoas gordas, elemento que é **julgado negativamente** por Ellen Valias em - “[...] e vcs ã tem noção do qto é grave o q eles aprendem, e o qto a medicina ã se importa com a saúde de pessoas gordas”-, representa uma forma de violência que se funda no discurso médico, que busca em operações discursivo-ideológicas de reificação, em que os corpos gordos são entendidos como naturalmente doentes.

Assim sendo, é perceptível através dos excertos apresentamos, assim como das análises que se desenvolveram a partir dos mesmos, que Ellen Valias ao falar sobre gordofobia, bem como de suas consequências na vida de pessoas gordas, assume um papel enquanto agente produtora de conhecimento ao se colocar e se expressar de forma assertiva ao longo de suas publicações no Instagram, revelando assim a força de sua agência dentro e fora das redes.

3.3. Racismo

Lélia Gonzalez, filósofa negra, já na década de 1980 analisava e apontava a maneira pela qual a questão do racismo presente no cotidiano da população negra brasileira era compreendida.

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto. (Gonzalez, 1984, p. 226)

O excerto acima apresenta como temática o Racismo, e ao trazer para o plano um posicionamento mais local, ao retratar o caso do Brasil, se constrói a partir de uma perspectiva que desconsidera a existência do racismo no país. No entanto, em seu desenrolar exhibe elementos que foram ao longo do tempo naturalizados pela população brasileira, mas que de certo modo só evidenciam ainda mais a presença de tal preconceito na sua construção e socialização. Assim, podemos perceber que há a construção discursiva do racismo em - “Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto” -.

A construção discursiva do racismo presente no texto de Lélia González, traz à tona a ideia errônea que ainda se tem em relação a uma não existência do racismo, de uma “igualdade” entre diferentes pessoas, e mais, de uma não diferenciação entre elas a partir da raça. Trazido como exemplo pela autora, principalmente, quando ela, ao apontar as mais variadas facetas que o racismo opera, assim como as consequências de sua existência, demonstra ainda a sua reprodução e manutenção, evidenciando o quanto tal elemento ainda marca a vida da população negra brasileira, como pode ser observado no trecho - “Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um”.

Em diálogo com as reflexões e questionamentos que surgem a partir dos aspectos apresentados por Gonzalez (1984), trazemos um excerto retirado da obra *Racismo Estrutural* de autoria do Professor e Advogado Silvio Luiz de Almeida, atual Ministro de Estado dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil:

o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (Almeida, 2019, n.p).

No trecho apresentado o escritor descreve o racismo como uma forma sistêmica (Almeida, 2019), ou seja, que é capaz de adentrar, pertencer, e influenciar diferentes situações e relações que se desenvolvem na vida em sociedade. Ao contrário de Lélia González, Silvio Almeida, no excerto escolhido não trata diretamente do caso brasileiro, mas nos dá a possibilidade de estabelecer um diálogo entre os dois.

Os dois autores, mesmo falando em épocas diferentes, e até mesmo em séculos distintos, González em 1984 (século XX) e Almeida em 2019 (século XXI), mostram que o racismo ainda é um fato presente na constituição do Brasil. Mesmo que de posições diferentes, marcadas não só pela diferença de gênero, mas de outras identidades sociais, quanto ocupação no que diz respeito às relações sociais, os intelectuais fazem um importante movimento de descrever alguns dos desdobramentos do racismo enquanto uma discriminação que se apresenta como estrutural.

Ao analisar a forma que Ellen Valias desenvolve seu conteúdo digital, é perceptível, através das recorrências, e consequentemente, das publicações que tais escolhas léxico-gramaticais nos levam à proposição de uma reflexão tanto individual quanto coletiva do ativismo gordo no Brasil. Ela, ao compreender que o movimento que busca a luta contra a gordofobia é composto pela diversidade em relação aos corpos e também identidades, defende

a necessidade de racializar o debate antigordofóbico. Como apontado anteriormente, o racismo está presente em diferentes campos da vida em sociedade a partir de sua reprodução e manutenção, assim sendo, apresenta-se como elemento que pode atuar simultaneamente com a gordofobia. Assim, procuramos demonstrar como tais eixos de opressão se apresentam nas publicações a seguir.

Ao direcionar nossa busca a partir das recorrências “racista” e “racismo” no *Software AntConc*, encontramos publicações que questionam o racismo a partir de sua articulação com a gordofobia, como pode ser observado no trecho abaixo

A branquitude é tão forte e manipuladora nesse país, que os anti-racistas querem combater o **RACISMO** com **GORDOFOBIA**, e se esquecem que existem pessoas **GORDAS** e **PRETAS**! Racistas são racistas e **PRONTO**! Não importa sua característica física ok!

Aliás a única característica q sempre prevalece em um racista é a sua **COR BRANCA** eu to errada?

SE LIGUEM!

O cara que ofendeu e cometeu vários crimes com o motoboy é **RACISTA** e ponto final! E você **BRANCO** que se diz ant racista, mas tá cagando se eu sou uma **PRETA** e **GORDA**, você só tá piorando o racismo que eu sofro bem juntinho e do lado da **GORDOFOBIA**, aliás vai se informar e estudar que a Gordofobia tem um recorte e origem **RACISTA**!

RACISTA

RACISTA

RACISTA (Valias, 2020, Grifos nossos)

É indispensável destacarmos alguns elementos que são importantes tanto para a construção do texto acima, quanto para nossa análise. O primeiro que identificamos é a utilização em caixa alta de algumas palavras que compõem a temática principal da publicação. As expressões **RACISMO**, **RACISTA**, **GORDOFOBIA**, **GORDA**, **GORDAS**, **PRETA**, **PRETAS**, **PRONTO**, **COR BRANCA** e **SE LIGUEM**, ganham evidência em relação às outras, podendo assim despertar a atenção do leitor que tem acesso à produção e levá-lo a determinadas interpretações.

Um segundo elemento é a construção da primeira sequência discursiva “A branquitude é tão forte e manipuladora nesse país [...]”, em que ao utilizar na mesma oração os termos branquitude e manipuladora, Ellen Valias não só especifica de qual grupo ela está falando, mas também a maneira que ela a qualifica. Ao dar o atributo de manipuladora, a ativista está indicando ao seu leitor a sua concepção sobre tal grupo, assim como aponta para a capacidade que ele tem de induzir pessoas a concordarem e/ou seguirem a sua maneira de compreender e

explicar o mundo, o que segundo Fairclough (2001 [1992]) caracteriza-se como um processo ideológico.

Ellen Valias constrói sua publicação a partir de um **juízo negativo** - “**A branquitude é tão forte e manipuladora** nesse país, que os anti-racistas querem combater o **RACISMO com GORDOFOBIA**”- que considera o posicionamento deste grupo como algo inaceitável, ou seja, o ato de combater o racismo com gordofobia não se caracteriza como um movimento apropriado. Em que a branquitude usa a gordofobia como instrumento de combate ao racismo. Ellen avalia explicitamente “sobre a forma correta de comportamento - como deveríamos ou não nos comportar” (White, 2004, p. 183), ou seja, ela julga a branquitude de maneira negativa e grau de intensidade: forte e manipuladora.

Para além dos aspectos já citados, é imprescindível apontar dentro da análise textual o uso do termo “tão”, que ao ser alocado em uma posição que antecede a palavra “forte”, indica uma acentuação da afirmação em relação à força que a branquitude possui no que diz respeito ao Brasil, revelando assim que ela não se caracteriza como uma força qualquer.

Em - “E você BRANCO que se diz ant racista, mas tá cagando se eu sou uma PRETA e GORDA, você só tá piorando o racismo que eu sofro bem juntinho e do lado da GORDOFOBIA”, a palavra “cagando” é usada no **sentido figurado**, produzindo efeito de sentido e avaliação negativo, ou seja, não se preocupam ou mesmo consideram sua condição e o que ela pode acarretar. Já a expressão -“só tá”- reduz a possibilidade de mudança da branquitude, assim como reafirma a avaliação negativa que a ativista gorda tem em relação ao comportamento de tal grupo. Ou seja: a branquitude, com seus privilégios brancos, em vez de ajudar, intensifica o racismo que ela sofre interseccionalizado à gordofobia.

A repetição da palavra RACISTA enfatiza ainda mais o objetivo de Ellen Valias, que é o de criticar a postura da branquitude enquanto um grupo que ocupa uma posição de privilégio que foi e ainda é elemento que garante o acesso a diferentes bens, serviços e posições de poder no que diz respeito à vida em sociedade. Deste modo, tal grupo, como apontado por Almeida (2019), representa uma forma do poder hegemônico, este que se configura como “uma forma de dominação que é exercida não apenas pelo exercício bruto do poder, pela pura força, mas também pelo estabelecimento de mediações e pela formação de consensos ideológicos” (Almeida, 2019, n.p). Ou seja, o autor destaca o processo em que a dominação racial torna-se um elemento que é frequentemente naturalizado, e por isso, garante aos agentes do referido grupo uma gama de vantagens perante aqueles que não compõem tal coletividade. Demonstrando que assim como a gordofobia e o racismo se institui a partir de uma operação

discursivo-ideológica de reificação (Thompson, 2002) (re)produzida pelo Sistema moderno-colonial, que contribui para uma naturalização de tais discriminações no âmbito social.

Ellen Valias a partir de sua publicação faz o movimento de questionar não só o privilégio da branquitude, mas também a falta de reflexão sobre o que a gordofobia pode causar na vida de pessoas gordas. A ativista, a partir da identificação da combinação de opressões (Collins, 2019), estando elas relacionadas ao seu corpo gordo, preto e feminino, questiona o “equilíbrio instável” (Fairclough, 2001[1992], p. 122) que é gerador do poder que respalda a ação da branquitude. Por conseguinte, se insere numa constante luta para tentar “romper alianças e relações de dominação/subordinação” (Fairclough, 2001[1992], p. 122), que se desenvolvem dentro e fora das redes sociais.

Dando continuidade à nossa análise, apresentamos abaixo outra publicação em que buscamos destacar os elementos os quais Ellen Valias recorre para construir seu ativismo no *Instagram*. O texto que foi publicado em 1 de julho de 2020 se constrói a partir de um questionamento da ativista no que diz respeito à iniciativa de um youtuber brasileiro de pedir indicações de pessoas que abordassem conteúdos sobre a gordofobia.

@felipeneto pediu indicações de pessoas para aprender sobre gordofobia, e **todo mundo** indicando como disse minha amiga @lxcarvalho
Pessoas **gordas brancas, brancas e brancas!**
É nessas horas que a **preta e gorda é invisibilizada pra quem não acredita, se liga aí!**
Se liga aí **como é que funciona na vida real!** (Valias, 2020. Grifos nossos).

É necessário apontar alguns elementos interessantes. O primeiro deles é o uso da expressão “todo mundo”, alocada em posição anterior à palavra “indicando” enfatizando e generalizando que muita gente está orientando o influencer para um perfil específico de pessoas gordas. Ou seja, ao utilizar a referida expressão, a ativista dá indícios que a grande maioria das indicações, quase que em sua totalidade, vai direcionar a pesquisa de @filipeneto para o perfil de mulheres gordas brancas. Traz ainda como complemento a comprovação daquilo que está falando através de -“como disse minha amiga @lxcarvalho”-, buscando assim a voz externa de Luana Carvalho (também ativista gorda e preta que compartilha seu conteúdo no Instagram) para endossar seu posicionamento.

Em - “Pessoas gordas brancas, brancas e brancas!” - reforça o grupo o qual ganha destaque nas indicações, ou seja, as mulheres gordas mas que são brancas. A repetição da palavra “brancas” separadas por vírgula e da conjunção “e”, além de dar a ideia de que ela está elencando as pessoas, que por sinal são as mesmas, faz ainda um movimento de adição, o que

discursivamente enfatiza a presença do racismo até dentro do ativismo gordo, ressaltando assim o aparecimento de apenas pessoas gordas brancas nas indicações feitas ao Youtuber. Analiticamente, ao apontar tal movimento como uma forma de invisibilização de mulheres pretas gordas, Ellen Valias nos permite trazer para a discussão o que a Socióloga Patrícia Hill Collins (2019) destaca ao falar da experiência de mulheres negras em contexto transnacional, que é o fato de não haver outra forma de analisar suas vivências, desafios e conquistas sem compreender que elas continuam inseridas em uma realidade em que há uma “matriz global de dominação” (Collins, 2019, p. 385).

O uso dos enunciados “É nessas horas”, “é invisibilizada”, “pra quem não acredita”, “se liga aí”, “como é” e “vida real” que aparecerem nas duas últimas linhas da publicação, fazendo o movimento de não só apontar, mas exemplificar a necessidade de racializar o debate sobre gordofobia. Revelando que, mesmo quando o assunto são os corpos gordos, há ainda diferenciação e invisibilidade intragrupal de certas pessoas e suas pautas, como é o caso das mulheres pretas dentro do movimento antigordofóbico, fazendo assim um **juízo negativo** (White, 2004) - “É nessas horas que a preta e gorda é invisibilizada pra quem não acredita, se liga aí!”-. Assim, a ativista destaca discursivamente o quanto o racismo em articulação com outras opressões interseccionais é capaz de produzir “efeitos violentos sobre a mulher negra em particular” (Gonzalez, 1984, p. 224). Demonstra que ao se caracterizar como uma ativista gorda, preta e periférica, têm seu trabalho limitado por diferentes aspectos sociais que são tanto produto quanto produtores de estruturas discursivas.

Para além dos aspectos já abordados ao longo das temáticas que foram aqui analisadas, existem ainda algumas questões que necessitam ser desenvolvidas em nosso estudo. A primeira delas é referente ao uso de palavras abreviadas e também a evidência (em caixa alta) de palavras e expressões como: PRETA, GORDA, RACISMO, FORTALECER, TAMUJUNTO, GORDOFOBIA, ACOLHIMENTO, CORAGEM, CORPO GORDO, RACISTA, SE LIGUEM, FELIZ, MEDO, dentre outras tantas, estas que ao fazerem parte de um campo semântico, são usadas aqui, como já apontado anteriormente, para a construção de um discurso ativista, de resistência e reexistência.

Ellen Valias ao se posicionar e construir discursos que se desenvolvem a partir do **juízo negativo** (White, 2004) da gordofobia, posiciona-se ideologicamente de maneira contrária às ordens do discurso (moda, medicina, indústria da beleza) que continuam vinculando os corpos gordos à ideia de fracasso, descuido, doença e falta de beleza. Ao buscar transformar as práticas discursivas, e consequentemente, as práticas sociais que ainda insistem em estigmatizar os corpos gordos, ela propõe juntamente com outras mulheres gordas, a

ressignificação, o empoderamento, assim como a construção e divulgação de novas narrativas sobre os corpos gordos, representando assim um embate “aos pontos de maior instabilidade” (Fairclough, 2001 [1992], p. 122) que estão no interior da luta hegemônica.

Sinaliza assim a necessidade de entender a gordofobia e as várias formas pelas quais ela se manifesta, é construída, reproduzida e iterada na vida em sociedade. Destaca que é imprescindível analisar a maneira a qual o corpo gordo é compreendido dentro de uma estrutura de saberes, como os

saberes hegemônicos em que o corpo gordo é entendido como doente, inferior e desprezível, reverberando na sociedade contemporânea, um ódio a pessoas gordas e provocando perda de direitos, falta de acessibilidade e estigmatização, que as exclui, humilha, cria traumas, muitas vezes, mata (Jimenez-Jimenez, 2020b, p. 148).

Chama atenção para o fato que a gordofobia já opera na infância de muitas pessoas. Demonstra que as consequências do referido preconceito podem reverberar até a fase adulta de muitos indivíduos. Ou seja, através de um não acolhimento de crianças gordas no contexto escolar, nas aulas de Educação Física, e paralelamente, à vinculação destes corpos gordos à incapacidade de desenvolver diferentes atividades, criam-se discursos, atitudes, crenças e ideologias que desqualificam tais corpos.

Como apontado por Maria Luisa Jimenez-Jimenez em que “ser uma criança gorda é começar bem cedo a entender e aprender o que acontece socialmente quando seu **corpo não está em conformidade** com a **decisão social** do que é estar **saudável e bela**” (Jimenez-Jimenez, 2020b, p. 149, grifos nossos).

Assim, culpabilizar os corpos em vez de repensar práticas e estruturas que reforçam ideias que os desqualificam e desenvolvem a sua patologização, é um movimento mais fácil, prático e capaz de reforçar desigualdades já existentes. Como salientado por Ellen Valias, gerar insegurança nas pessoas, questionar seus corpos, assim como sua saúde, se apresenta como uma ferramenta capaz de barrar o acesso a diferentes experiências e oportunidades.

A partir disso, podemos estabelecer mais uma vez um diálogo com os conceitos de ideologia e hegemonia trabalhados por Fairclough (2001[1992]). Ao destacar que as práticas discursivas podem ser investidas ideologicamente “à medida que incorporam significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder” (Fairclough, 2001[1992], p. 121), o linguista nos auxilia a pensar que o desconforto com a aparência é lucrativo, movimenta um mercado de cirurgias, procedimentos estéticos, cosméticos e produtos de beleza, favorecendo assim com que grupos e instituições continuem, ou pelo menos tentem, exercer “dominação nos

domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade” (Fairclough 2001[1992], p. 122), no nosso caso, na sociedade brasileira.

Voltando-se à questão da gordofobia enquanto elemento que está inserido nas mais variadas relações sociais que as pessoas desenvolvem, Ellen Valias destaca a partir de seu ativismo que tal estigma pode afetar as pessoas em diferentes graus. É assim compreendida como uma barreira para essas pessoas, se apresentando tanto física quanto simbolicamente. Não possuir equipamentos em hospitais que suportem seu corpo, não ter segurança de sentar em cadeiras de lugares públicos, não passar na catraca do ônibus, não poder viajar por medo de não caber na poltrona, não ser contratada pelo seu peso, essas e outras situações vinculam a ideia de que o mundo não está preparado ou disposto a se adaptar para incluir tais pessoas, e é isso que Ellen Valias questiona em suas publicações, assumindo um posicionamento “que demonstra a falta de reconhecimento da diversidade dos corpos e compromete a justiça social” (Carvalho, 2018, p. 88).

Ao propor uma reflexão dentro do próprio ativismo gordo desenvolvido por ela e por outras mulheres, a ativista indica a necessidade de se pensar a maneira pela qual a gordofobia atinge diferentes pessoas, levando em consideração o tamanho, a raça, a classe, a existência ou não de deficiência, assim como o acesso à informação. Na perspectiva de Ellen Valias é necessário um ativismo que considere as diferentes vivências e experiências, em que mesmo tendo a questão da gordofobia em comum, tal fator não garante que as mulheres sejam afetadas da mesma forma. Assim, ela aponta que racializar o debate sobre a gordofobia se apresenta como um movimento bastante necessário, pois considerando que “as condições estruturais brasileiras operam e atravessam os corpos que fogem aos padrões privilegiados branco e magro, vulnerabilizando-os e violentando-os” (Gomes; Carvalho, 2020, p. 1691), pensar a trajetória de mulheres pretas e gordas no contexto brasileiro se apresenta como uma pauta urgente.

Outro aspecto que se faz presente no ativismo de Ellen Valias é o de pautar o recorte econômico no interior das discussões sobre gordofobia, reforçando a pluralidade de perfis que constituem os grupos que se propõem a abordar o tema. Assim, vai ao encontro a apontamentos feitos por Maria Luisa Jimenez-Jimenez, em que ao falar do ativismo gordo destaca que:

São muitas as interseccionalidades que formam o ativismo gordo, não somos um bloco fechado em que todos os corpos gordos são iguais e sofrem das mesmas exclusões e sofrimentos; apesar de termos identificações de sofrimentos, outros existem e se somam a mais estigmas e dores.

Pensemos, por exemplo, nas negras gordas, pobres, transexuais, mulheres mais velhas, lésbicas, bissexuais, gays. Quanto mais dissidentes e longe dos padrões de corpos aceitos socialmente, mais dores, traumas e diferentes pautas surgirão na luta (Jimenez-Jimenez, 2020a, p. 179)

Assim sendo, o excerto apresentado acima evidencia a necessidade de trazer para a análise uma abordagem interseccional, pois a partir do entendimento de que Ellen Valias aborda a gordofobia em articulação com outras opressões interseccionais (Collins, 2019), destacar os aspectos econômicos se configura como um movimento necessário pois pode interferir diretamente em uma maior exclusão e marginalização de pessoas gordas.

As publicações circuladas no perfil de Ellen Valias (@atleta_de_peso) no período de 11 de março a 10 de setembro de 2020, que problematizam a gordofobia enquanto aspecto que dificulta a inserção de corpos gordos no esporte, bem como a associação de tais corpos a estigmas, são construídas a partir de estratégias que buscam uma maior interação entre Ellen e as pessoas que têm acesso a seu conteúdo. Uma delas é a comunicação mais direta, acessível, demonstrando o que ela defende como necessário, a divulgação das discussões sobre gordofobia.

A segunda está ligada à primeira, em que Ellen, ao utilizar situações cotidianas para exemplificar as várias formas pelas quais a gordofobia pode se manifestar, amplia o seu alcance no que diz respeito ao entendimento da mensagem que procura divulgar. Ellen Valias fala da periferia para a periferia, ela se preocupa em alcançar as pessoas que estão fora dos espaços acadêmicos, que muitas vezes são vítimas de gordofobia e nem sabem dar nome para aquilo que lhes afeta. O excerto abaixo é um bom exemplo para os apontamentos em questão.

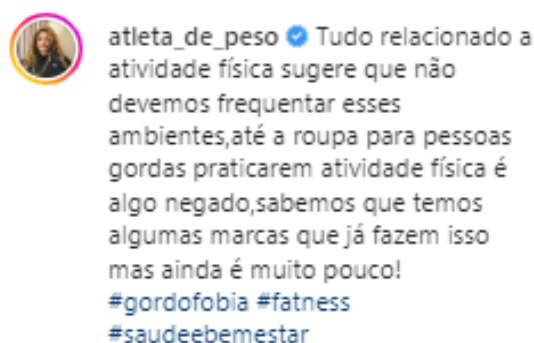
Perdi as contas das vezes q coloquei sutiã e 2 tops p segurar meus seios
 2 leggings c/medo d rasgar e ficar c/a bunda d fora
 Tudo isso p/me exercitar
 Fazer atividade física c/uma roupa q te sirva deveria ser o mínimo
 Deu p/entender o que é gordofobia?
 É a falta de acessibilidade.
 Tudo relacionado a atividade física sugere que não devemos frequentar esses ambientes, até a roupa para pessoas gordas praticarem atividade física é algo negado, sabemos que temos algumas marcas que já fazem isso mas ainda é muito pouco! (Valias, 2020).

A publicação circulada em 14 de junho de 2020 exemplifica as duas estratégias elencadas acima. Nela, através da abreviação de algumas palavras, questionamentos - "Deu p/entender o que é gordofobia?" - e apontamentos sobre situações cotidianas - "Perdi as contas das vezes q coloquei sutiã e 2 tops p segurar meus seios"-, Ellen Valias aborda a gordofobia de uma maneira mais palpável, com elementos de fácil explicação e compreensão.

Uma terceira estratégia utilizada por Ellen Valias e que influencia diretamente no alcance de suas publicações é o uso de hashtags que direcionam seu conteúdo para um conglomerado de outras tantas publicações. Tais palavras chaves são agrupadas de acordo com a temática que elas se enquadram e podem ser encontradas e utilizadas em diferentes redes sociais. Ellen possui como característica de suas publicações a recorrência de hashtags que envolvam gordofobia, racismo, atividades físicas, questões de saúde mental, de representatividade e também acesso (Figura 10). A aplicação de tal estratégia pode ser decorrente da falta de visibilidade que Ellen e outras mulheres pretas e gordas sofrem na rede social *Instagram*.

Deste mesmo modo, utiliza também algumas vezes da **releitura de hashtags** de grande alcance, como é o caso de **#fatness**, como mostrada na figura abaixo, usada como alternativa para **#fitness**, já que a última é muitas vezes associada ao emagrecimento, à ideia de saúde, assim como à magreza.

Figura 9: Algumas hashtags utilizadas por Ellen Valias



Fonte: https://www.instagram.com/atleta_de_peso/

Em relação à utilização de *hashtags*, apontado no parágrafo anterior, podemos destacar com base em contribuições de Julia Lourenço Costa (2022), que as *hashtags*, enquanto ferramentas utilizadas por grupos que desenvolvem militâncias em espaços virtuais, são capazes de “condensar em uma palavra, ou sequência curta de palavras, temas relevantes e polêmicos de determinado acontecimento” (Costa, 2022, p. 7). Ou seja, através do uso e também releitura de *hashtags* que são amplamente divulgadas, Ellen Valias mobiliza, divulga e potencializa as pautas que propõe abordar e discutir em seu perfil da rede social *Instagram*.

Por conseguinte, ao se colocar como agente que critica saberes hegemônicos sobre os corpos gordos, a ativista procura ressignificar dentro do esporte/atividade física a maneira pela

qual seu corpo e de outras pessoas é compreendido e representado. Por meio de suas publicações busca a legitimação e reafirmação da capacidade dos corpos gordos, da importância da representatividade, assim como a necessidade de visibilidade de pautas que discutem a gordofobia por uma perspectiva interseccional. O excerto abaixo pode exemplificar os pontos em questão.

Nosso corpo é tão invisibilizado e julgado, que as pessoas ainda não aceitam que podemos nos exercitar e que não somos sedentários. Aprendam de uma vez, nós fazemos atividade física e não é somente para emagrecer ok (Valias, 2020).

Deste modo, ao trazer à tona não só o processo de marginalização e exclusão social de pessoas gordas, mas também a necessidade de refutar os modelos hegemônicos que são construídos socialmente em relação aos corpos gordos femininos, encontra na rede social a possibilidade de sua utilização como ferramenta para o desenvolvimento de seu ativismo. Faz com que a cada dia pessoas de diferentes partes do Brasil tenham acesso às suas discussões, ampliando assim seu potencial combativo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de analisar a maneira discursiva-crítica como Ellen Valias, mulher gorda, preta, periférica produz discursos ativistas que combatem a gordofobia através das publicações realizadas no *Instagram*, buscamos através das recorrências léxico-gramaticais identificar como ela avalia por meio do afeto, do julgamento e da apreciação (White, 2004) as práticas e atos de gordofobia. Para além disso, analisamos como seu corpo interseccionado é capaz de produzir discursos ativistas de resistência e reexistência.

Podemos destacar que a análise, assim como os resultados decorrentes dela, apontam para a ressignificação desenvolvida por Ellen Valias dentro do esporte/atividade física, esta que busca transformar a maneira pela qual os corpos gordos, incluindo o seu, são compreendidos e representados nestes espaços. Deste modo, a ativista faz o uso da rede social *Instagram* para denunciar a marginalização, a exclusão social e a falta de acesso que as pessoas gordas enfrentam diariamente. Refuta os modelos hegemônicos que são construídos e reproduzidos em relação aos corpos gordos femininos, colocando-se como agente decolonial e crítica que evidencia e destaca a necessidade de discutir pautas sobre a gordofobia a partir de uma perspectiva interseccional.

Se coloca como agente produtora de discursos de caráter denunciante, ativista e de reexistência, ao dar visibilidade à discussão da atividade material, que destaca a falta de acesso, seja por não passar na catraca, nos tamanhos das cadeiras que não são pensados em pessoas maiores, e até na falta de equipamentos hospitalares que sejam apropriados aos corpos gordos. Se utiliza da afirmação e da ênfase para denunciar os saberes hegemônicos e ideológicos que insistem em patologizar e unificar os corpos gordos.

Evidencia a gordofobia como uma violência usada para discriminar, marginalizar, estigmatizar e violentar pessoas gordas, esta que é pautada principalmente na ideia da insuficiência. A insuficiência de beleza, a insuficiência de saúde, a insuficiência de acesso, a insuficiência de políticas públicas. Ela, que usada para fins não só mercadológicos, mas também para a manutenção do poder de alguns grupos e das relações de desigualdade existentes no meio social, encontra no ativismo gordo um grande opositor.

A morte social dos corpos gordos já não é a única narrativa encontrada nos espaços de debates, do saber, da produção de conhecimento. Ela se tornou um obstáculo que é amplamente combatido por muitas mulheres gordas no contexto brasileiro, sendo uma delas, Ellen Valias. A mulher gorda, preta, periférica, estudante de Educação Física, já não aceita os discursos que pregam e naturalizam a insuficiência de seu corpo, seja pelo seu tamanho, por sua cor, por seu

gênero ou classe social. Faz o uso do *Instagram* para fazer circular seus textos, vídeos, assim como os discursos combativos de resistência e reexistência contra a gordofobia.

A ativista, ao apontar situações recorrentes no cotidiano de inúmeras pessoas gordas brasileiras, sendo elas, em sua maioria, influenciadas pela ação da gordofobia, utiliza-se do seu lugar de fala, assim como de seu protagonismo, alcance e visualizações no *Instagram*, para denunciar as práticas sociais e discursivas gordofóbicas que ainda são produzidas e reproduzidas em espaços públicos e privados. Por conseguinte, questiona as representações que estigmatizam os corpos gordos, assim como critica o desconforto com a aparência que é visto por ela como uma estratégia para fins mercadológicos que visam principalmente o lucro.

Ellen Valias tenta através de seu ativismo produzir práticas discursivas e sociais re/desarticulatórias de lutas hegemônicas, no processo que busca a desnaturalização da gordofobia e do racismo nas práticas de atividades físicas, assim como nas relações de trabalho, nas relações desenvolvidas em espaços escolares, na mídia, nas relações afetivas, dentre outras. Faz assim o movimento de reivindicar o seu lugar enquanto agente crítica que se coloca como responsável pela produção de uma nova narrativa sobre os corpos gordos. Tal posicionamento crítico busca evidenciar os corpos gordos como capazes, belos, com saúde, bem como merecedores de respeito e acessibilidade.

Através de seu corpo interseccionado, assim como de sua história, de suas vivências, faz avaliações atitudinais que buscam no discurso de resistência apontar para a existência de um sistema que objetiva a padronização e a culpabilização do outro. Isso acontece por ele ser diferente do padrão de beleza, feminilidade e saúde que foram construídos historicamente e discursivamente como aquele que deve ser seguido, se apresentando assim como mecanismo de marginalização e exclusão de certos grupos.

Por fim, podemos afirmar que Ellen Valias ao desenvolver seu ativismo gordo no *Instagram*, se coloca no plano social como agente decolonial de uma práxis política que busca na produção e circulação de novas narrativas, discursos e práticas, o evidenciamento e potencialização de outros saberes, poderes, representações e apreensões sobre os corpos gordos e pretos.

5. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. 1. ed. São Paulo/Brasil: Pólen Livros, 2019.
- ANZAI, K. O corpo enquanto objeto de consumo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 21, n. 2, p. 71-76, 2000. Disponível em: <http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/786/458>. Acesso em: 10 mar. 2023
- ARRUDA, A. S. **O peso e a mídia: uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade**. 2019. 116 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Paulista, São Paulo, 2019.
- ARRUDA, A. S; MIKLOS, J. O Peso e a mídia: estereótipos da gordofobia. **Líbero**, v. 23, n. 46, p.111- 126, 2020. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1116>. Acesso em: 14 mar. 2021.
- BACELAR, A. P. de S.; DAMASCENO-MORAIS, R. As molduras argumentativas do Instagram: design descritivo-analítico de interação multimodal. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 938–954, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1957>. Acesso em: 06 fev. 2023.
- BARBOSA, M. R; MATOS, P. M; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & sociedade**, v. 23, p. 24-34, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/WstTrSKFNy7tzvSyMpqfWjz>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- BARONAS, R. L.; COSTA, J. L; FABIANO, B. de O. ‘Ora-yê-yê-ô’ ou beleza negra: da ressignificação discursiva ao empoderamento negro. **Revista de Letras**, v.1, n. 41, p.155-166, jan./jun. 2022. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/81102>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- BERNARDINO-COSTA, J. A prece de Frantz Fanon: oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 16, n. 3, p. 504-521, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/Gy3hNTtTpgyKWttsz4L674C/>. Acesso em: 06 dez. 2023.
- BUENO, W. C. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle**. 2019. 167f. Dissertação (Mestrado em Direito) Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2019.
- CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, não paginado (n.p). 2019.
- CARVALHO, A. B. **Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: Tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas**. 2018. 138f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2018.

CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: Rethink critical discourse analyses: textual analysis for social research**. London, New York: Routledge, 1999.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 32, n.1, p. 99-127, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-69922016000100099&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 05 jan. 2021.

COLLINS, P. H. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. **Cadernos pagu**, n. 51, n.p. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpa-18094449201700510018.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2021.

COLLINS, P. H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Parágrafo: **Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM**, São Paulo, v. 5, n.1, p. 6-17, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>. Acesso em: 23 out. 2021.

COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COLLINS, P. H; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2021.

COSTA, J. L. “Dualismo digital” no ativismo contemporâneo: uma abordagem discursiva da #elenão. **Linguistic Frontiers**, v.5, n.2, p. 5-14, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/364107937_Dualismo_digital_no_ativismo_contemporaneo_uma_abordagem_discursiva_da_elenao. Acesso em: 15 fev. 2023.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, n. 1, p.171-188, 2002.

DANNER, L. F; DORRICO, J; DANNER, F. Decolonialidade, lugar de fala e voz-práxis estético-literária: reflexões desde a literatura indígena brasileira. **Alea: Estudos Neolatinos**, v. 22, p. 59-74, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/gSLJSgfsj6JwNSx9tKXB3Pk/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 15 abr. 2023.

DÍAZ BENÍTEZ, M. E. Muros e pontes no horizonte da prática feminista: uma reflexão: In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. Não paginado.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de M. I. Magalhães. Brasília: Ed da UnB, 2001[1992].

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London, New York: Routledge, 2003.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2009.

FLORINDO, K. S. PESO: o marcador social indesejável. A intensificação da morte social do corpo gordo em tempos da Covid-19. **MAIS QUE AMÉLIAS**, União da Vitória - PR, v. 8, p. 29 – 40, 2021. Disponível em: <https://rstmaisqueamelias.wixsite.com/maisqueamelias/2021>. Acesso em: 30 mar. 2023.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GAIA, R. da S. P. Subcidadania, raça e isolamento social nas periferias brasileiras: reflexões em tempos de COVID-19. **Revista Thema**, Pelotas, v. 18, n. ESPECIAL, p. 92–110, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1827>. Acesso em: 17 mar. 2023.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 28-40, 2008.

GOMES, M. C. A.. Estudo das reações sociodiscursivas verbais em ambientes de interação virtual. In: RESENDE, V. de M; ARAUJO, C. L; REGIS, J. F. da S. (Org.). **Discurso, política e direitos: por uma análise de discurso comprometida**. 1ed. Brasília: Editora UnB, v. 1, p. 17-49, 2020.

GOMES, M. C. A.. PROPONDO UMA ABORDAGEM DE ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA GENERIFICADA. In: GOMES, M. C. A; VIEIRA, V; CARVALHO, A. B. de. (Org.). **Práticas sociais, discurso, gênero social: explanações críticas sobre a vida social**. 1ed. Curitiba: Editora Appris, v. 1, p. 77-100, 2020.

GOMES, M. C. A; CARVALHO, A. B.. “Não podem ser negras e gordas”: analisando a violência verbal em reações sociodiscursivas produzidas por leitores/as em contextos jornalísticos digitais brasileiros. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 28, n. 4, p. 1667-1695, out. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/16720/pdf>. Acesso em: 10 de jul. 2022.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista ciências sociais hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

HOLLANDA, H. B; COSTA, C. Rede. In: **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade** /Heloisa Buarque de Hollanda — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, p. 43- 60, 2018.

JIMENEZ -JIMENEZ, M. L. **Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos**. 2020. 237f. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, MT, 2020a.

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. **Epistemologias do Sul**, v. 4, n. 1, p. 144-161, 2020b. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2643>. Acesso em: 16 mar. 2021.

LIMA, M. R. **A Rainha da lapa e o padre: uma análise discursivo-crítica das representações sociodiscursivas de Luana Muniz nas práticas midiáticas digitais brasileiras**. 2019. 211f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2019.

LOUREIRO, C. de F. R. **Violência doméstica contra mulheres e Pandemia de Covid-19: uma análise discursiva multimodal com dados do Instagram**. 2022. 294 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

LOURO, G. L. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25 (2), p. 59-75, jul./dez. 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/46833>. Acesso em: 16 set. 2020.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56), p. 17-23, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643470> . Acesso em: 06 jan. 2021.

LUCHO DE ARAUJO, L. G.; EICHLER, M. L. O descaso epistêmico diante da pandemia de COVID-19 no Brasil. **Revista Thema**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 174–189, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/2184>. Acesso em: 19 mar. 2023.

MACEDO, L. B. Enegrecendo os estudos críticos discursivos: contradições epistemológicas afroperspectivas para o campo da análise Crítica do Discurso no Brasil. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 1, p. 251-264, 2021. Disponível: <https://www.scielo.br/j/tla/a/bVHcK88WkJS5Fp7Hpc9jL5G/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2022.

MAGALHÃES, M. F. V. de. **Mulheres gordas nuas nas produções em Arte: absurdas provocações**. Anais eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11&13 Women's Worlds Congress, p. 1-12, 2017. Disponível em: https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1517917188_ARQUIVO_AbsurdasProvocacoesfmagalhaes.pdf. Acesso em: 06 fev. 2023.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 29-61, 2018.

MELO, Iran Ferreira de. Análise Crítica do Discurso: modelo de análise linguística e intervenção social. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 40 (3), p. 1335-1346, set-dez, 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1257>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MINOSO, Y. E. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. In: HOLLANDA, H. B. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, n.p, 2020.

NASCIMENTO, L. C. P. EU NÃO VOU MORRER: solidão, autocuidado e resistência de uma travesti negra e gorda para além da pandemia. **Revista Inter-Legere**, [S. l.], v. 3, n. 28, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/21581>. Acesso em: 13 dez. 2020.

NASCIMENTO, G. Entre o lócus de enunciação e o lugar de fala: marcar o não-marcado e trazer o corpo de volta na linguagem. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 60, n. 1, p. 58–68, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8661808>. Acesso em: 10 abr. 2023.

PIONORIO, L; PONTES, N. L. M. T. Toda Nudez será castigada? Mulheres gordas nuas entre conservadorismos moralizantes, censura e o valor de si. In: **44 Encontro Anual da ANPOCS**, p. 1-15, 2020, online. Disponível em: https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=2907. Acesso em: 09 ago. 2021.

RAMALHO, V. Constituição da Análise de Discurso Crítica: um percurso teórico-metodológico. **Signótica**, v. 17, n. 2, p. 275-298, 2005. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6323173>. Acesso em: 05 mar. 2023.

RANGEL, N. F. de A. **O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados**. 2018. 162 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2018.

RESENDE, V. M. Análise de Discurso Crítica: uma perspectiva transdisciplinar entre a Linguística Sistêmica Funcional e a Ciência Social Crítica. In: **33rd International Systemic Functional Congress**, 2007, São Paulo. Proceedings of the 33rd International Systemic Functional Congress. São Paulo: LAEL/PUC-SP, p. 1069-1081, 2006.

RESENDE, V. M; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo, SP: Contexto, 2006.

RIBEIRO, D. **O que é lugar da fala?**. Djamila Ribeiro. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, S de S. **Análise discursivo-crítica dos Relatos de Homens Trans em práticas socioescolares de Viçosa-MG**. 2020. 238f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2020.

SANT'ANNA, D. B. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. L. **Corpo e História**. 4.ed. Campinas/SP: Autores Associados, p. 3-24, 2001.

SANT'ANNA, D. B. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil** / Denise Bernuzzi de Sant'anna. - 1. ed. - São Paulo: Estação Liberdade, 184p, 2016.

SILVA, L. A. **Representações do corpo feminino na moda Plus Size no Brasil: um olhar multimodal em capas de revistas na versão online**. 2015. 152f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2015.

SILVA, M. J. da.; ASSIS, L. de.; PENAS, E. C. S. Entre o risco e o riso: uma reflexão sobre ter um corpo gordo durante a pandemia de covid-19. **MAIS QUE AMÉLIAS**, União da Vitória- PR, v.8, p. 41-49, 2021. Disponível em: <https://rstmaisqueamelias.wixsite.com/maisqueamelias/2021>. Acesso em: 30 mar. 2023.

SILVA, T. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. In: SILVA, T. (Org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos**, 1.ed.- São Paulo: LiberaRUA, p. 121-137, 2020.

SILVEIRA, S. M. L.; ROSSI, R. A.; DE VUONO, G. Pandemia: (mesmos) modos de morar e trabalhar? **Revista Políticas Públicas & Cidades**, Belo Horizonte, abril/dezembro, Volume especial, p. 1-5, 2020. Disponível em: <https://cidade-pandemia.com.br/2020/06/22/pandemia-mesmos-modos-de-morar-e-trabalhar-suzana-maria-renan-rossi-e-gabriel-vuono/>. Acesso em: 20 set. 2020.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de Reexistência**: culturas: culturas e identidades no movimento hip-hop. 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TOVAR, V. Meu corpo, minhas medidas. Tradução de Mabi Cosa. São Paulo: Primavera Editorial, 2018.

WHITE, P. Valoração – linguagem da avaliação e da perspectiva. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. esp, p. 178-205, 2004. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/295. Acesso em: 10 jan. 2021.

WOLF, N. O mito da beleza. In: **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 11-24, 1992.